

REVISTA DA SEMANA

N.º 52

23-12-44

CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL





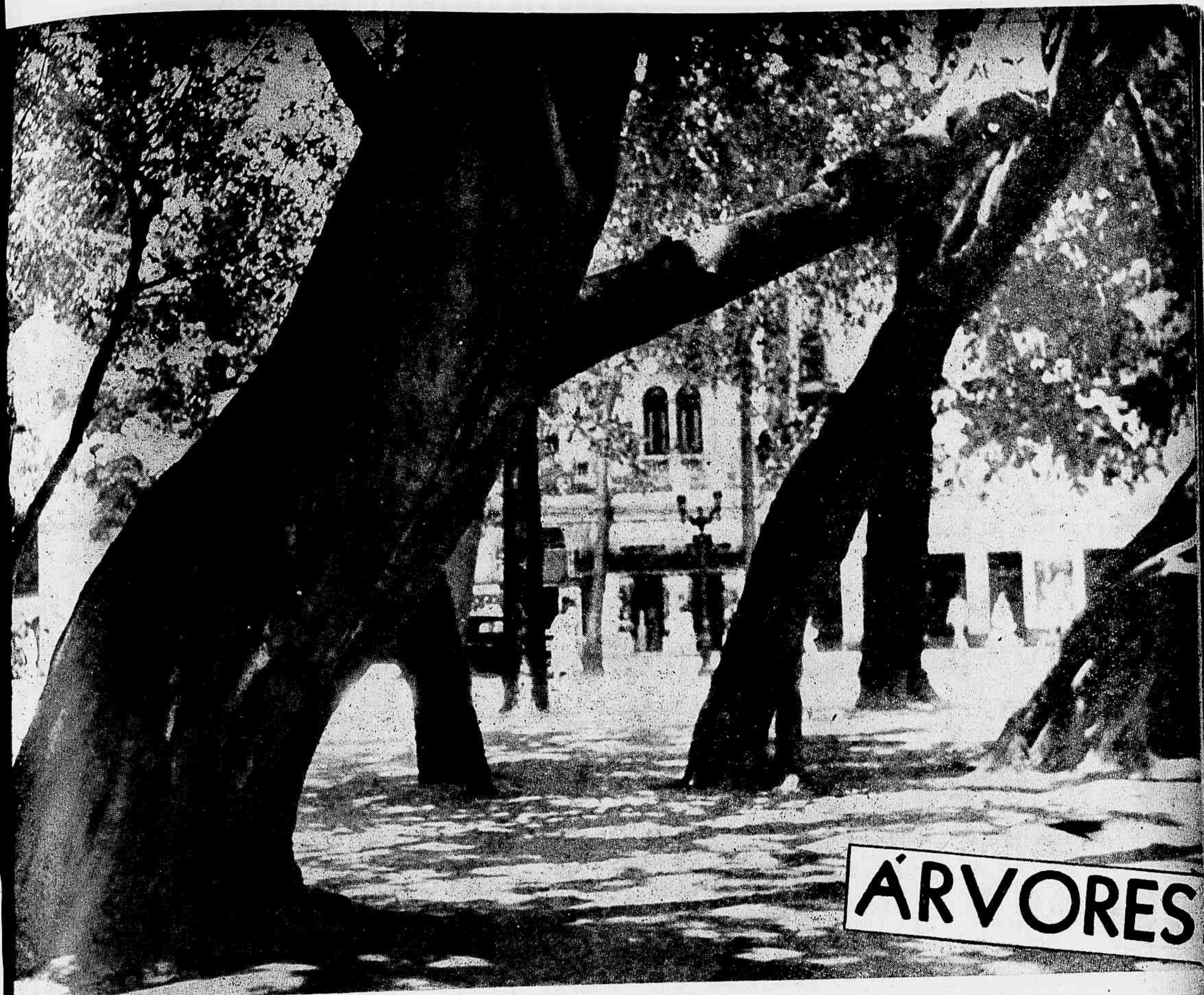
*Para os
"reveillons"
de
Natal
e
Ano Bom!*

O departamento de **toilettes** de grande gala da Casa LÚ-Modas oferece às damas elegantes os modelos mais a-LÚ-ci-nan-tes para os grandes bailes, recepções e festas de formatura. Visite o sub-solo da Casa LÚ-Modas e peça para ver, sem compromisso, as grandes sensações da moda feminina.



Casa LÚ modas

ASSEMBLÉIA esq. GONÇALVES DIAS



ÁRVORES

CONTA-SE que o velho Beethoven, já surdo e misantropo, numa das múltiplas ocasiões em que mudou de domicílio em Viena, perguntou ao novo senhorio logo ao transpor a porta de entrada: — “O senhor tem árvores no seu quintal?” E como o homenzinho respondesse com a negativa, resolveu logo — “Então não me serve; gosto mais de uma árvore do que de um homem”.

Mas não é preciso ser surdo, nem misantropo, nem gênio, para pensar assim. Talvez que para tanto baste ser civilizado. E' o eterno ciclo que se repete. O homem transformou de tal modo a crosta do planeta com os cinco dedos da sua técnica que já se aborrece da sua obra fria e acabada. E volta-se então para a velha Natureza em busca de vida, de emoção, de saúde.

A gente começa com vizinhos de flôres. Os holandeses, encurralados nos seus istmos, havia muito que não os dispensavam. Os americanos, encarapitados nas gaiolas dos arranha-céus, tratam-nas até com hormônios e ultra-violetas. Nós já vamos ficando um pouco assim. Entre nós há até quem goste de cactus, êsses cactus que nos fazem tremer de calor à distância. Mas é tão pouco ainda! Como se haveria de trepar numa árvore, êsse mais salutar dos esportes, na opinião do entendido professor Carrel?

E' verdade que os ricos inventaram o “sítio”, pedacinho bem educado de fazenda, com geladeira e rádio, aonde se vai de automóvel, levando sempre muita comida, porque com a terra não se pode contar. E os que podem lá vão, todos os sábados, no gozo requintado de uma natureza quase sintética.

Os menos ricos, que têm “sítio” próprio, já resolveram o problema a seu modo: fogem de quando em quando para um retiro qualquer improvisado em hotel. De qualquer forma é um retorno salutar à árvore. Só os pobres das grandes cidades ainda não a compreendem, ainda não a estimam: passam todos os dias por ela, nas ruas, nos parques, no subúr-

bio distante, e não lhe sabem sequer o nome, porque ignoram o consolo que há no seu aconchego e na sua sombra.

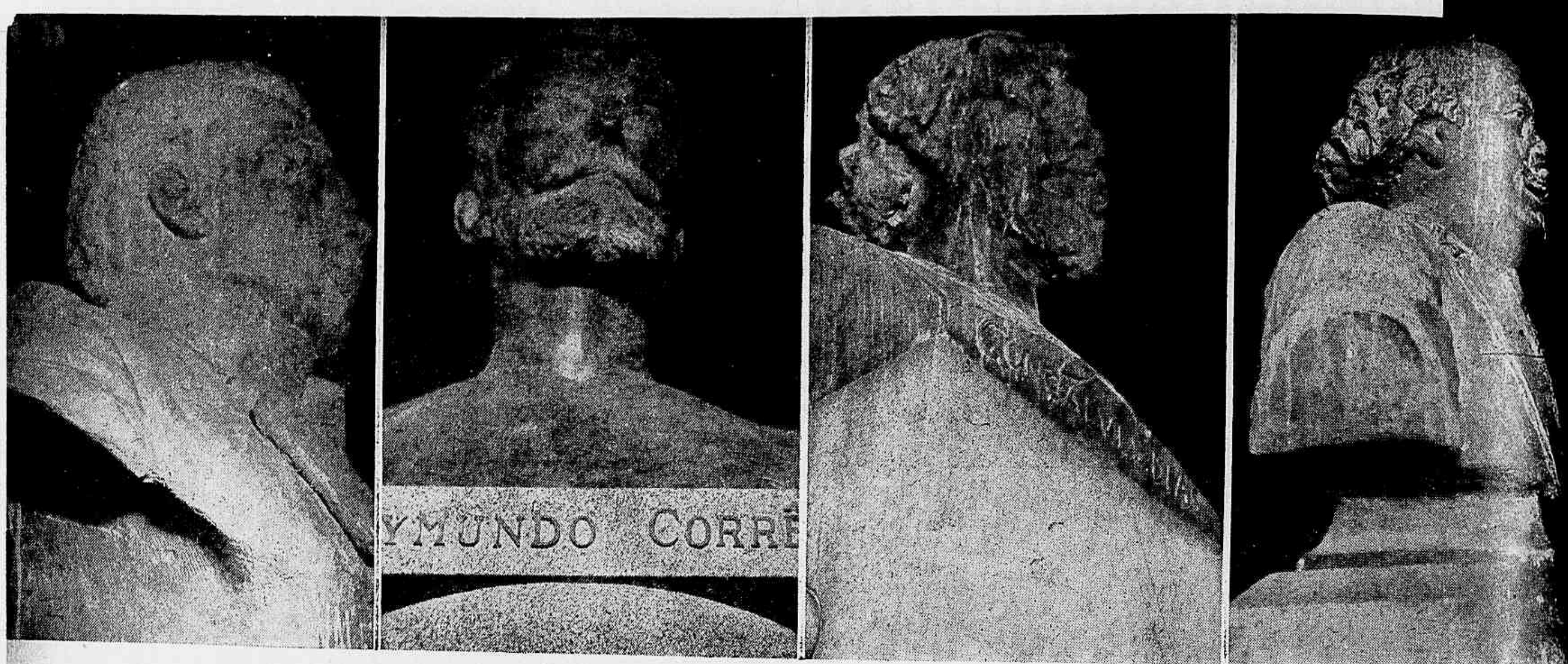
Como é triste uma criança que cresceu longe das árvores! Desconhece o encanto de folhear um livro de figuras sob a proteção matizada e fresca de uma fronde, não suspeita das vantagens que há em procurar um fruto reumante escondido no meio da ramaria, perde a melhor oportunidade de tonificar o olfato no convívio dos odores resinosos.

E' preciso que a criança viva junto à árvore, no campo, no jardim, e sobretudo na cidade, cada vez mais monstruosa e implacável. A árvore irá desenvolver nela uma sucessão de emoções, cada qual mais nobre; no princípio é o respeito quase religioso ligado também à idéia de proteção; aos poucos se cria a noção de confiança e amizade: é donde veem os frutos, é onde se pendura o balanço; finalmente o amor verdadeiro, produto de tudo isso e muito mais ainda, do germe do gozo estético que existe nos mais brutos.

O apartamento não mata a árvore: valoriza-a. O indispensável é que a infância urbana não se escravize ao cimento armado. O arranha-céu, ganhando a altura, abre lugar aos parques. E para lá é que é necessário mandar as crianças, como obrigação cotidiana, para que sintam as árvores como coisa sua. Não esquecer então que as árvores devem ter nome. A nossa indiferença neste ponto é tão grande que muitas delas, aclimatadas de longa data entre nós, são mais conhecidas por denominações científicas ou estrangeiras: eucalyptus, bougainvilles, flamboyants.

Já se disse que o poeta é um homem para o qual o mundo exterior existe. Nesse mundo exterior o que há de mais belo é a árvore. Nós temos cada vez mais urgência de poesia neste mundo mecânico e desarticulado. Deixai que a árvore reconduza a criança às fontes da poesia perene e insubstituível!

MARQUES REBELO



Aqui estão alguns dos bustos de eminentes vultos brasileiros, que se distribuem harmoniosamente pelas alamedas do Passeio Público. Da esquerda para a direita: Mestre Valentim, o homem a quem devemos a fundação daquele aprazível jardim, Raymundo Corrêa, Gonçalves Dias e Victor Meirelles. Suas hermas, reunidas, a pequenas distâncias, num mesmo local, dos mais tradicionais e legitimamente cariocas valem por um testemunho da homenagem do povo brasileiro.

OS BUSTOS DO PASSEIO PÚBLICO

Mau grado as constantes modificações que tem sofrido, ao influxo do próprio desenvolvimento da metrópole, é ainda o Passeio Público o mesmo encantador recanto carioca. Muito diferente daquele que Mestre Valentim ofereceu à cidade, e diferente, ainda, do Passeio Público ao tempo do cineminha ao ar livre e do palco de variedades, quase em frente ao atual edifício do Cine Metro. As grades desapareceram. O aquário ficou esquecido. Mas as hermas vão aumentando...





A maestrina Chiquinha Gonzaga, o prefeito Pedro Ernesto, o poeta Castro Alves e o pintor Pedro Americo lá estão também, cada qual no seu lugar apropriado, assistindo, serenamente, ao mudar dos tempos... Quantas coisas brejeiras eles devem assistir, ao cair da tarde, quando os bancos, nas alamedas, enchem-se de namorados e as confidências e murmúrios chegam até os ilustres vultos das hermas solitárias! Mas o bronze é discreto. Eles vêem, escutam — mas não passam adiante...

Há quem reclame contra o excesso de hermas existentes nas alamedas do velho jardim da Lapa. Mas nem por isso novas hermas deixam de ser inauguradas, ano após ano, tributando-se outras homenagens a vultos saudosos das nossas letras, da música, da pintura e de outros setores de atividade humana. Lá se encontram até as hermas cuja homenagem envolve personalidades ainda vivas, como nos casos de Olegario Mariano e Catulo da Paixão Cearense. Ao todo, passam de quinze os bustos que o transeunte pode contar, dentro dos jardins inaugurados por Mestre Valentim, mais por medida saneadora da cidade que propriamente para embelezamento daquele reduto. Onde hoje é a Lapa, os guanabarinós daqueles dias deparavam com lagôas malcheirosas, nas quais os resíduos e detritos atraíam insetos e larvas, provocando solenes protestos dos ilustres senhores coloniais... D. João VI recebeu a febre amarela. Mandou chamar mestre Valentim e encomendou-lhe o tra-

çado de um vistoso jardim, feito sobre o atêrro daquela zona insalubre. O artista serviu-se do pretexto para executar uma requintada obra de arte.

Os tempos evoluíram, o Passeio Público acompanhou toda a febre de remodelações e lá está, hoje, reduzido de um lado, destituído das grades, mas com o portão central de Valentim, conservado como valor estimativo. E a primeira herma do Passeio Público foi justamente a do homem a quem o Rio ficou devendo esse melhoramento. Depois, outras hermas vieram. E ainda outras continuam rumando para o Passeio Público. No fim de contas é esse um aspecto inconfundível, poético e mesmo pitoresco da capital da República. Com o tempo não serão quinze mas trinta ou mais as hermas que ali poderemos visitar. E quantos poetas, pintores, músicos e homens públicos em geral não sonham com essa inclusão no panteon moderno da cidade dita maravilhosa, quantos!



Olavo Bilac, o Príncipe dos Poetas Brasileiros.

Outras hermas do Passeio Público: do compositor Alberto Nepomuceno, do jornalista Irineu Marinho, da escritora dona Julia Lopes de Almeida e a do poeta Olegario Mariano. O cantor das cigarras, ainda em vida, pode compartilhar das confidências dos ilustres mortos. Outros bustos lá se encontram, no jardim das vizinhanças da Lapa, que a nossa objetiva não apanhou desta vez: Catullo e Hermes Fontes, inclusive. E outros, com o tempo, hão de ali instalar-se.





JOCKEY CLUB MUNDANO

Durante o desenrolar do programa turfístico de domingo ultimo, o Hipodromo da Gavea recebeu a visita do Rei Carol, que assistiu às carreiras da tribuna de honra e percorreu demoradamente as dependencias do grande prado de corridas. Fixamos nesta pagina uma foto desta visita e alguns instantaneos da brilhante assistencia feminina que alegrou o "meeting".



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 23-12-944 -- N. 52

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turin de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro.

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7868
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL. REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINALS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

Árvores (Marques Rebelo).....	3
Ano novo, velho tema (Berilo Neves).....	9
Jacob (Gustavo Durval).....	19
A morte do 845 (Humberto de Campos).....	27
O roubo do colar (Mac Conell).....	34
Semana Médica (Escragnolle Doria).....	38
Livros Novos (J. L.).....	42/43

REPORTAGENS:

Jockey Club.....	6
Um pouco da vida de Viriato Corrêa (Celius Aulicus).....	11/15
Procópio e o Teatro Retrospectivo.....	16/17
Figuras e Fatos.....	36/37

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	29
Figurinos e Modêlos.....	30/32
Copa e Cozinha.....	40
Trabalho Manual.....	41
Outras Modas.....	44, 50/55

CURIOSIDADES:

Os Bustos do Passeio Público.....	4/5
Costumes do Natal.....	18
Uma pin-up girl já nasce feita.....	20/21
O nascimento de Jesus.....	22/23
Um romance, para ser bom, deve ser curto.....	26
Pôr do Sol.....	28
Natal das Estrelas.....	46/47
Lupe Velez, a que não soube reagir.....	53

SEÇÕES:

A Semana em Revista.....	8
A guerra em marcha.....	24/25

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, todas as vezes que molhar os pés, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, tome uma colher (das de chá) de **Regulador Gesteira** e logo em cima meio copo de água.

Faça sempre assim, que evitará muitas doenças perigosas.

Use Regulador Gesteira

Regulador Gesteira evita e trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do utero, a asma nervosa, peso, dores e colicas no ventre, as perturbações e doenças da menstruação, anemia, palidez, amarelidão e hemorragias provocadas pelos sofrimentos do utero, fraqueza geral e desanimo, a fraqueza do utero, tristezas subitas, palpitações, opressão no peito ou no coração, sufocação, falta de ar, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, dormencia nas pernas, enjôos, certas coceiras, certas tosses, pontadas e dores no peito, dores nas costas e nas cadeiras, falta de animo para fazer qualquer trabalho, canções e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do utero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações desde o começo.

Regulador Gesteira evita e trata também as complicações internas, que são ainda mais perigosas do que as inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Aconteceu no Rio.....	33
De Rádio (Djalma Maciel).....	35

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	39
"Charge" de Raul.....	56

NOVELA:

"Covardia" (Berliet Junior).....	57/58
----------------------------------	-------

A nossa Capa

Este é ainda um número comemorativo de Natal, pois que seu aparecimento faz-se precisamente nas vésperas daquela gloriosa data cristã. Por isso mesmo, Adele Jergens, "estrela" da Columbia, cuja fotografia em maravilhosa tricromia estampamos na sobrecapa, oferece ao leitor o seu mais lindo sorriso, traduzindo um voto de Feliz Natal e um convite para folhear estas páginas, em cujo sumário ele irá encontrar muita leitura e muitas ilustrações alusivas à festividade de amanhã. Mas, de par com esse registro de Natal, há também uma variedade extraordinária de ilustrações, presididas pelo material de modas e cinema, e ainda várias reportagens interessantes. A destacar-se, essa que focaliza curiosos episódios da vida literária e particular do academico Viriato Corrêa.

E Com este número, completa-se o serviço especial de Natal que a nossa revista ofereceu ao público que o distingue om a sua preferência. E tratemos, p



agora, da edição de São Silvestre, para festejar o encerramento de mais um ano de atividades dentro da mais antiga publicação ilustrada do Brasil.

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

a Semana em Revista

ESPORTE ? !



O campeonato brasileiro de futebol terminou de maneira pouco agradável. Vencessem os cariocas ou os paulistas, interessa pouco, no caso em apêgo. Conviém ressaltar, neste momento, é a série de inconveniências e de incidentes pouco animadores que se verificaram nas últimas partidas realizadas em Pacaembu e em São Januário, saindo de cada uma delas pouco satisfeitos os "teams" contrários. Enquanto os jogadores cariocas, quando na terra bandeirante, tiveram por que se estremeecer com a maneira nada elegante com que se viram "corteados" em pleno campo, coisa muito parecida se repetiu aqui pelos nossos lados, e afinal a lei do "olho por olho" andou à solta em ambos os gramados, depondo contra o chamado espírito esportivo que deve, em casos tais, presidir a essas reuniões. Aliás, é oportuno indagar: trata-se, realmente, de esporte no fato de usar e abusar do direito de fazer represálias em um campo de futebol? Será, porventura, esporte no legítimo sentido do vocábulo, uma exibição de vinte e dois cavalheiros, cada qual mais bem pago, recebendo tantos mil cruzeiros por mês, e tantos mais por "goal" conquistado, e mais tantos mil caso seja conquistado o campeonato, e ainda um acréscimo de "bicho", não sabemos a título de mais que? Positivamente, isso é tudo quanto de menos esportivo pode conhecer-se...

Por esporte vai, em última instância, o torcedor que se abalou da comodidade do lar, quebrando o descanso do sétimo dia da semana, criado para repouso dos ossos depois dos seis outros de "batente", para correr o risco de levar uma garra-

fada no pericrâneo, em muito boas condições. Se há divertimento que menos compense o preço da entrada — vamos dizer o preço da cabeça partida — é o futebol, cujo "match" começa à hora que bem entendem os seus mentores, para terminar, quando termina, às tantas da tarde ou da noite, sem o menor respeito às conveniências do público e às dificuldades do transporte. Enquanto o público se reserva o direito de exigir a devolução do ingresso em um teatro ou cinema, se o espetáculo não vai até o final, no campo de esportes (?) assiste-lhe, quando muito, o direito de ir para casa falar mal do seu jogo preferido, mas disposto a voltar no domingo seguinte. E' por isso mesmo, porque o público volta sempre, que tais abusos proliferam. E a indisciplina, no transcurso de um prêmio do chamado jogo bretão, chega às raízes dos presidentes de alguns importantes clubes declararem, público e raso, não lhes ser possível pôr as coisas nos eixos. Indisciplina faz parte integrante do futebol. Não somos nós que o afirmamos, mas essa confissão nós a ouvimos, domingo último, revelada pela palavra de um dos mais autorizados locutores especializados na matéria.

Eis por que, parece-nos o assunto está fugindo às raízes dos familiares de futebol para interessar às autoridades, de vez que futebol faz parte do "carnet" de divertimentos quase obrigatórios de uma grande percentagem da nossa população. Em um desses escandalosos encontros esportivos (?), no estádio do Pacaembu, recolheram-se mais de quinhentos mil cruzeiros. Que benefício advém para a coletividade, mesmo para a educação física do povo, com o recolhimento de cifras tão astronômicas?

O assunto está reclamando a atenção dos maiores, dos responsáveis pelo absurdo e o descalabro que se registra nos setores futebolísticos e já reconhecido pelos próprios cronistas especializados. Do contrário, em lugar da "melhor das cinco", teremos em 1945 a "melhor das seis" ou sete... competições de cabeças partidas.

MAS QUEM FALA EM CARNAVAL ?



Quando se podia imaginar que em face da situação geral do país, este ano, ninguém pudesse cogitar de folguedões carnavalescos, e quando milhares de famílias brasileiras vivem de coração e pensamento voltados para terras distantes onde seus filhos empunham armas e expõem o peito às balas traiçoeiras do mais vil inimigo, eis que, sorrateiramente, aparecem os primeiros foliões, esquecendo tudo aquilo e cultivando projetos de grandes farras. Até agora todas as iniciativas desse gênero partem de entidades que ambicionam lucros materiais com a não interrupção do Carnaval carioca. Ninguém acredita que a população esteja, realmente, disposta a frequentar bailes, a mascarar-se, a gastar o dinheiro que não tem em luxuosas fantasias. São os forjadores de bons negócios, os homens de indústria, os aproveitadores de todas as ocasiões, que se movimentam nesse propósito tão digno de censura. Aparecem os primeiros "shows" nos casinos, montam-se revistas teatrais inspiradas em

motivos da outrora festa maior do Brasil, e articulam-se os homens de negócios, os fabricantes de bebidas, os alugadores de salões, os industriais da serpentina, dos "confetti", do lança-perfume, os chefes de orquestra, os sambistas...

Do outro lado do oceano milhares de brasileiros, sem tempo para cogitar de Carnaval, mostram que a nossa raça não é, absolutamente, a raça abatida e fútil que muitos julgavam. Carnaval, como fator de propaganda do Brasil, deve ficar para melhor oportunidade, porque agora nossa melhor propaganda é essa, confiada à mocidade que envergava o uniforme verde-oliva e que não o vai trocar pelo "tecnicolor" das fantasias garridas de Deus Momo.

Haja um pouco de vergonha, senhores... E se não for bastante o lucro de seus negócios, no transcurso do ano inteiro, descubram-se outros bons meios de ganhar a vida e enriquecer da noite para o dia, mas não afrontando as apreensões do povo e debechando de seus sentimentos mais nobres.

Há, porém, os mais audaciosos, que se julgam escudados em um suposto lema de ser preciso distrair o povo, justamente por estar ele, o povo, abalado pela guerra. Não procede o argumento, pois do que menos precisamos é de Carnaval. Dêem-nos pão e deixem o circo para melhores dias... Dêem-nos carne e requeijão, as mascaradas para quando tivermos o estômago bem nutrido... Dêem-nos manteiga, e verduras, e frutas, e ovos, e casas baratas, e dêem-nos transportes que nos poupem as pernas vergadas ao sacrifício e às torturas das "filas" de manhã à noite, e esqueçam o tríduo da Folia, de Deus Momo, da Farra, da Orgia, da Bacanal...

Não se enganem os sub-alimentados. E dar-lhes, insistentemente, o que eles menos devem ter, é crime. Se os organismos andam combalidos e os bolsos vazios, como não ficarão, ambos, na Quarta-feira de Cinzas, senhores "leaders" de um carnaval de guerra?

Um trabalho em conjunto dos órgãos de informação pública, uma retração absoluta das nossas emissoras na divulgação do repertório carnavalesco, uma orientação maior presidida pelas autoridades públicas, serão ainda o melhor serviço prestado à população de um país que não era, como se assoalhava, essencialmente carnavalesco. Respeite-se a memória dos que já tombaram nos campos de batalha. Estamos em guerra "de verdade" e não de conversa. Temos, já, nossos mortos a venerar. Quantas famílias se cobriram de luto nestes últimos doze meses?

Meditem os apressados. E contenham-se. Ainda é tempo.

UM AR DE SUA GRAÇA...



Senhores, o episódio mais divertido deste fim de semana, ou melhor, do apagar das luzes deste agitado ano de 1944, famoso pela revelação do dia D e de outras memoráveis horas para os nossos pitorescos inimigos do Eixo, foi aquele telegrama, via Nova York, dando conta de uma aparição, mesmo fortuita, do gozadíssimo sr. Benito Mussolini, de saudosa memória. O despacho adianta que il Duce fez sua segunda aparição pública no curto espaço de dois dias, na sede do seu regime títere, revistando tropas que desfilarão em Milão, na via Danté. Mussolini exibiu-se num balcão do Q. G. local, prometendo aos milaneses que quatro divisões italianas treinadas na Alemanha libertariam todo o território italiano... Mais engraçado ainda foi um detalhe do telegrama, informando que o "rosto do Duce manifestou satisfação pela demonstração popular".

Claro que o mundo sorriu, com piedade, tomando conhecimento desse triste episódio. O homem responsável pela desgraça, a fome, a miséria extrema em que mergulham hoje as populações da Itália, por algum tempo soube esconder-se à ira popular. Abatido física e moralmente, arrazado pela vergonha de não ter cumprido a palavra empenhada ao povo, derrotado em todos os "fronts" e expulso, preso, raptado como qualquer donzela casadoira pelo seu parceiro de crimes, e-lo que dá um ar de sua graça, mais magro, sem aquela rotunda pança dos áureos tempos das macarronadas em grupos familiares, sem o duplo queixo, sem o nariz erguido, mas tentando balbuciar algumas frases de retórica, uma retórica de si mesma, esfrangalhada e reduzida a fiapos... Pobre Mussolini! Com que dor ele terá

assomado ao balcão do Q. G. de Milão, recelando vir da multidão, ali reunida por imposições militares, é claro, algum estilhaço de granada ou, em última hipótese, um caco de garrafa de onde os verdugos nazistas tivessem esvasiado o último gole de Chianti furtado em qualquer adega das vizinhanças! O rosto do Duce mostrou-se satisfeito... Pois sim! Por dentro, que apêto de coração e que vontade de encerrar a cerimônia sem demora, antes que algum desesperado o liquidasse de uma vez por todas! O remorso continua fazendo o seu serviço no cérebro e nas vísceras desse personagem de triste figura. As tropas que ele passou em revista, treinadas vergonhosamente em solo alemão, podem ser as mesmas que amanhã ou depois, na primeira oportunidade, se voltarão contra a sua esquálida figura, despojando-o das últimas farpelas e uniformes e mandando-o para os anjinhos... Tropas italianas são compostas dos mesmos soldados que tão espontaneamente se entregaram e continuam entregando-se às forças das Nações Unidas. São tropas constituídas de homens que têm a família espalhada pelos quatro cantos da península, ávidos de ensarilhar as armas e voltar para casa, onde, antes de tudo, não de querer saber se os pais, as esposas e os filhos ainda continuam vivos...

O reaparecimento do triste facinoroso encamisado, hoje em pandarecos como quantos, algum dia, e em qualquer parte do mundo sonharam com o triunfo esmagador da sua criminoso ideologia, é apenas um sintoma da mudança dos tempos. O novo Cesar, endeusado pelos obcecados de até 1939, vale por um fantasma de si próprio. E as quatro divisões com que de voz fina, depois de ter caído no pântano dos jacarés, nos vem agora ameaçar o truíão italiano, valem menos, muito menos, que um pelotão desses rapazes destemidos e garbosos que o Brasil lá tem em luta, lá mesmo, em território da Itália, de onde já foi escorraçado definitivamente o parceiro de Hitler e Hirohito. Um dia ele reaparecerá mais formalmente. Quando tiver que ajustar contas com os vencedores.

A EPIDEMIA DO SUICÍDIO



Talvez o leitor ainda não tenha observado, mas a cidade atravessa, sobre muitas outras, uma delicada, quicá gravíssima epidemia — a dos suicídios. É raro o dia em que os jornais não nos ofereçam o triste espetáculo descritivo de mais um, além das tentativas frequentes que passam despercebidas no noticiário quase anônimo dos pequenos casos policiais, resumidos em poucas linhas. Já se preveniram os nossos confrades, abstendo-se de tecer a literatura doentia de outros tempos, quando um registro de suicídio dava largas, ao redator especializado, para encher tantas laudas de sentimentalismo que, muitas vezes, redundava prejudicial à coletividade. Os desertores da vida, louvados pela nociva literatura das gazetas, viam-se convertidos em legítimos heróis, que outros, não menos desesperados, iam imitar, tão certo é que a humanidade mais facilmente copia o que é de mau. E os exemplos multiplicavam-se, enquanto as vítimas novas da febre cada vez

mais alastrada, iam repontando, dia após dia, atraindo outros desiludidos e forçando, assim, um triste círculo vicioso.

Agora, coisa semelhante está ocorrendo, pois não nos lembramos de encontrar o registro da Imprensa tão variado e numeroso, no gênero, quanto nestes dias de nervos gastos e cérebros atormentados, criando problemas que os neuróticos acabam considerando insolúveis, a menos que se utilizem do meio extremo — a morte.

Nesta última semana, os episódios andaram às catadupas. Foi o casal aparentemente feliz que se abancou a uma confeitaria da rua Maris e Barros, pediu uma garrafa de cerveja gelada, sem um gemido sequer, e, dez minutos depois, era

encontrado pelo garçon, em estado de coma. Foi também o suicídio articulado por um casal de irmãos e levado a termo sem que as autoridades médicas nada pudessem fazer. E são tantos outros, muitos, suicídios de pessoas bem instaladas na vida, para quem, decerto, não existiam problemas econômicos, mas apenas sentimentais, sem contar o suicídio tão apregoado da "estrela" cinematográfica Lupe Velez, contrariada em seus amores, e levando para o outro mundo o filho em gestação.

Como sempre, a divulgação mais ampla de um suicídio vai atraindo novos enfermos, convidando-os à prática do mesmo ato e convencendo-os de ser, esse, o único remédio para o seu mal.

Bem sabemos que ninguém pode adivinhar quando e onde um ser humano começou a deixar-se envolver pela idéia trágica de pôr fim à vida. O mal é secreto e quase nunca divulgado previamente. Outras vezes, quando o indivíduo transmite a terceiros seus projetos, estes julgam-no incapaz de executar o projeto. De qualquer modo, parece que alguma coisa deve e pode ser feita. Assim como se desenvolvem e intensificam proveitosas campanhas de catequização do espírito público em prol de uma determinada idéia, assim também se deve trabalhar o espírito coletivo para adverti-lo contra a epidemia que está grassando em larga escala.

Do ponto de vista religioso, qualquer que seja a crença, não resulta o suicídio na solução dos males, apenas os transmitindo deste para o outro mundo. E, não raro, os enfermos que dele lançam mão, esquecem-se, em requintadas crises de egoísmo, que aqui deixam parentes ou amigos, não raro dependentes dos que partiram. Em última hipótese, o sacrifício é inútil. Vamos, então, colaborar para o combate à epidemia do suicídio? De nossa parte contem à vontade com o melhor concurso. Apesar de tudo, ainda vale a pena viver. E não há "caso" impossível de solucionar aqui mesmo, neste vale de lágrimas.



ANO NOVO, VELHO TEMA...

O Tempo corre como uma corça, perseguida pelo vendaval da floresta. A Humanidade busca agarrar-se a alguma coisa, na ânsia de permanecer, na infinita angústia de ficar... E' que o Tempo e a Morte corroem a carne das criaturas, chupam-lhes o sangue, até devolvê-las ao mistério de onde vieram, ao silêncio de que nasceram... Os moços não se apercebem dessa corrida para o Nada, porque neles a vida tumultua na falsa certeza da sua peregrinação. Todo jovem traz consigo a ilusão de vencer os terríveis decretos da Natureza... Mas tudo envelhece e tudo decai — desde a ave que canta até a fera que rugue...

A História, que é senão o cemitério das Nações, o campo santo dos Povos? As carcassas dos Impérios dormem, ao sol dos séculos, sob a poeira doirada das lendas... Que é a Assíria? E a Babilônia? E o Egito dos Faraós? Túmulos, onde a mão de Deus escreveu a frase terrível: *revertere ad locum tuum*... Que é de Nabucodonosor? Ou Ramsés I? Tudo e nada, ou memória tênue do que foi... Talvez o que reste de Alexandre — disse Shakespeare — seja um punhado de barro que mal dê para tapar a fenda de uma cabana...

A Religião e a Filosofia debruçam-se sobre o Tempo como se estivessem à margem de um abismo que, ao mesmo tempo, os atrai e repulsa... Nada nos convence da nossa fragilidade, nem sequer o espetáculo — sempre pavoroso — da Morte... Cada um de nós julga trazer consigo a chama da Eternidade, o segredo da alma do Tempo... Já no ano 2000, milhões e milhões dos que hoje vivem estarão mortos, tão mortos

como se tiveram sido, sempre, feitos de argila ou matéria inerte. Que fazem essas criaturas para aproveitar o breve tempo de que dispõem? Lutam entre si, degladiam-se por conta de riquezas que pouco lhes hão de valer, de honras que para nada servem... São loucos? Não. Apenas homens... A insensatez é a nossa herança universal. Agimos como se o Mundo fôra um imenso hospício. E agitamo-nos, esbravejando, quando o pregador, aos domingos, nos alerta para os deveres da alma e a fatalidade da morte...

Que se há de esperar do Ano Novo, senão o prolongamento dos bens ou males do Ano Velho? Em verdade, há alguma coisa que muda, senão nós mesmos? A Natureza é, potencialmente, imutável — a não ser um ou outro fenômeno sísmico, que abale, com a estrutura da Terra, o coração dos homens... As estações alternam-se com uma regularidade que faz inveja às nossas organizações ferroviárias. Os dias sucedem-se, ora carregados de bruma e chuva; ora soalheiros e lípidos, alegres como colegiais em férias... As alvoradas são sempre as mesmas, pôsto que superiormente belas e sugestivas; e os crepúsculos vespertinos sempre lembram a "Ave-Maria" de Schubert e o toque lento do sino da pobrinha igreja da terra em que nascemos...

Nós é que mudamos — e mudamos sempre para pior. Envelhecemos — e começamos a só divisar, em torno de nós, a tristeza das coisas e a ruindade dos seres... O otimismo é a religião dos tolos e dos moços... À medida que conhecemos melhor os homens, mais

lhe tememos a maldade nativa e a ruindade latente... Os velhos são egoístas por terem compreendido, no decurso dos anos, a inutilidade de não o serem... Eis a origem da melancolia que assinala o fim de tudo e que se chama crepúsculo, no Dia, e ansiedade — no Homem...

Os sábios nada esperam do Tempo, porque fiam tudo da sua Ciência; os Santos também o desprezam, por acreditarem, tão só, em Deus e na Sua misericórdia... O Tempo é, todavia, a grande riqueza dos moços, porque têm diante de si o amanhã, que é feito de tempo... Um moço sem ilusões é tão de estranhar e fugir como um velho ridendo de esperanças... Um tem por si o Futuro: outro aprendeu a grande lição do Passado. Entre os dois, está a Vida — que é um pouco de ontem e um pouco de amanhã, uma ponte entre a realidade que morreu e a realidade que há de nascer...

Ano Novo... Se nada existe de novo sobre a face da Terra, também o Ano Novo é uma velharia, por só ter de novo o nome e a fama... Que é o Ano Novo? Uma nova série de dias e de noites... Em que difere, sob o ponto de vista da Natureza, o ano 1000 do 1945? Ontem, era uma rajada de entusiasmo, chamando os fiéis para as grandes batalhas contra os Turcos... Jerusalém era o objetivo dos Cruzados, que partiam para a Morte, ao grito de "Deus o quer!". Hoje, outros homens, também armados e bravos, partem, de todos os recantos do Mundo, para

combater outros infiéis... Saladino era um santo comparado a Hitler e seus sequazes. Mas o panorama do Mundo pouco mudou no decurso de nove séculos — e os grandes problemas do Mundo continuaram os mesmos, terrivelmente os mesmos...

Que é um ano, na sequência sem fim dos séculos? Um sopro de criança, um hálito de rosa, a queda de uma pétala no silêncio da tarde morna... Eis o tempo com que contamos para realizar grandes obras... 365 dias são muito para quem, como os homens, tão pouco vivemos — mas as tartarugas e os cedros se cobrem deles, sem alteração visível na sua carcassa robusta ou no seu cerne multi-secular... Contamos os anos, como grandes etapas, porque a nossa própria vida é um suspiro breve, perdido na tempestade das coisas eternas... Ano 2000? Como está longe para nós e como está perto para as montanhas!...

A Eternidade espera-nos, no seu imenso seio, onde cabem os mundos e os séculos, as civilizações dos homens e os monumentos da Natureza, as pedras e os livros, as florestas e as bibliotecas, tudo e nada, o ser e o não ser, o sopro de Deus e as obras dos homens... Tudo é breve, menos ela, que tem diante de si todos os *amanhãs* da Terra e do Céu. Diante dessa certeza que a Lógica nos impõe e a Fé nos confirma, celebrar o Ano Novo é uma ridicularia digna de crianças, cu insanos... Exaltemos a vontade do Senhor, que fez os astros e as flôres, e nos insuflou a noção do Tempo para que não percebêssemos o nada da nossa existência — e o frágil do nosso ser...

BERILO NEVES

Tres vozes diferentes na "Boite" Atlântica

O palco da "boite" mais simpática da cidade é agora assim como um ninho ressonante de músicas, de gorgeios e de trinos os mais diversos.

Além de Gregorio Barrios, cujas canções todas as noites extasiam os requintados "habitués" do "night-club" do Posto 6, ali se exibem também Libertad Lamarque, Luisita Darios e Bob Nelson e seus vaqueiros.

Tres vozes distintas, tres sensibilidades diferentes, tres artes diversas, originais e atraentes.

Libertad é bem a alma portenha simples, comunicativa, romantica e ardorosa. Seu repertório de tangos e milongas nos leva, pelas azas da fantasia, aos cafés típicos de Buenos Aires onde os "bandoneons" acordam no coração da gente a história dos amores impossíveis, dos sofrimentos inenarráveis, das tristezas sem remédio. E' como si afundásemos pela noite adentro e de lá retirássemos uma porção de Poesia humaníssima e terna cintilando como uma estrela solitária no veludo do céu.

Luisita Darios é a voz de Paris. E' o espírito da Cidade Luz, seu "charme", sua malícia e sua meiguice sorrindo nas notas das canções "boulevardières" onde apaches e midinettes se entrelaçam numa farandula boemia aos estudantes, pintores e poetas que fazem da velha Lutecia o lugar ideal para as justas do amor e da cultura.

Bob Nelson, brasileiro de Campinas, reflete em sua arte a ansia de universalismo de nosso povo. Amante das melodias do Oeste americano, Bob introduziu-as no Brasil, traduzindo-lhes e adaptando-lhes as letras para que elas ficassem mais próximas de nosso coração. Ouvindo o, temos a impressão de estar em plena planície do Texas ou do Kentucky, á hora do sol pôr, quando o câro dos "cow boys" se mistura ao mugido dolente do gado e a voz dos grilos e das cigarras compõe a sinfonia da Natureza na ante sala da noite.

Tres cantores singulares — cada qual vem agradando à sua maneira a aristocrática platéia do "Atlântico", casa de diversões que é uma caixa de surpresas para todos que sabem apreciar os espetáculos onde o bom humor é um amavel pretexto para os convívios selétos e divertidos e para as doces emoções da arte pura e simples.



A HISTÓRIA DO "ZÉ FOGUETEIRO" E DA REVELAÇÃO DE PROCOPIO — DESDE O "FAFAZINHO" À "MARQUESA DE SANTOS" E BONBONZINHO — UM MARANHENSE, POBRE DE DINHEIRO E RICO DE TALENTO, CHEGOU AO RIO — NOS TEMPOS DA "GAZETA", COM PAULO BARRETO E RAFAEL PINHEIRO — DEPUTADO E TEATROLOGO — VIRIATO, O MADRUGADOR — UM BIFE SANGRENTO ÀS SEIS DA MANHÃ E TRABALHO ATÉ O MEIO DIA — MONTEIRO LOBATO É UM EMOCIONAL SIM, SENHOR! — AH, SE ÊLES FILMASSEM AS HISTÓRIAS INFANTIS BRASILEIRAS!...

Reportagem de CELIUS AULICUS
(Fotos de Arnaldo Vieira)

TRANSPÔSTO o pequeno portão de madeira, encontramos nos domínios de Viriato Corrêa. Rodeia-nos um grande pomar ensombrado pelas frondes augustas das faqueiras e, nos canteiros e nos vasos pendentes das árvores seculares, touceiras de fetos emprestam à chácara o frescor e o colorido de uma floresta virgem. Lá no fundo, sem metros além de qualquer ruído urbano, isolada dos arranha-céus e dos bondes, a casa do escritor. Na varanda, onde a sombra das grandes copas é um convite ao descanso, está armada a rede. Tudo faz adivinhar a moradia de um sertanejo saudosista que não se pudera acostumar à estreiteza dos apartamentos ou ao espaço racionado dos "bungalows". Subimos os pequenos degraus com os pulmões cheios daquele ar agreste e puro que evolva das árvores. Tudo em volta é bucolismo e poesia. Dança-nos na mente os versos de Virgílio: "Sub tegmine fagi"...

DINAMISMO À SOMBRA DAS TÍLIAS

Mas já vinha Viriato nos receber, todo amabilidade, convidando-nos a passar ao seu gabinete de trabalho. Numa metamorfose espantosa, tudo se modificou. Se lá fora o ambiente bucólico nos lembrava em tudo o sossego absoluto, cá dentro o ambiente puramente colonial brasileiro fazia adivinhar trabalho e produção. Na mesa revolta papéis manuscritos, rumas e rumas de apontamentos, originais ainda não terminados, tudo porém distribuído com método, cada coisa em seu lugar, de acordo com os hábitos do escritor.

— E' aqui que eu trabalho, explicou-nos Viriato apontando a mesa. E trabalho de fato. Todas as manhãs, após uma refeição à boa moda dos ingleses, sento-me aqui e trabalho até o meio dia, sem um minuto de descanso.

— E esse trabalho é assim tão agradável?

— Mesmo se não o fosse, meu caro, eu o faria. E' o meu ganha-pão. Escrevo para ganhar dinheiro. Mas nunca decepcionei o meu público com um trabalho feito às pressas, uma obra incorreta. Agora, por exemplo, termino uma peça teatral que me foi encomendada pelo Governo de Minas para ser lançada em Araxá, por ocasião das festas inaugurais do balneário. A representação está a cargo de Dulcina e Odilon e espero que o sucesso corresponda ao meu trabalho. A ação desta peça gira em torno da figura legendaria de Dona Belja, muito tradicional em toda a região de Araxá. Aproveitei, entretanto, a oportunidade para fazer um pouco de teatro histórico e, após muitos e longos trabalhos de pesquisas, logrei o meu intento.

Nesse momento interrompemos o escritor para perguntar-lhe se achava mais fácil fazer teatro histórico que escrever peças de ficção. A resposta veio rápida:

— Não é mais fácil; pelo contrário. O teatro histórico, fora a parte de ficção, da qual nunca prescinde, requer certa exatidão, o que obriga o autor a longos estudos e, se o mesmo leva em grande conta a verdade das coisas, a tirar as suas conclusões dos fatos, formando com elas o caráter e a moral de seus personagens, alheio às paixões dos historiadores e às tendências dos biógrafos.

AS DUAS MARQUESAS DE SANTOS

Pegamos na "deixa" e indagamos de Viriato se ele achava possível a imparcialidade absoluta em teatro histórico.



Viriato mostra ao reporter o original da sua peça "Dona Belja", escrita por solicitação do Governo de Minas para ser lançada durante as festas de inauguração do Balneário de Araxá, cidade onde se desenvolve a ação do drama.

Respondeu-nos de pronto que a imparcialidade era em tudo e por tudo relativa.

— Suponhamos, explicou-nos, que eu seja monarquista. Não poderia nunca encarar a figura de Pedro I como a veria o espírito jacobino de um republicano de 1889.

Mas em teatro histórico temos que ser imparciais com por cento. Isto, porém, não obriga a que façamos os nossos personagens dentro do círculo restrito dos fatos relatados nos compêndios de história. Temos que fazer arte, antes de fazer história.

Veja, por exemplo, o caso da "Marquesa de Santos". Todos, antes de mim, a haviam descrito como uma mulher volúvel, uma cortezá devassa e sem princípios. Quando chegou o momento de apresentá-la ao público, o que fiz eu? Permaneci preso ao velho tabú? Não. Estudando a sua vida, os seus hábitos, o seu temperamento, tirei as minhas conclusões.

E as suas preferências, as suas amizades, a própria figura de índio que se vê logo à entrada de sua casa, tudo faz adivinhar uma brasileira patriota e jacobina, a quem

Um pouco da vida de Viriato Corrêa

a língua viperina dos diplomatas estrangeiros e os "mexericos" de uma corte corrupta lançaram as mais torpes calúnias.

Foi assim que apresentei a minha Domitila ao público. E me orgulho de tê-lo feito.

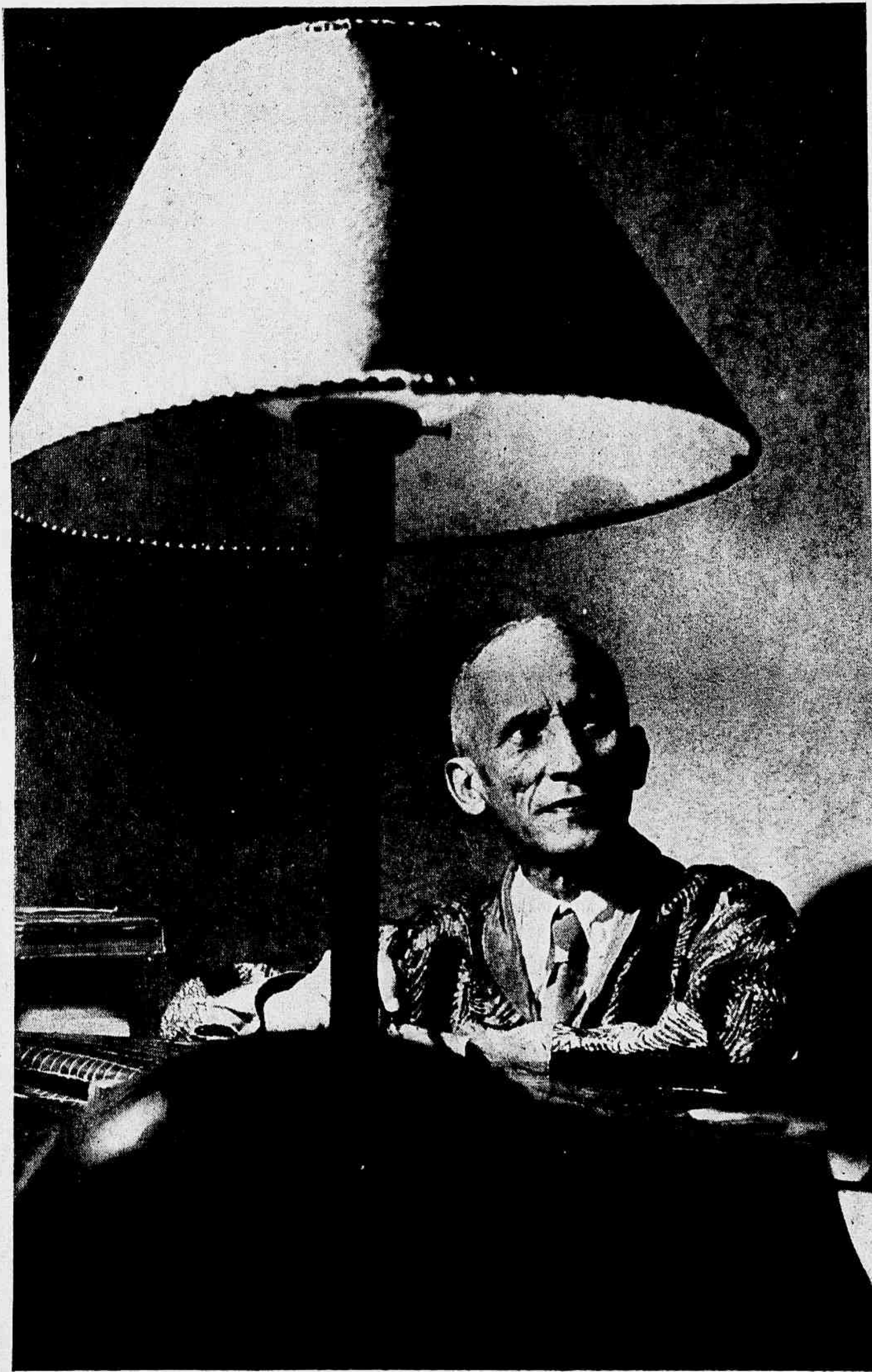
"A EMOÇÃO TRABALHA COMIGO"

— Aí está, continua o escritor, como é difícil fazer-se teatro histórico. Uma sequência de fatos reveladores da alma de nossos avós, entrelaçados sempre a uma história

Está de pé, junto à sua mesa de trabalho. Mas, tamanho é o seu entusiasmo pelos personagens, vive tão bem os seus papéis históricos, que ficamos a ver D. Pedro, erguido o seu porte de rei cavaleiro sobre o selim, a espada apontando o céu, as cartas da corte atiradas ao chão, a clamar pela independência do Brasil.

Terminada a leitura, Viriato retoma a palestra:

— Esta passagem me lembra um fato: eu havia ido assistir à peça, em companhia de Monteiro Lobato, no Teatro João Caetano. Terminada essa cena, Lobato não pôde esconder a emoção que ela lhe causara.



A luz morta da lâmpada, Viriato Corrêa termina o trabalho de um longo dia de labor intenso.

de amor, imprescindível em qualquer peça, e pontilhada de anedotas românticas, as quais devem sempre obedecer à linha de ação do drama ou da comédia.

Lembro-me por exemplo de uma passagem da "Marquesa" que, se não é absolutamente verídica, tem a virtude de servir como o "porque" de sua paixão por Pedro I. É a descrição, feita pela própria Domitila à sua mãe, da proclamação da Independência, a que ela declara haver assistido, do alto da colina do Ipiranga. Levantando-se, de súbito, Viriato abre uma estante, retira um volume e lê-nos a passagem emocionante do famoso drama.

— Deve ter sido uma cena verdadeiramente comovente, para provocar a emoção em Lobato, arriscamos.

— Por que? — indaga o nosso entrevistado — Lobato é puramente emocional. Veja a sua obra. Tudo fruto de emoção.

— Achamos que ele seja um analista frio, assim como Maupassant...

— Aí é que você se engana, continua o escritor. Lobato, Maupassant, Wilde, todos são a emoção em pessoa. Veja "Negrinha", "Bola de Sebo"...

— São histórias que eles viram ou imaginaram friamente, para emocioná-los.

— Engano, engano do maior. Você acha, por exemplo, que eu posso escrever uma cena, um conto, uma poesia sem me comover? Não é possível. A cada emoção dos meus leitores corresponde uma emoção minha. A diferença é que a minha emoção dura somente enquanto escrevo, pois continuo a escrever; e outras cenas, outros fatos se sucedem, trazendo novas emoções. Há escritores que se comovem tanto com o que escrevem que, embriagados por essa emoção como um chinês pelo ópio, dormem sobre elas, terminando por se prenderem a um narcisismo literário, muito comum entre nós.

Eu não posso fazer isto. Terminado um livro infantil, tenho que escrever uma peça e a esta se segue um livro de crônicas e assim, esquecendo os sucessos passados para lançar-me novamente ao trabalho, não tenho tempo de ler hoje o que escrevi ontem. Quando escrevo versos, sou poeta. Quando escrevo teatro, sou teatrólogo, puramente teatrólogo. Ganho a vida escrevendo, tudo o que possuo devo à minha pena. Trabalho com método e ponho nos meus livros toda a emoção que sinto. Não escrevo por dilettantismo, mas escrevo sempre com sinceridade.

"A VIDA COMEÇA ÀS SEIS"...

— E a que atribui você o seu triunfo, tanto em teatro como nos outros ramos da literatura?

— Ao trabalho, não-tenho dúvida. Sou um homem madrugador. Lembro-me bem de quando ainda era reporter como você. Quando deixava a redação em companhia dos colegas, todos iam terminar a noite nos bares, em clubes noturnos ou nas casas de bilhar. Eu, entretanto, nunca ficava com eles. Acho que as noites foram feitas para o sono, como os dias para o trabalho.

Lembro-me que por isto mesmo as noites de plantão nas redações sempre foram um suplício para mim. Sempre fui caseiro e madrugador, como já disse. E não perdi este hábito, apesar da idade. Tenho hoje sessenta anos, mas continuo forte de corpo e espírito, graças aos meus hábitos.

Para mim, a vida começa às seis da manhã. Levanto-me então, como um bom bife, tomo um copo de suco de frutas e farinhas vitaminadas e, bem alimentado e bem disposto, sento-me à mesa de trabalho. O trabalho é outro de meus "vícios". Tenha ou não que ganhar dinheiro, escrevo. Escrevo porque esta é a minha profissão, e além do mais escrever é um velho hábito meu.

Neste instante interrompemos o escritor para saber onde havia um cinzeiro para colocar a ponta do cigarro.

— Não tenho cinzeiros aqui, respondeu-nos, pois não fumo. Mas passemos à outra sala que lá deve haver um.

A VOLTA DE "ZÉ FOGUETEIRO"

Na outra sala, sobre uma estante, encontramos uma grande caricatura de Procopio Ferreira, talhada em peroba. Isto serviu de pretexto para que a conversa girasse em torno do grande ator.

Perguntamos então a Viriato se era verdade que ele havia feito o papel de "Zé Fogueteiro" de "A Juriú" especialmente para Procopio.

O autor respondeu negativamente e, lembrando a revelação do grande comediante, explicou-nos os fatos.

— O único papel de "A Juriú" que escrevi para um determinado ator foi o do "Corcundinha", feito especialmente para Vicente Celestino. O papel do fogueteiro, aliás secundário, tanto podia ser representado por Procopio, como por qualquer outro ator. Representado por um mau ator, ele passaria despercebido e não poderia comprometer o restante do elenco.

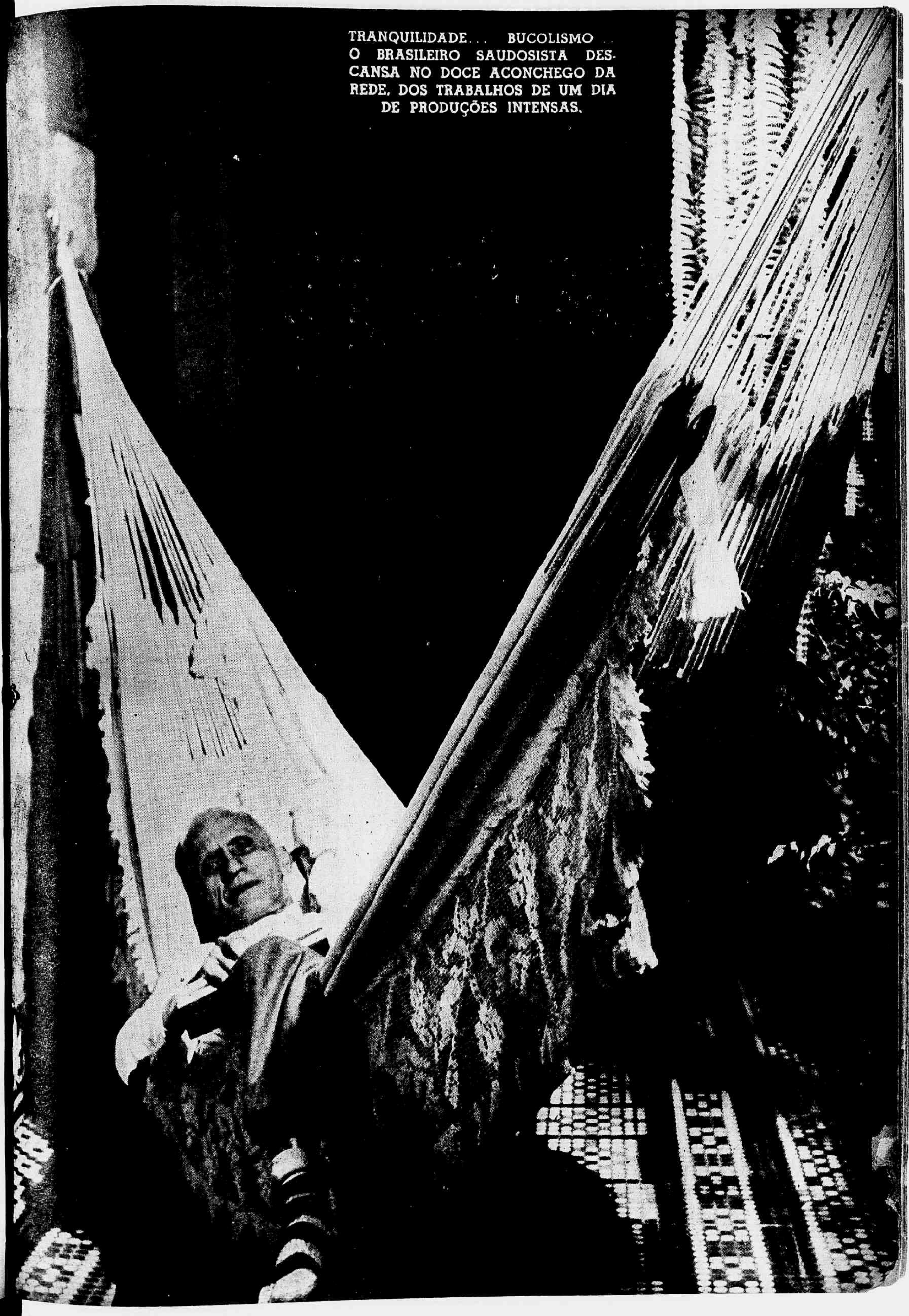
Foi por ocasião do lançamento da opereta que vim a conhecer Procopio. Estreada a peça, o desempenho magistral que ele deu ao papel de "Zé Fogueteiro" me deu a certeza de que estava diante de um grande ator. O moleque vivido por ele era a sua revelação completa e definitiva como um grande comediante. "Deus lhe pague" iria revelar mais tarde a sua capacidade para papéis dramáticos. Quero lembrar-lhe, continua, que a opereta brasileira não era, no tempo de "A Juriú", o que é hoje. Havia encenação de peças musicais de grande valor.

— "A Juriú" foi a sua peça de estréia?

— Não. Comecei com "A Sertaneja", que obteve sucesso quase igual. Alcançou logo um número elevadíssimo de representações. Sou um dos raros autores brasileiros que pode dizer que entrou no teatro pela porta do "centenário".

— Mas o seu sucesso maior continua a ser "A Juriú", até hoje?

TRANQUILIDADE... BUCOLISMO
O BRASILEIRO SAUDOSISTA DES-
CANSA NO DOCE ACONCHEGO DA
REDE, DOS TRABALHOS DE UM DIA
DE PRODUÇÕES INTENSAS.

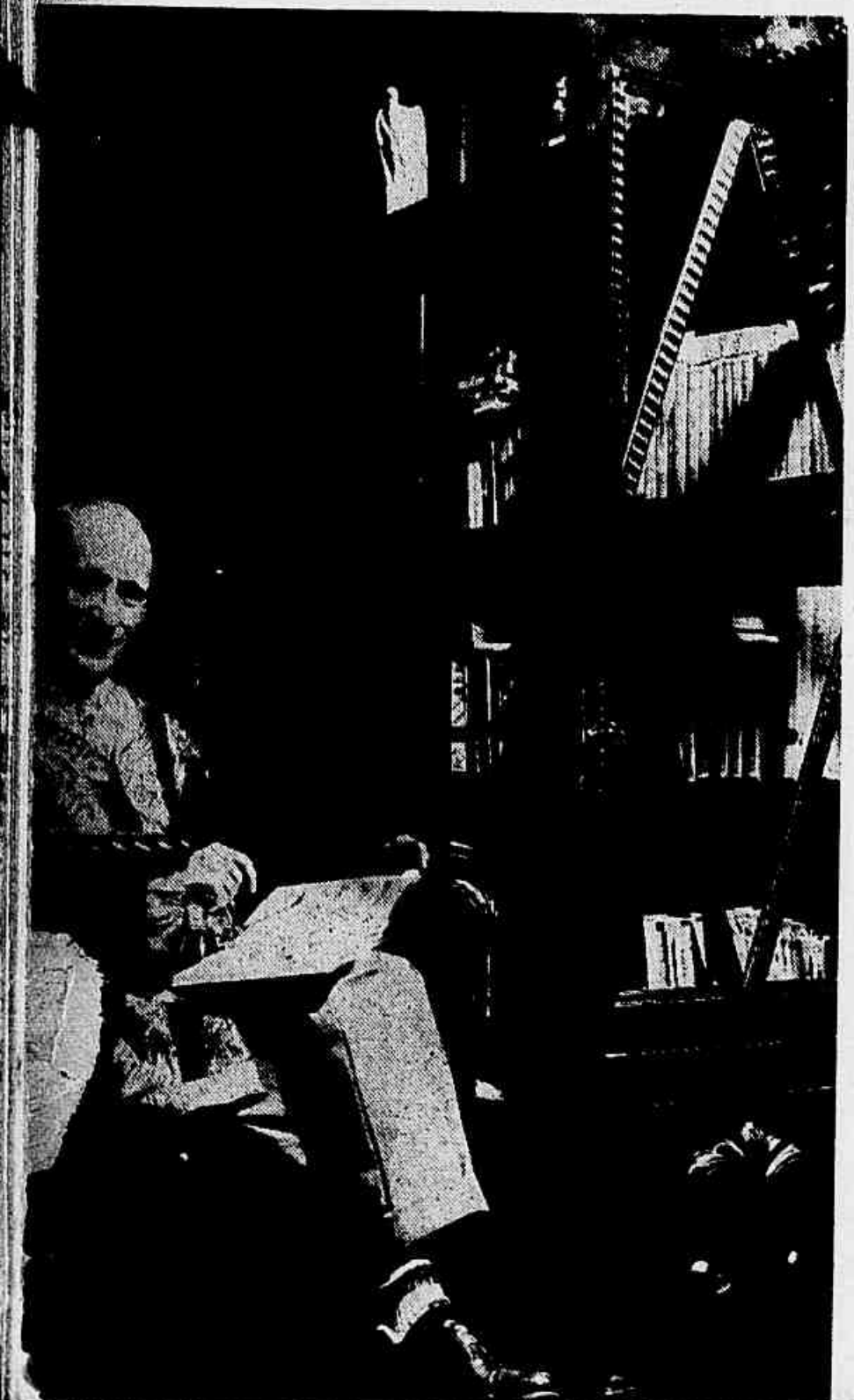




Viriato Corrêa numa fotografia feita quando de seu ingresso na Academia. Como tudo na sua vida, o fardão representa para ele anos de luta intensa e de trabalho contínuo, sem tréguas, sem esmorecimentos.

— Continua. Por diversas razões o público a consagrou. Todos a aplaudiram. Foram-se os grandes atores de operetas, mas a peça continua viva. Fiz uma adaptação, retirei do entrecho a parte musical e ela anda agora a correr o Brasil em forma de comédia. Em sua atual temporada no Rio, Procopio a levará novamente à cena. Eis aí algo que me enaltece. Uma das minhas peças consagra um ator e ele, vinte e tantos anos depois, volta a viver um de seus papéis.

Os livros são os melhores amigos do autor de "Brasil de Meus Avós" e "A Marquesa de Santos". Eles se espalham por diversas dependências de sua casa, onde as estantes se sucedem cobrindo as paredes. Aqui o vemos quando se entregava à leitura de um dos seus milhares de volumes.



— E você acha que ainda poderíamos levar operetas que alcançassem o sucesso de "A Juriti"?

— Não. "A Juriti" foi um sucesso desses que acontecem uma só vez. Musicada, como "A Sertaneja" por Chiquinha Gonzaga, ela vivia na boca das multidões, as suas passagens eram fatos de domínio público, as suas canções eram estribilhos repetidos em todos os lugares. Hoje, porém, já não pode haver operetas de sucesso. A guerra, a evolução da indústria, a velocidade como os fatos se sucedem vieram matar este gênero teatral. Já não há mais operetas em Viena, já não há mais operetas em Paris. Acho que o seu tempo passou.

A PRODUÇÃO EM SÉRIE ESTRAGOU A REVISTA

— E quanto à revista? perguntámos. A que atribui a sua decadência no Brasil.

— Unicamente à quantidade. Antigamente, cada autor lançava por ano uma revista. Em verdade a música era melhor, os versos melhores, as peças melhor ensaiadas. Mas uma revista de sucesso era a revista do ano. Hoje, cada autor lança três, quatro e às vezes dez revistas por ano. Não se levando em conta a imperfeição que sempre apresentam as obras terminadas às pressas, temos a apresentar contra estas revistas produzidas em série, a monotonia e repetição de temas e de diálogos.

— E quanto ao teatro histórico entre nós, qual a sua opinião?

— Não há opiniões há a realidade. O teatro histórico brasileiro está na infância. Uma infância promissora. Os seus passos são firmes e ele pode constituir brevemente o orgulho do nosso teatro.

— Há muitos intelectuais que poderiam fazer grandes coisas neste gênero.

— Para não demorar-me em enumeração de nomes, citarei apenas R. Magalhães Junior, que está talhado para vencer no teatro histórico. Ele tem cultura, tem talento e, além de tudo, conhece teatro suficientemente para produzir grandes peças históricas.

CINEMA E TEATRO INFANTIL

Saltando rapidamente de assunto para outro, chegámos a conversar com Viriato a respeito da educação artística da infância através de obras brasileiras passadas para a tela e para o palco.

O escritor anima-se com a idéia de filmar, em forma de desenho animado, as suas histórias infantis e as de Monteiro Lobato.

— Nada seria mais lucrativo para a formação mental das novas gerações, declara ele, que esta sua idéia. As obras da literatura infantil brasileira, em qualquer parte do mundo teriam merecido dos educadores e dos mestres um estudo mais demorado e uma aceitação maior. Aqui elas passam despercebidas à gente grande e somente o pessoal miúdo é que lhes dá valor. Apesar disto, os livros infantis que escrevo falam, pelas cifras de suas tiragens, da aceitação que têm entre os leitores de calças curtas.

Muito modestamente, Viriato, pondo de lado os seus livros infantis fala de Monteiro Lobato.

— Veja você o que não seria Emília passada para o cinema. E a turma toda de Dona Benta, com Sacy, Anastácia, Quindim e os demais, a fazer das suas em technicolor. Ah! meu caro, valeria a pena viver outros sessenta anos para ver isto.

Mas diante da incompreensão que cerca a nossa literatura infantil, da falta de apêlo e de estímulo que têm os autores que a ela se dedicam, Viriato Corrêa cerra os olhos.

Passámos a falar de Walt Disney. O escritor lembra aquela maravilha de arte e delicadeza que foi "Branca de Neve".

— E "Bambi", continua... Eu não tenho vergonha de haver chorado ao ver "Bambi" aos sessenta anos de idade.

O reporter, esquecidas as lágrimas enxugadas furtivamente na última cadeira de um "poeira" da rua Larga, surpreende-se com a emoção provocada em Viriato pela morte da mãe da gazela.

— Mas a respeito de teatro infantil, perguntámos retomando a conversa, acha que poderíamos fazer algo, a exemplo dos russos, para a encenação dos velhos contos de Grim e Andersen?

— Isto seria maravilhoso. Se o conseguíssemos, poderíamos ter a certeza de haver feito muita coisa de proveitosa para a formação moral e intelectual da juventude brasileira.

— Mas não acha que você, Lobato, Erico Veríssimo e outros já fizeram muito pela infância?

— Sim, fizemos. Mas poderíamos ter feito muito mais,

se houvesse qualquer estímulo estranho que nos desse maior coragem.

A literatura infantil é a que dá, como a teatral, maior rendimento. Mas pode-se escrever qualquer coisa com o intuito único de fazer dinheiro. Tudo, menos um livro infantil. A eles eu me dedico com ternura, com a ternura que a infância deve inspirar a todos nós. E se não ganhasse um tostão com eles, eu me sentiria bem pago em saber que havia divertido e instruído algumas centenas de milhares de leitores "mirins". Já seria um prêmio compensador.

BIOGRAFIA RELÂMPAGO

Já havíamos conversado longamente com Viriato, e pouco sabíamos ainda de sua vida e de suas lutas.

Não podíamos deixar de contá-las aos nossos leitores e, por isto, aqui reproduzimos a sua biografia-relâmpago, por ele descrita à luz da lâmpada de mesa de seu gabinete, após haver ouvido conosco o terceiro capítulo de sua novela "S. Majestade o Destino", que ora é transmitida por uma de nossas emissoras.

Viriato é, como toda a gente e Eça de Queiroz, bacharel formado. A sua formatura, entretanto, como tudo na sua vida, foi obra de grandes esforços e trabalhos ininterruptos. Saído do Liceu de São Luiz do Maranhão, onde, afora versos que ele diz agora serem infames e outros pequenos trabalhos, nada havia feito em matéria de literatura, ingressou na Faculdade, no Recife.

Feitos ali os três primeiros anos de ciências jurídicas e sociais, entre colaborações de sucesso na "Pacotilha", e noites atravessadas sobre os livros, como em São Luiz, o teatro continuava a entusiasma-lo. Na capital maranhense, aliás, já havia trabalhado como amador, fazendo mesmo uma vez o papel da Velha da peça "Uma Noite de Reis", de Artur Azevedo. No Recife, como os outros estudantes, fazia sacrifícios, sacrificava entradas em noites de "quebradeira", mas nunca perdia uma sessão de teatro.

Chegado ao Rio pobre, desconhecido, Viriato lançou-se à liça. Pouco tempo depois de seu desembarque, vinha a conhecer Medeiros e Albuquerque, que dera o grito de "escritor ao norte", ao fazer a crítica de "Minaretas" que, naquele tempo, era toda a bagagem literária do jovem maranhense.

Mas, trabalhando com entusiasmo impetuoso, Viriato começou a se fazer como escritor. O seu conto de estréia foi publicado na 7.^a coluna da "Gazeta de Notícias", lugar dedicado aos escritores já consagrados.

Ficou ele então como colaborador da "Gazeta", o que o induziu a praticar jornalismo.

Pouco depois entrava como redator na "União", de Felício dos Santos.

Abandonou este diário para voltar à "Gazeta", desta vez como reporter. Elevado pouco tempo depois a redator, Viriato publicou "Era uma vez...", com Paulo Barreto.

Substituto de Rafael Pinheiro, o "Fafá" da sessão infantil da "Gazeta", Viriato começou a assinar-se "Fafazinho". As suas histórias infantis fizeram sucesso. Passando para o "Correio da Manhã", o "Fafazinho" ganhava logo autonomia e circulou durante algum tempo como jornal independente. Mas o desprendimento do proprietário decretou a falência do periódico infantil.

Foi então que Viriato voltou ao Maranhão, deputado eleito, para exercer as suas funções legislativas.

De regresso ao Rio, quatro anos após, era já o escritor consagrado, o homem de letras famoso.

Escreveu "A Sertaneja" e "A Juriti". Os empresários o disputaram.

Fez crônicas históricas. Os editores abriram-lhe as portas. Escreveu poesias. As revistas lhe dedicaram colunas...

Assim trabalhou ele anos e anos, trancado dentro de sua arte e de seu labor, fazendo rir e chorar gerações inteiras. Dedicou-se ao teatro histórico e conseguiu a encenação de "Tiradentes" e do "Caçador de Esmeraldas".

Um dia Dulcina, entusiasmada pela representação de "Rainha Isabel", que havia visto nos Estados Unidos, pediu-lhe "A Marquesa de Santos".

Viriato escreveu a peça. O sucesso de sua estréia em São Paulo não precisa ser lembrado. Ainda todos se recordam.

"BONBONZINHO"

Mas de todas as peças de Viriato Corrêa, a que lhe merece maior carinho, a que ele quer mais, a que ele dispensa maior ternura, é "Bonbonzinho".

— Tenho para com "Bonbonzinho", declarou-nos o autor, uma verdadeira dívida de gratidão. Vou contar-lhe a história desta comédia:

— Em 1930, perseguido pelo destino e pelos homens, caluniado pelos meus colegas de imprensa, lançado no ostracismo e na "chomage", pobre, sem amigos, com a porta dos teatros e dos editores fechadas para mim, escrevi "Bonbonzinho", para ganhar dinheiro, fazendo o público rir. Levei a peça a Procopio, que se prontificou a representá-la. Inimigos meus, aconselharam o ator a desistir da representação. Procopio porém manteve-se firme na sua resolução de levar à cena a comédia. E enfrentou com coragem a onda adversa.

Ameaçaram valar a peça. Ameaçaram fazer o diabo.

E foi dentro desse ambiente de hostilidade para com a minha pessoa e as minhas produções, que "Bonbonzinho" foi lançada.

E que sucesso estrondoso! Se houve claque para valar-me, ela própria aderiu às gargalhadas da platéia. "Bonbonzinho" estava salva e com ela as minhas finanças e a minha reputação.

Desde então, à custa de trabalhos insanos, venho consumindo tudo o que perdi com a reviravolta de 30.

Por três vezes me candidatei à Academia e fui por um vitorioso. Houve então quem se admirasse de me ver imortal, depois de assistir ao entêro que me haviam preparado oito anos antes. Esta foi a minha vingança: reabilitar-me por mim mesmo, impor-me novamente ao conceito do público, sem pedir clemência, sem necessitar favores dos que me haviam condenado ao ostracismo.

E concluindo:

— E a minha obra de reconquista do público, do qual tão injusta e inexplicavelmente me afastaram, foi coroada pelos aplausos que "A Marquesa de Santos" arrancou da platéia paulista, logo no primeiro quadro. Fui chamado à cena e, se algum de meus terríveis "algozes" estivesse no teatro, deveria ter roído as unhas...

MAIS TEATRO

Viriato continua a falar de teatro.

Conta como se lançou à produção de peças históricas e a aceitação que elas tiveram por parte do público.

Isto serviu de início à nossa palestra a respeito do público.

Com o ceticismo característico do brasileiro, indagamos de Viriato se ele julgava o nosso público à altura do teatro histórico.

E ele não demorou a responder-nos:

— O nosso público já está suficientemente educado para qualquer teatro. Penso que qualquer peça, histórica ou atual, clássica ou modernista, pode ser levada com sucesso no Rio, onde o público já aprendeu a julgar por si próprio a arte dos autores e atores.

Há muitos anos, continua o escritor, fundou-se aqui o "teatro da Natureza", que funcionou à sombra das árvores do Campo de Santana. E eu vi ali serem representadas com sucesso "Sophocles" e "Eschilo".

— Mudando agora de assunto, Viriato, queremos saber a sua opinião a respeito da tentativa de Dulcina e Odilon de importar Shaw e García Lorca. Acha que os resultados foram os esperados?

— De qualquer modo, responde o nosso interlocutor, a tentativa ficou vitoriosa. Para prová-lo basta lembrar as enchentes do Municipal e as lotações esgotadas do Ginástico, apesar da sua localização pouco acessível. Tudo veio demonstrar que o nosso público já está à altura de Lorca, Shaw e Pirandello. O grande teatro europeu pode ser levado aqui com o mesmo resultado com que é apresentado na Escandinávia, na Inglaterra ou na Rússia.

— Julga então que deveríamos tentar estes autores, ou permanecer em Oduvaldo e Joraci?

— O que devemos é apresentar ao nosso público os dois teatros. O nacional e o estrangeiro, aproveitando porém qualquer oportunidade para elevar cada vez mais alto o seu gosto artístico e a sua concepção de arte teatral.

Mas quando eu defendo a idéia da importação do teatro europeu, prossegue o autor, não quero com isto diminuir o nosso teatro. Não acho que a aceitação de Joraci e Oduvaldo possa se dar o nome "permanecer". Muito pelo contrário, eles representam uma evolução assustadora. As grandes comédias destes nossos patrícios foram um salto tão grande na marcha evolutiva do teatro brasileiro, que maior fossem as nossas platéias e eles seriam a própria imagem da revolução literária. Veja "Amor", veja "Deus lhe pague": são peças que orgulhariam qualquer autor do mundo, e que seriam apresentadas com sucesso em qualquer teatro europeu.

— E a respeito do teatro histórico?

— Como já disse, o nosso teatro histórico está na infância. Mas assim mesmo, o nosso público já se mostra compreensivo e exigente a respeito dele, como aliás a respeito de qualquer espécie de teatro.

Um autor para se firmar atualmente no conceito do público brasileiro, tem que possuir de fato qualidades de teatrólogo. Já atravessamos o período dos dramalhões sentimentais e inconsequentes e estamos em plena fase do drama intenso, da comédia demolidora e construtiva, do teatro enfim que esteja à altura deste nome, modelando idéias, educando gerações.

E já temos feito muito neste sentido. As nossas comédias, o nosso drama, as nossas peças históricas têm evoluído de uma maneira vertiginosa.

Posso dizer, sem medo de pecar por otimismo, que se os nossos autores em quantidade ainda não se puseram em pé de igualdade com os teatrólogos da Europa, muitos deles têm feito peças que podem se colocar sem favor ao lado das maiores produções de sucesso do Velho Mundo.

Tenho fé no teatro nacional, prossegue o autor de "Bonbonzinho", e é por isto que a ele dedico o melhor dos meus esforços.

— E agora, perguntamos a Viriato, está trabalhando em alguma obra literária, alheia ao teatro?

— Não! Escrevi há pouco a novela radiolônica da qual acabamos de ouvir um capítulo. Não sou profeta, mas penso que nunca mais escreverei outra. Continuo no teatro, que é muito mais arte, muito mais emoção, muito mais técnica e, sobretudo, muito mais fácil e muito menos trabalhoso. Gosto do trabalho, mas do trabalho produtivo. Uma novela radiolônica é bem paga, mas não compensa.

Atualmente entrego-me de corpo e alma ao teatro. Talvez volte a fazer literatura infantil, poesia, crônicas e contos. Mas hoje sou teatrólogo, exclusivamente teatrólogo.

E dizendo isto Viriato levantou-se, apanhou um livro sobre a mesa, dirigiu-se para a varanda.

Despedimo-nos oportunamente e saímos para o jardim, cercados por uma matilha de "fox-terriers", que é um dos ornamentos da pequena chácara de Viriato.

E o escritor, deitando-se na velha rede maranhense, abriu o "Teatro" de Ibsen, mergulhando-se no sonho delicado de "Casa de Bonecas".

Envolveu-nos novamente o perfume do arvoredo. Castro Alves estava presente: Deus conversava com as árvores. A sombra das faias se estendia sobre nós.

Uma inveja tremenda de Viriato, que lá ficara lendo Ibsen, com metros além de todos os ruídos urbanos, com metros além das sirenes e das "manchettes" dos jornais, nos invadiu a alma quando, transpondo o pequeno portão de madeira, enveredamos ladeira abaixo numa carreira louca, para pegar um bonde Tijuca, que nos trouxe novamente à cidade enfumacada e trepidante...

Mas o que ouvimos e vimos nos domínios de Viriato Corrêa não podia se apagar em nossa memória.

Durante pouco mais de duas horas, em explanações retrospectivas, o velho escritor maranhense nos havia ensinado muito a respeito de arte, a respeito de teatro, a respeito de trabalho intelectual.

Ali, na casa colonial da chácara, através das palavras eloquentes do cronista de "Baú Velho", tivemos ocasião de conhecer uma vida que, começada na pobreza apagada, se estendeu por mais de dez lustros de trabalhos e estudos, até o apogeu da imortalidade.

Vimos como Viriato lutou para conseguir a primeira publicação de um conto. Ouvimos a história de suas lutas titânicas para o lançamento de sua primeira peça. Através de suas palavras saudosas sentimos a emoção que o prendeu quando do estrondoso sucesso de "A Juriti".

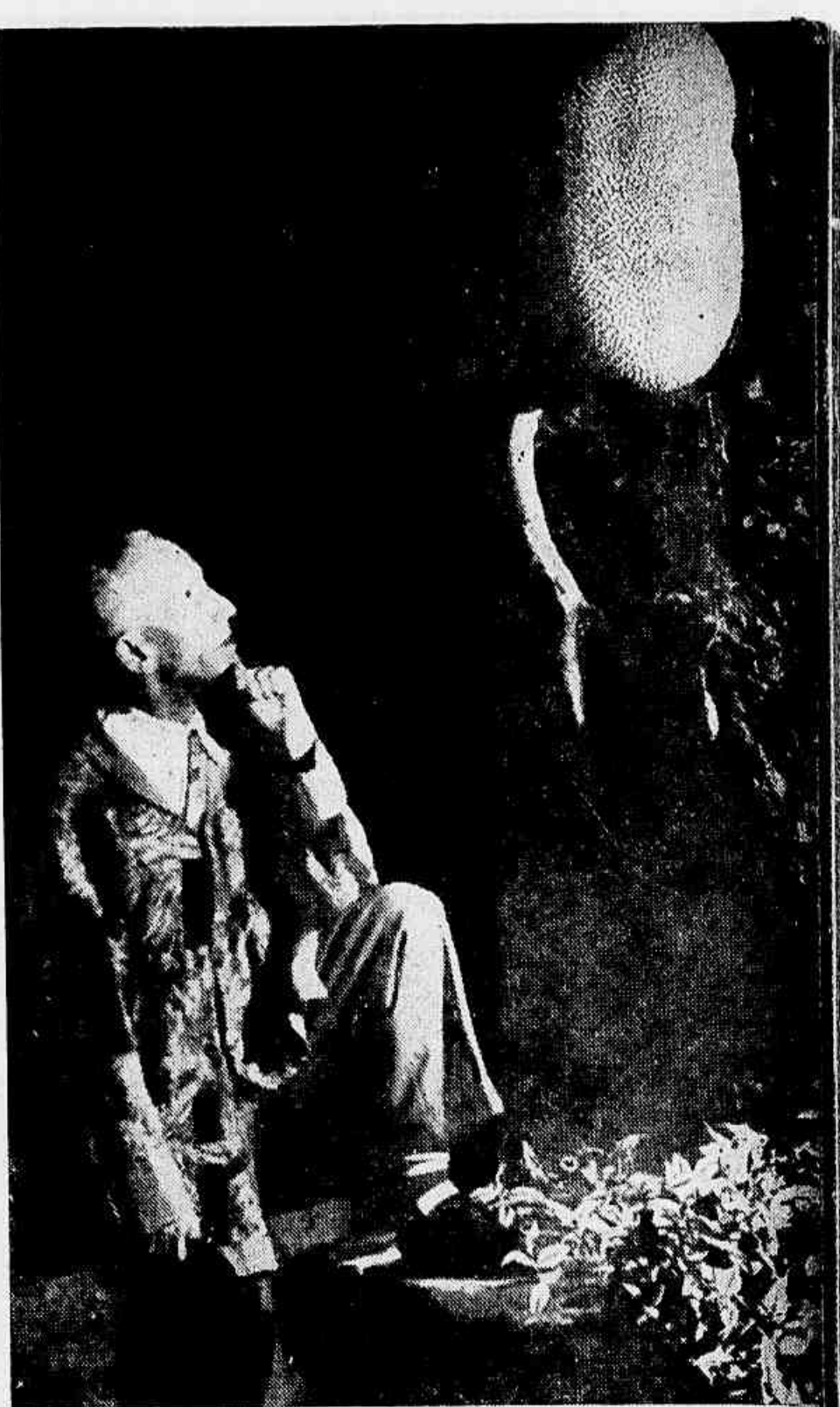
Estivemos com ele quando a platéia de São Paulo, entre o barulho ensurdecedor das aclamações, o chamava à cena, logo ao fim do primeiro quadro de "A Marquesa de Santos".

Vivemos enfim com Viriato Corrêa, em espaço limitado de uma entrevista jornalística, toda a sua vida de profissional da pena, de soldado da inteligência.

Estivemos com ele quando os seus inimigos o lançaram ao ostracismo e ao infortúnio, e com ele, através de quedas e azares, assistimos à apoteose reabilitadora de "Bonbonzinho".

E, sessenta anos depois de iniciada a nossa entrevista, voltamos a 1944, dentro do espaço apertado de um bonde "Tijuca".

Mas trazíamos para a redação algo de novo. Algo que hoje apresentamos aos intelectuais estreantes, como símbolo da coragem e do trabalho bem organizado: a his-



Em contacto com a velha mestra de todos os artistas, a Natureza, vive Viriato Corrêa. Este instantâneo foi feito no jardim de sua pequena chácara da rua Clovis Bevilacqua, no momento em que ele olhava admirado para o fruto gigante de uma jaqueira.

tória da vida de Viriato Corrêa, um escritor que venceu a adversidade do meio e a maldade dos adversários, unicamente pelo seu esforço e pela sua inteligência.

E é esta vida de trabalho desprendido e de estudos profundos, que aqui oferecemos aos novos, com estas palavras de apresentação: um grande exemplo.

— Não! — declara Viriato — Não é fácil fazer teatro histórico. É necessário fazer-se arte antes de história, mas fazer-se história também. Os meus dramas são frutos de longos trabalhos, compilações de anedotas, deduções baseadas em fatos e, sobretudo, imaginação sensata, sempre afastada de qualquer anacronismo comprometedor.



PROCÓPIO E O TEATRO RETROSPECTIVO



Procópio vivendo um de seus famosos tipos caracterizados, nos quais é sempre um grande intérprete e onde se firmou na popularidade e na estima do público de sua geração.

— E quais são as peças antigas que vai apresentar?

— “Guerras do Alecrim e da Mangerona”, “Demônio Familiar”, “Genro de Muitas Sogras”, “O Badejo”, “As Doutorinhas”, “Quebranto”, “Lição de Botânica”, “Bela Tarde”, “Que Pena Ser Só Ladrão!” e “Quem Casa Quer Casa”.

Evidentemente, Procópio acredita que existe um teatro nacional, não somente um teatro nascente, mas uma série de realizações consideráveis. E é por isso que ao lhe indagarmos qual o objetivo da temporada ele respondeu:

— Valorizar, aos olhos dos contemporâneos, o nosso patrimônio artístico, e divulgá-lo o mais possível, como fazem os povos civilizados.

Durante essa temporada Procópio apresentará novos artistas.

— Conto renovar o meu elenco para essas peças, diz-nos ainda.

PEÇAS EM VERSOS

Dentre as peças selecionadas, Procópio incluiu uma em versos: “O Badejo”, de Artur de Azevedo.

— E’ mais difícil representar uma peça em versos?

— Naturalmente.

E, antecipando a próxima pergunta, Procópio explica:

— A dificuldade é grande, porque é necessária uma maior disciplina na arte de dizer.

— Acha que o verso prejudica a naturalidade?

— Não. Isso, não. Mas é difícil ser natural. Como sabe, ninguém fala em versos...

OS AUTORES

Voltando ao assunto do teatro nacional, perguntámos a Procópio quais os autores que ele acharia indispensável citar, ao ser feito um resumo das obras mais significativas:

— Em primeiro lugar Antônio José. Em seguida Martins Pena, José de Alencar, Manuel de Macedo, Agrário de Menezes, Machado de Assis, Artur Azevedo, Coelho Neto, João do Rio, Roberto Gomes, Moreira Sampaio, França Junior, e os modernos, que não exigem citação por estarem todo dia no cartaz.

Furtando-se, assim, à tarefa perigosa de citar contemporâneos, Procópio fez um resumo do teatro nacional. Falou sobre Antônio José e suas farsas que tanto divertiram os lisboetas do século dezesseis e que teve morte tão trágica, perseguido pela Inquisição. Referiu-se, em seguida, ao esquecido Agrário de Menezes; que Sílvio Romero considerou um excelente dramaturgo. Citou ainda fatos sobre Machado de Assis em suas relações, infelizmente tão rápidas, com o teatro. Lembrou Manuel de Macedo, mais conhecido como autor de “A Moreninha”, e José de Alencar, que Sílvio Romero considerou um comediógrafo brilhante. Coelho Neto deixou também

Paulo Barreto (João do Rio), autor de “Que pena ser só ladrão!”, incluída no repertório do Teatro Retrospectivo. Foto tirada em Lisboa, no ano de 1910, quando ali em visita.

Coelho Neto, autor de “O Quebranto”, outra peça de incontestáveis méritos, há muito não representada. Fazia parte do repertório de Leopoldo Fróes, e agora Procópio vai evocá-la.

FALA O INTÉRPRETE DE “DEMÔNIO FAMILIAR”

— Apresentarei dez peças, informou-nos Procópio ao ser por nós procurado no Teatro Serrador. Não estão incluídas, porém, nessas dez, as peças modernas com que entremearei a temporada afim de quebrar-lhe uma possível monotonia.

E continuando:

— E’ claro que não posso dar uma temporada só com peças antigas. Pirão é muito gostoso, mas pirão todo os dias enjoa. Da mesma forma, peças clássicas, uma depois da outra... compreende...



OS AUTORES E AS PEÇAS DOS TEMPOS
EM VERSO — FALTA DE TEATROS, Ó
OS RUMOS E' O POVO — ANTÔNIO JOSÉ,
RIO E OS OUTROS — CURIOSAS REVELAÇÕES DO INTERPRETE
DE "O QUEBRANTO".

lindas peças e Artur de Azevedo, com grande parte da sua produção dispersada, pois gastou o seu talento com temas atualíssimos que envelheceram, mas não deixou de contribuir, não só com obras originais, mas com uma série de traduções de várias línguas e inúmeras adaptações. Isso sem falar da crítica teatral, que exerceu durante muito tempo. Encerraram a evocação os nomes do jornalista João do Rio, do professor Roberto Gomes, autor da famosa "Berenice", de Moreira Sampaio e, finalmente, de França Junior.

Não querendo, entretanto, perder a oportunidade de conversar com Procópio sobre o nosso teatro contemporâneo, voltámos a perguntar-lhe a sua opinião a respeito deste:

— Que rumo toma o nosso teatro nesta hora?

Procópio, porém, "driblou-nos" mais uma vez, aproveitando a ocasião para reafirmar sua posição no assunto.

— O rumo que o povo exige que ele tome. E acrescentou:

— O povo é quem determina as diretrizes da arte, principalmente a do teatro, que é uma arte essencialmente popular.

O ETERNO PROBLEMA

Não faltam boas intenções, mas as realizações contam-se nos dedos de uma só mão. Não teria valor algum a iniciativa de Procópio se ele não tivesse movido céus e terras para realizar o seu projeto. Um belo plano não vale uma execução razoável. As dificuldades não foram pou-

Machado de Assis teve um contacto muito rápido com o teatro, o que foi lamentável. O romancista de "Braz Cubas" deixou uma pequena bagagem, hoje muito pouco conhecida.



cas, entretanto. Lutou a princípio, para obter um teatro.

— Um teatro?! Falava-se, há pouco, na abundância de teatros...

Mas Procópio lembrou-nos:

— E na sua escassez, também. A abundância é uma lenda e a escassez um fato. Tanto assim que não poderei dar toda a temporada de teatro retrospectivo aqui, no Rio.

— Mas não estava combinado?...

— Nem sempre o que a gente deseja é possível. Em primeiro lugar, só agora acabo de receber auxílio do governo para a temporada. Em dois meses não é possível montar todas as peças que tenciono apresentar.

— Como fará, então?

— Serei forçado a continuar em S. Paulo a minha temporada.

— Não há um teatro sequer livre no Rio?

— Nenhum.

— Por que não recorre aos poderes públicos, para conseguir uma casa de espetáculos?

— O governo possui a maior boa vontade para com os artistas, porém não pode fazer milagres.

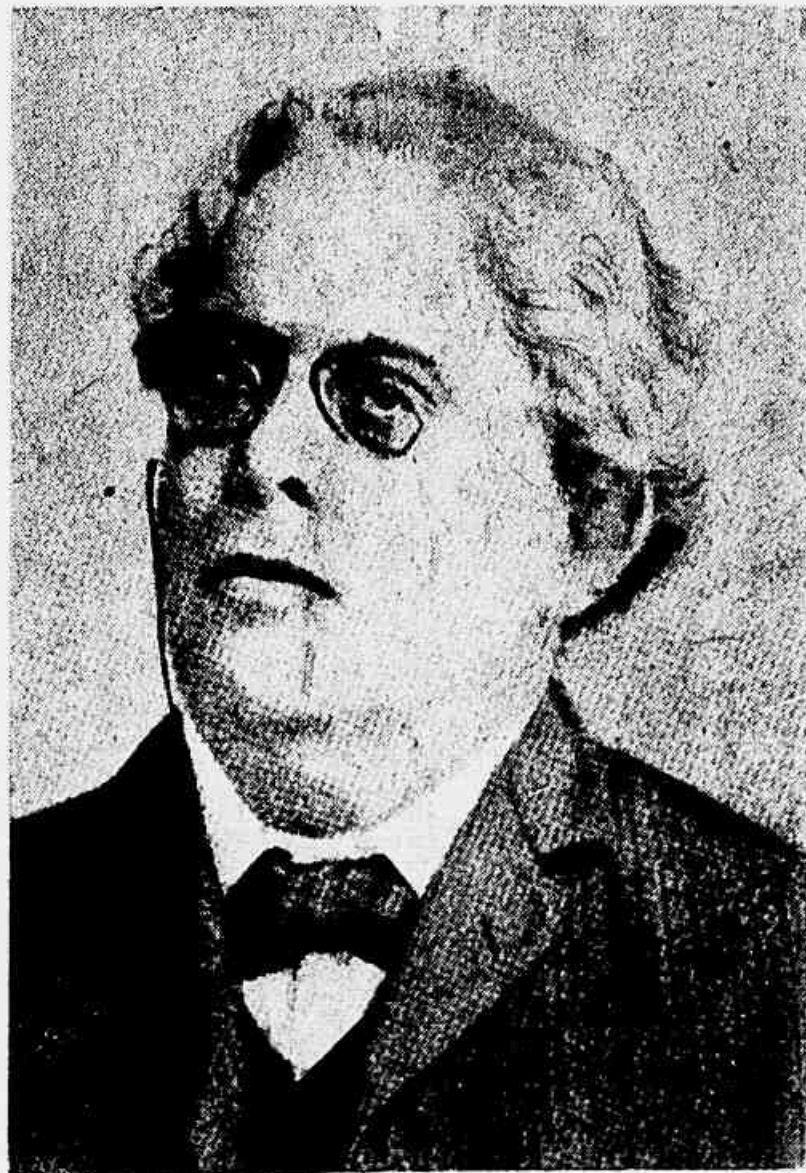
Procópio falou, em seguida, da generosidade e da gentileza com que o prefeito Dodsworth o atendera e fizera todo o possível para facilitar-lhe a tarefa.

— Ele está disposto a solucionar este problema, porém luta com algumas dificuldades.

— Por exemplo...

— Falta de local. Você não pode imaginar como é difícil encontrar um lugar apropriado

Artur Azevedo, que também será comemorado na temporada do Teatro Retrospectivo, através de "O Badejo". Foi um dos luminares da literatura teatral brasileira do seu tempo.



Procópio em outro tipo, este, porém, dispensando os recursos maiores do "maquillage" e vivendo mais da exteriorização de múltiplos e contraditórios sentimentos em conflito.

para a construção de um bom teatro. E, ademais, quando esse local é encontrado, há ainda a luta que se trava para vencer a resistência dos proprietários de algumas casas. E' por isso mesmo que há dois anos começo minha temporada no Rio em fim de estação, quando tudo é contra o teatro, começando com o calor, sem esquecer a chuva e incluindo o fim de ano, época de férias e veraneio.

— Quando termina sua temporada no teatro Serrador?

— No dia 31 de Janeiro.

— E, até então, naturalmente, prosseguirá com o teatro retrospectivo.

— Sim. Entremeadado, é claro, com peças modernas, para não torná-lo monótono. Seria um erro pôr todas as peças antigas juntas, conforme lhe expliquei.

Com o "Demônio Familiar", de José de Alencar, iniciou-se a temporada que está suscitando tanto interesse. O plano, a despeito de todos os obstáculos, já se transformou em uma realização magnífica. Agora os leitores também sabem à custa de que sacrifícios puderam vir à cena, ressuscitadas pelo esforço de Procópio, algumas das boas peças do nosso teatro do passado.



Reunião de Natal típica, tal como a via Dickens, em meados do século passado.



Chegada de convidados, para a reunião de Natal, a um solar inglês, no século XVII. Exemplifica o espírito tradicional de boa vontade e amizade.



Gravura mostrando uma reunião oferecida por um lord inglês em seu solar, no século XVI.



Árvore de Natal na abadia de Westminster, aspecto anual que se vê em muitas igrejas britânicas.

COSTUMES DO NATAL

RALPH COOKE. Do B.N.S., especial para a "REVISTA DA SEMANA"

Londres, Dezembro. — Em comum com muitos outros países a Inglaterra tem uma longa tradição de costumes de Natal, alguns de origem muito antiga. Quase todos os distritos têm ou tinham os seus costumes peculiares e suas próprias variações dos costumes gerais. Alguns, aqui e acolá, ainda permanecem. Por exemplo, um dos mais comuns de todos os usos de Natal era a representação de peças adequadas no país todo, em que tomavam parte grupos de atores habitualmente chamados "mummers".

Esses "mummers" ainda são encontrados em certas partes do país, particularmente no Yorkshire e no Hampshire. Apresentam-se nas residências mais importantes e representam na nave ou sobre o gramado ou, ainda, simplesmente a um lado da estrada. À noite percorrem os hotéis locais.

Os cantos de Natal seguem mais ou menos as mesmas linhas. Muitos cânticos foram conservados pelas crianças das aldeias, mas depois da guerra, quando os adultos voltarem, talvez haja um reavivamento desses cantos. Os cantores vão de casa em casa, nas aldeias ou nas cidades, cantando em meio à escuridão, lá fora, sendo depois convidados a entrar.

Também as decorações de Natal são tradicionais, pois dificilmente se encontrará uma casa e, certamente, nenhuma igreja ou edifício público, em que não apareça o "evergreen", principalmente no interior, mas, algumas vezes, também no exterior. Um ramo dele pende num lugar

proeminente, como por exemplo uma passagem obrigatória, e quando uma jovem passa sob o ramo deve ser beijada.

Esse costume certamente não será afetado pela mudança dos tempos e a árvore do Natal, embora seja coisa antes recente no tocante aos costumes, está firmemente estabelecida e não se dispensa o seu uso. A árvore de Natal foi introduzida pela primeira vez na Inglaterra em 1841 pelo príncipe Albert de Saxe-Coburg, consorte da rainha Vitória, tornando-se imediatamente o centro das reuniões de Natal. Ao mesmo tempo entraram em uso os cartões de Natal, que somente muito depois começaram a ser amplamente usados.

O costume de trazer uma grande tora de madeira e cerimoniosamente colocá-la na lareira, geralmente na véspera do Natal, é tão antigo que as tentativas para estabelecer as suas origens sempre se malograram. Na parte norte do país um grande pedaço de carvão muitas vezes substitui a tora, mas qualquer que seja o combustível, o costume não será facilmente abandonado.

A despeito das conveniências modernas, um Natal sem o fogo crepitando alegremente na chaminé não parecerá um verdadeiro Natal num lar inglês. O Papai Noel, ou Santa Claus, como o chamam na Inglaterra, é inseparável do Natal das crianças. A excitação produzida pela sua vinda na véspera do Natal, afim de encher as meias e sapatos pendurados ao pé da cama com os presentes que foram assunto das indagações juvenis durante tantas semanas anteriores, é algo mais importante do que qualquer outra coisa

(Continua na pág. 54).

JACOB devia êsse nome a um dos muitos momentos de alegria que felicitavam a vida da sua dona.

Era negro, reluzente e reunia tôdas as condições aristocráticas exigidas para ser o arquétipo da sua raça (*).

Ernestina encontrou-o certa manhã junto a um tronco de árvore, pequenino ainda, tiritando de frio e piando doloridamente. Levou-o consigo, aninhado na palma da mão. E mais tarde foi ao próprio coração que o recolheu, como eleito do seu afeto.

Jacob cresceu formosamente. A penugem que lhe revestia a carnezinha, ainda tão frágil quando lhe faltou o ninho, foi-se convertendo em plumagem dum preto retinto e em cuja lisura a luz vibrava em reflexos joviais.

A história de Jacob havia sido singelíssima até ao dia em que êle passou a fazer parte daquela família. Como é sabido, os tordos não fazem ninho. A fêmea põe os ovos no lar alheio e vai-se embora, para não voltar. Mas a falta de sorte de Jacob se manifestou logo na "antevida". O ovo que lhe servia de alojamento fôra deposto no ninho duns bentevis de mau gênio, que, ao descobrir entre os seus filhotes um intruso, talvez um cínico, desavergonhado parasita, o correram a bicadas para fora do ninho.

No convívio de Ernestina muitas coisas aprendeu Jacob. Quando a moça, ao vê-lo airoso empoleirado no espaldar duma cadeira, se aproximava para conversar com êle, o tordo experimentava a mais ditosa das sensações. Ficava trepidante, frenético de alegria. Procurava bicar docemente os lábios frescos da dona ou alcançar-lhe os dentes, quando apareciam, alvejando e cintilando, nos movimentos da conversa. Ou então, fechava voluptuosamente os olhos e ia baixando a cabeça até a meter debaixo da asa, pedindo assim a carícia daquela branca mão de dedos afilados e unhas côr de rosa desmaiada. E, nesses momentos, igual ventura se refletia nos olhos verdes de Ernestina.

Realmente, Jacob era o carinho em figura de pássaro. Tinha extremos de meiguice para com a dona, que evidentemente o preferia a todos os outros bichos domésticos, aos quais só era permitido passear pelo pátio, quando muito pela varanda da casa. Jacob, êsse, andava pelas salas, pelos quartos, pelas salas e comia à mesa com a família. Havia para êle um prato especial, de fôlha, em que lhe eram oferecidas as guloseimas de seu maior agrado. E não só o pássaro se servia à vontade, como, em caso de falta ou demora, sem a menor cerimônia reclamava.

Se Ernestina, por qualquer motivo se levantava da mesa, o tordo prorrompia em assobios de protesto, com absoluto desdém pelas pessoas presentes. Sem a dona, achava êle que a mesa ficava deserta e assim o significava sem lhe importar a impressão de desrespeito ou ofensa que as outras pessoas pudessem ter.

Certa vez, para o experimentar, ver com certeza o que êle faria, fingiu o pai de Ernestina que a perseguia pela casa fora, armado dum espanador, Jacob foi simplesmente heróico. Meteu-se entre os dois, com as penas eriçadas de cólera, e ameaçando com o bico em riste o agressor.

Doutra feita, Ernestina, que ia atravessando o pátio, escorregou e estendeu-se a todo o comprido no chão. O pássaro, que a mirava da varanda, voou como uma flecha a socorrê-la. A moça tinha desmaiado. Jacob desatou a andar-lhe à volta, alarmado, aflito, de asas abertas e sibilando, até que os criados lhe viêram acudir. As contusões causadas pela queda foram bastante sérias; e Ernestina teve que ficar quinze dias de cama. Durante todo êsse tempo, de cada vez que se tentou fazer Jacob sair do quarto, êle reagiu a bicadas e com assobios que alvoroçavam a casa inteira.

De manhã, quando Ernestina saía a cavalo, dava o tordo o seu passeio pelas vizinhanças e chegava a aventurar-se, perseguindo alguma donairoza e faceira torda. Mal, porém, avistava, a distância, a dona no seu tordilho, abandonava o colóquio amoroso por mais interessante que fôsse e a qualquer altura em que estivesse, e voava para a varanda, onde logo o ia procurar, para o cobrir de afagos, a dona daquelas mãos tão claras e tão macias.

Um dia veio para a estância, como empregado de escritório, um rapaz bonito e bem pôsto. O tordo recusou-se a travar com êle qualquer espécie de relações. E, sempre que o moço tentava um princípio de familiaridade, Jacob lhe respondia com sinais de instintiva e intransigente antipatia.

Em certa ocasião, notou êle que Ernestina desaparecera misteriosamente e foi à sua procura. Andou por tôda a casa, buscando-a ansiosamente. Tendo-se certificado de que a dona saíra, aproveitou uma porta entreaberta... Inspeccionou a varanda, desceu ao pátio. Nada. Passou para o teatro das suas próprias aventuras: o jardim. E ali, meio escondida por um tronco de grande árvore, viu-a bem chegadinha ao empregado do escritório, mas esforçando-se por evitar o beijo que êle lhe queria dar no rosto.

Julgando a dona em perigo, Jacob soltou os seus mais estrídulos assobios de alarme. O rapaz ameaçou-o com um pontapé mas sem conseguir amedrontá-lo; e acabou por bater em retirada.

Premiando aquela intervenção salvadora, Ernestina prodigalizou ao herói os costumados carinhos; mas, notou o pássaro, bem mais que das outras vêzes os seus dentes apareciam e rebrilhavam. E' que a moça ria a bom rir...

(*) Trata-se do tordo, pássaro dentirostro de que se conhecem vinte espécies e que é popularíssimo na campanha argentina.

JACOB

Conto do escritor argentino GUSTAVO DURVAL

Desde êsse dia, Jacob detestou o jovem empregado com tôda a veemência de que é capaz um coração ciumento. Passado certo tempo, percebeu que alguma coisa de anormal e desagradável acontecera lá em casa. Já passara a hora do almoço e parecia que ninguém pensava nisso; no entanto estavam todos à volta da mesa. D. Ernesto passeava nervosamente dum lado para outro. De repente, parava diante de Ernestina — que, de cabeça baixa, deixava pender as madeixas de ouro puro — e falava-lhe num tom que Jacob nunca notara naquela voz paternal. Depois, voltava a passear irritadamente.

Jacob aproximou-se da dona. Por mais que, porém, fizesse, andando ao redor dela, roçando-se pelos seus sapatos e a cada momento olhando para cima, nem uma só vez a branca mão de dedos afilados o veio acariciar.

Não tornou a ver o empregado do escritório, o que sobremaneira o satisfaria se não fôra a mudança que lá em casa se havia operado. Ernestina andava cada vez mais triste. Quase não afagava o pássaro entre todos predileto. À hora das refeições, esquecia-se de Jacob; era preciso que êste, com os silvos mais enérgicos, lhe chamasse a atenção. E já de manhã não dava os passeios a cavalo, que o tordo aproveitava para fazer também as suas excursões pelas vizinhanças.

Uma tarde, depois do almoço em que Ernestina não tomara parte, porque estava recostada no leito, quase sem forças e chorando, Jacob viu-a levantar-se a custo, ajudada pela mãe, e arranjar-se para sair. Entre o pai e a mãe que a amparavam, desceu ao terreiro onde a vitória da estância esperava, com a bela parelha de cavalos alazões. E partiram, em direção à cidade.

Jacob não deixou de ficar contente. Havia tempo que não saía para dar a sua volta pelo jardim. Lá foi, mas um tanto dessasocgado e apreensivo... Desprezou as negações duma torda namoradeira; e dentro em pouco regressava à varanda, onde ficou à espera da dona a quem cada vez mais extremosamente amava. Assim passou muito, muito tempo... Com ditoso alvoroço viu a vitória chegar, parar diante da varanda. Mas os pais de Ernestina desceram antes dela; e foi em braços que a conduziram até ao quarto, lívida, com a cabeça pendida para a frente, quase a desfalecer.

Jacob postou-se junto ao leito, aguardando o momento em que os macios, alvos dedos da dona desciriam para o acariciar. Mas debalde esperou.

Uma noite, viu tirarem Ernestina da cama e colocarem-na numa grande caixa, entre luzes e flôres. E no dia seguinte, seis senhores muito

(Continu na p'g'na 48)





PENAS E PLUMAS NÃO PODEM FALTAR A UMA VERDADEIRA "GLAMOUROSA"... QUE TAL ESTE GRITINHO AO ESPELHO? (QUEIRA DEUS QUE MAMÃE NÃO CHEGUE AGORA...) AS ATITUDES COPIAM AS "PIN-UP" GIRLS DO CINEMA.



O PRIMEIRO PASSO PARA SER UMA "PIN-UP GIRL", SHARYN CUIDA DO "MAQUILLAGE" — ELA É MENINA PRECOCE... O RATON PERTENCE A MAMÃE, MAS MAMÃE É CAMARADA. ELA SE ORGULHA DA GAROFA QUE DEUS LHE DEU...

AGORA, SHARYN PROCURA IMITAR A ATITUDE DA MOÇA BONITA CUJO RETRATO VÊ-SE NO ESPELHO. QUE TAL? HAVERÁ QUEM RESISTA A ESTE OLHAR? NEM BETTY GRABLE PODERÁ USAR OUTRO MAIS PERIGOSO, POR CERTO...



UMA

"Pin-up-Girl" já nasce feita

"PIN-UP GIRL"... nada menos que um termo muito em voga na América do Norte. Não quer dizer nada e quer dizer tudo... É a pequena moderna, sedutora, um pouco vampíresca, um pouco perigosa. Agora, uma garotinha de sete anos de idade, Sharny Moffet, de tal maneira se revelou "pin-up girl" que o cinema já a tomou sob seus cuidados. Ela vai fazer seus filmes na R. K. O. Radio. Aqui apresentamos miss Moffet...

"RAYRAY AMES TEM QUE COMER MUITO PEIÃO PARA COMPETIR COMIGO"! (UM ESCLARIMENTO: MISS AMES É UMA DAS MAIS POPULARES "PIN UP GIRLS" DA AMÉRICA).

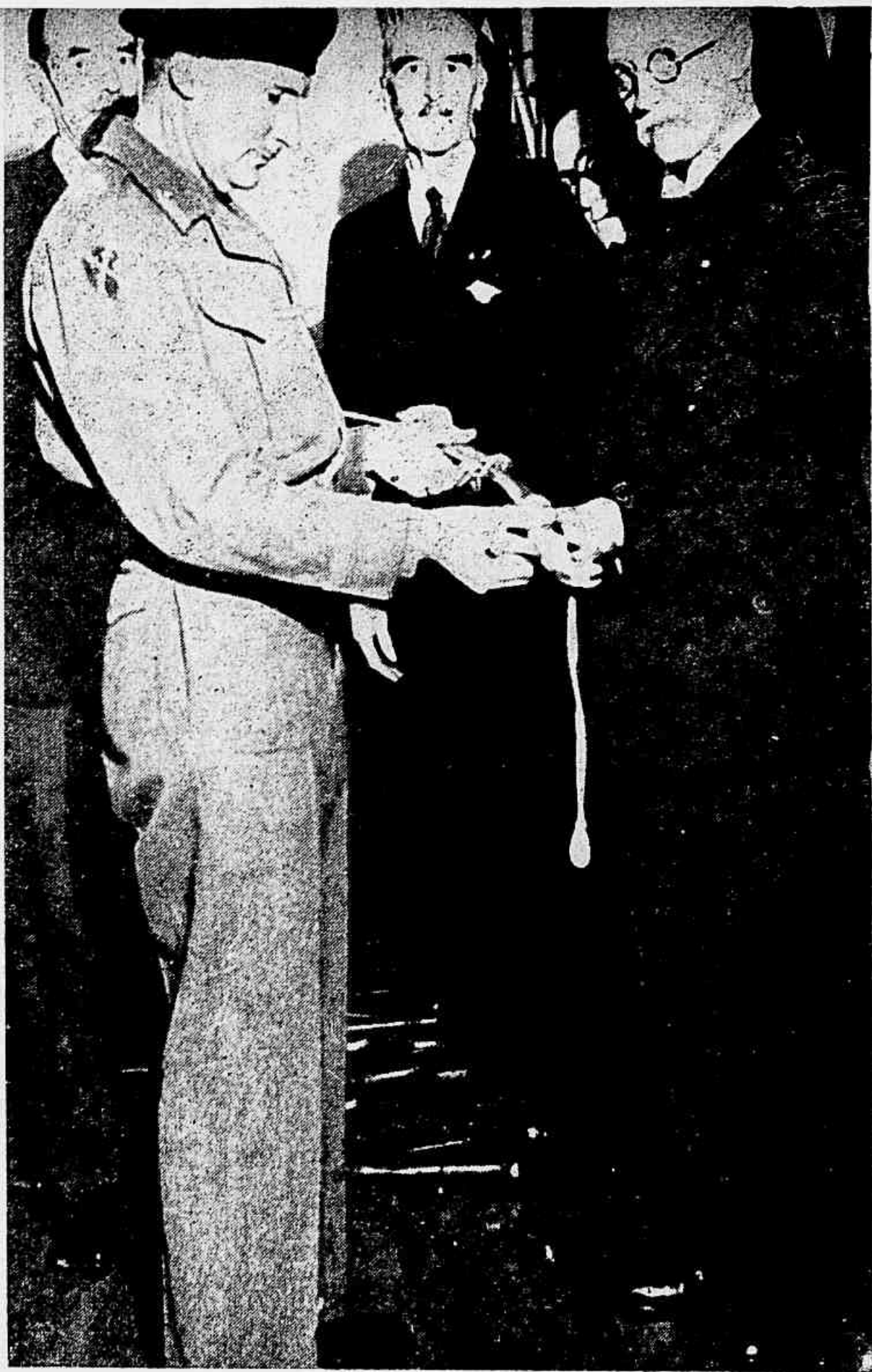
FINALMENTE, A SUA POSE MAIS SENSACIONAL! E A PEQUENA SHARYN PARECE EXCLAMAR - "AH! MAS É TERRÍVEL SER ASSIM PERIGOSA, IRRESISTÍVEL E... TÃO CRIANÇA"...





O NASCIMENTO DE JESUS — numa composição alegórica do famoso ilustrador italiano Fortunio Matania, há muito domiciliado na Inglaterra, onde seus trabalhos já lhe concederam toda sorte de honrarias e homenagens. "O fato, que aparentemente foi de nenhuma importância para os seus contemporâneos, mas que devia mudar a face do mundo", eis a legenda desse trabalho, considerado sumamente arbitrário e muito discutido pelos críticos. Um pormenor:

Assemelha ao quadro tradicionalmente apresentado, se bem que conservando todas as características do fato mas revestido das nuances personalíssimas de seu autor. É, de qualquer modo, uma notável ilustração muito difundida e cuja reprodução faz-se, agora, plenamente oportuna. A mangedoura, as palhas onde foi improvisado o berço do Nazareno, todo o "ambiente" do estábulo de Belém, estão maravilhosamente fixados nessa admirável composição de Matania.



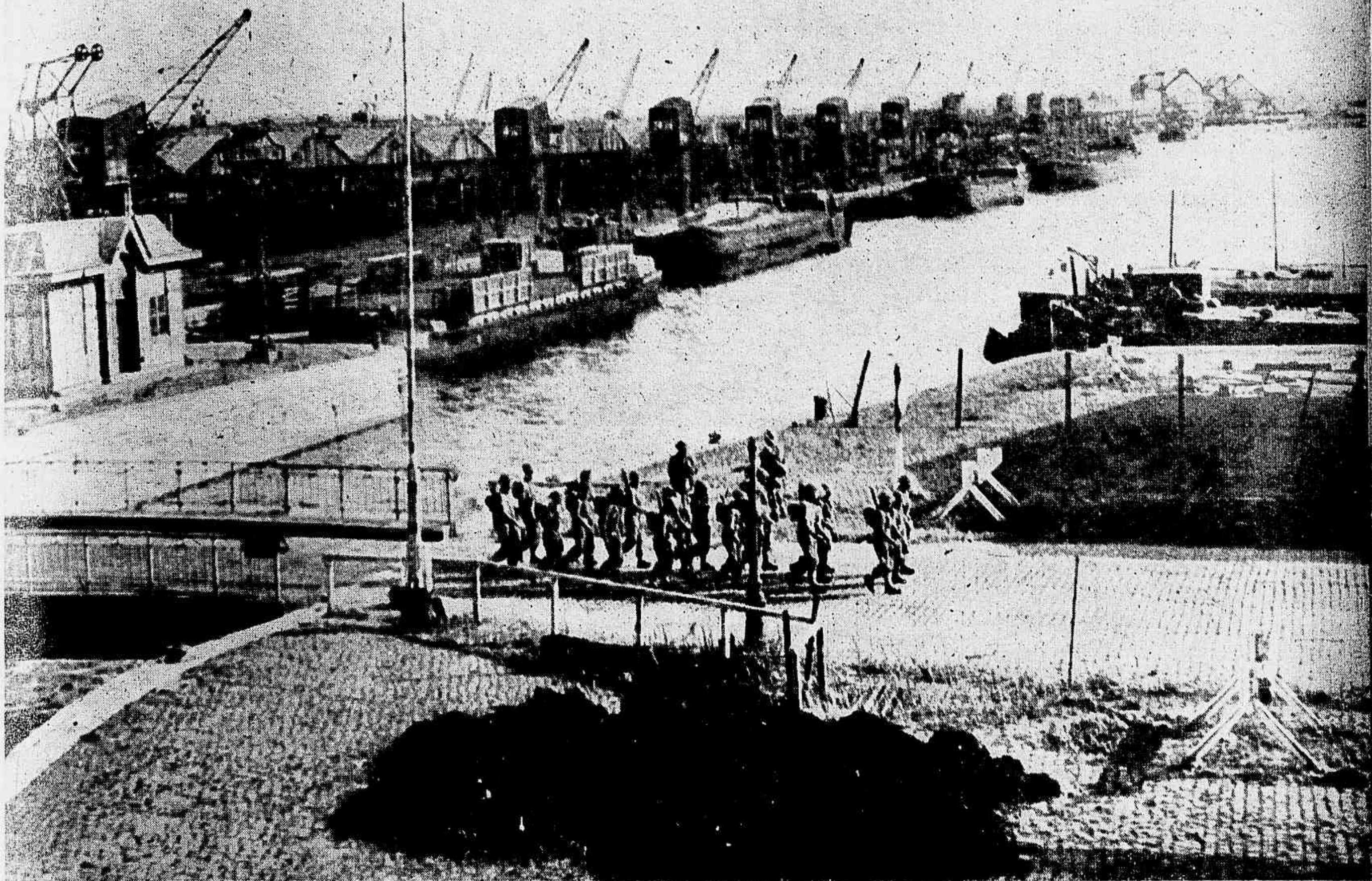
A Guerra em marcha

NATAL EM LUTA

Não é um Natal inglório e triste, o que estamos conhecendo este ano, porque justamente é o de maiores esperanças e quando elas começam a transformar-se em realidades pujantes. Lembremo-nos, o de 1943 foi muito mais melancólico. Ainda a invasão não havia começado. Ainda muitos duvidavam do êxito do dia D. Ainda Paris estava sob o tacão nazista... Os *maquis* já se empenhavam na luta subterrânea, os planos da invasão estavam armados mas tudo ainda se envolvia nas sombras do provável, do mais oportuno, do "amanhã ou quando menos se esperar..." Este Natal traz-nos o conforto do sucesso estrondoso do desembarque. Os alemães conhecem, neste Natal, pela primeira vez, as amarguras da luta travada dentro de seu território, e as mulheres, as crianças, os velhos do desgraçado país sofrem o que nossos velhos, crianças e mulheres sofreram por longos e tormentosos quatro anos. Claro que nem tudo está como desejaríamos, muitos milhares de vidas foram ceifadas no transcurso destes doze meses, mas tudo está mais claro, mais explicado e mais animador que por ocasião do primitivo Natal. Esperemos viver o de 1945 em condições ainda mais confortáveis. Terá terminado a guerra de hoje a um ano? Quando não esteja ainda concluída, é fora de dúvida que nos terá aproximado muito mais da hora por todos almejada — a da Vitória. E dessa vez uma vitória final, prolongada, quem sabe se definitiva...

HONRANDO O VENCEDOR — A CIDADE DE BRUXELAS OFEPECE UM SABRE DE HONRA AO MARECHAL MONTGOMERY. A LÂMINA DO SABRE TEM A SEGUINTE INSCRIÇÃO: — "AO LIBERTADOR DE BRUXELAS — 3 DE SETEMBRO DE 1944 — SEUS AMIGOS AGRADECIDOS". — A ENTREGA FOI FEITA PELO PREFEITO DA CAPITAL BELGA, POR OCASIÃO DE UMA SINGELA MAS SIGNIFICATIVA HOMENAGEM PRESTADA AO BRAVO SOLDADO INGLÊS.





SEM FORÇAS PARA DESTRUIR SIQUER! — A RAPIDEZ DO AVANÇO ALIADO E A ENERGICA INTERVENÇÃO DAS FORÇAS BELGAS DO INTERIOR OBRIGARAM OS ALEMÃES A DEIXAR INTACTAS AS INSTALAÇÕES PORTUARIAS DE AMBERES AO CONTRÁRIO DO QUE SE ESPERAVA. E AS TROPAS ALIADAS CRUZAM O CANAL, DESFILAM PELAS RUAS DO CENTRO SEM O MENOR EMBARAÇO.

← UM PORTO ESTRATEGICO — O PORTO DE AMBERES, PRONTO A SERVIR DE LOCAL DE EMBARQUE PARA OS EXERCITOS ALIADOS, PERMITINDO ASSIM IMPRIMIR UM IMPULSO MAIOR, MAIS INTENSIFICADO E ATIVO AO AVANÇO CONTRA A ALEMANHA. NO ENTANTO, O PORTO DE AMBERES MOSTRA-SE, NESSA GRAVURA, UM EXCELENTE MOTIVO PICTORICO, APARENTEMENTE QUIETO...

FLORES BELGAS PARA O LIBERTADOR — TAMBEM AS CRIANÇAS BELGAS HOMENAGEARAM O BRAVO MARECHAL MONTGOMERY. AQUI VEMOS, AINDA EM AMBERES, UM FLAGRANTE SIGNIFICATIVO. CRIANÇAS QUE CONHECERAM A FURIA DO TACÃO NAZISTA AGRADECIDAS DÃO SEU TESTEMUNHO DE ALEGRIA QUE SE TRADUZ EM FLORES, MUITAS FLORES QUE O MARECHAL RECEBE SORRINDO E FELIZ.



"UM ROMANCE, PARA SER BOM, DEVE SER CURTO"

DECLARA SOMERSET MAUGHAM

O autor de "Serviço Humano" continua em carlos. Agora mesmo o cinema deu-nos "A hora antes do amanhecer", extraída de um de seus conhecidos romances. É oportuno, pois, reproduzir a entrevista concedida por Somerset Maugham a um reporter americano, por ocasião de seu embarque em Nova York como refugiado catrôpe.

W Somerset Maugham, que, diga-se de passagem, já se despediu há muito dos sessenta anos, instalou-se, confortavelmente, numa poltrona, e disse, com voz clara e pausada.

— Há alguns anos, decidi abandonar o teatro. E abandonei. Não me arrependo disso. Estava, mesmo, na hora

exata. Quando parei de escrever para o teatro, já conta a com umas trintas peças e vinte sucessos, mais ou menos.

Depois de uma pequena pausa, prosseguiu:

— Não tornarei a escrever uma peça. É claro que, se me ocorrer algum assunto, que seja mais apropriado para o teatro, eu talvez faça a tolice de tentar

novamente. Mas espero que não. Análise de contas acho que o sucesso é para os jovens.

O encontro do reporter com o escritor se deu depois de alguns desencontros em vários pontos do globo. Chegara tarde demais para entrevistá-lo no Cairo e não o encontrara mais em Egitto. Em Londres ele não parara e, finalmente, passara por Nova Iorque, rapidamente. Foi só na casa de um amigo que o reteve mais algum tempo que ele podesse ser encontrado. Forte como sempre, apesar da idade, ele vestia um paletó narron e umas calças cinzentas — quase todo o seu guarda roupa. Viera de Londres, não havia muito tempo, com um coltôr, uma maleta com roupa de baixo suja, um par de sapatos e três dólares no bolso.

— Cheguei a América com seis ternos, colecionados pelo cauzinho. Tenho, somente, essa maleta e nada mais no mundo. Não sei o que é feito de minha casa na Riviera. Com certeza os italianos estiveram por lá. Meus livros, meus quadros, tudo o que eu possuo está lá. Não sei quanto tempo demorarei na América, nem para onde irei, quando a deixar. Tenho muito que fazer e espero ganhar um pouco.

Há quarenta anos que Somerset Maugham escreve. De "Liza Lambeth" até "A Hora Antes do Amanhecer" ele conta com uma lista enorme de romances. De "Lady Frederick" até "Stephen", sua última peça, a lista de comédias não é menos brilhante. De seus romances, "Serviço Humano" é talvez, o melhor e o "Círculo Vicioso" é a comédia que teve maior aceitação por parte da crítica. Mas tudo o que ele escreveu teve sucesso. Somerset Maugham não conta, na sua obra, com um único completo fracasso.

— Durante algum tempo estive muito interessado pelo teatro, explicou. Mais tarde, comecei a escrever romances. Custo de escrever romances. Mas com o mundo em guerra não tenho socôgo para trabalhar. Quando tivermos vencido essa guerra começarei. Espero que não esteja velho demais para isso.

Sempre que se fale dos livros de Somerset Maugham, "Serviço Humano" é logo mencionado. Foi seu maior sucesso.

— Nunca imaginei que pudesse ter tanta aceitação. Sabe que ainda está vendendo 30.000 exemplares por ano? Foi escrito em 1915!

Somerset Maugham concorda com a crítica a respeito de "Círculo Vicioso". Acha que esta é, de fato, sua melhor peça, mas nunca a assistiu representada. Outro grande sucesso foi seu conto CHUVA, adaptado por dois americanos para o teatro. Ficou no cartaz mais de um ano.

— Que grande atriz era Jeanne Eagles! comentou Maugham. Seu trabalho no papel de Sadie Thompson, foi qual quer coisa de extraordinário... Não é estranho como se vive pouco no teatro? Morreu tão moço!

Somerset Maugham admira, entre outros comediôgrafos ingleses Noel Coward.

— Conhece teatro como ninguém. E eu o conheço desde o tempo em que ele ainda usava calças curtas!

No dia em que eu resolver me aposentar irei viver na China. Gosto dos chineses e Pequim é uma cidade maravilhosa. Por enquanto, ficarei na América e, quando ganharmos a guerra irei retornar minha casa em Cap Serrat, na Riviera. Com certeza roubaram muita coisa...

A opinião de Somerset Maugham sobre a moderna literatura americana é original. Acha que há muita coisa boa mas acha os livros longos demais. Um livro, para ser bom, deve ser curto. Deve-se poder lê-lo de uma sentada.

— Não me importa ter que recomendar, sem dinheiro, sem lar, sem nada. Tenho muito pouco, agora. Não faz mal. Vou trabalhar e ganhar o suficiente para viver. Minha saúde é boa, tendo-se em conta minha idade. E para dizer a verdade, não me sinto velho. Muito pelo contrário, sinto-me alegre e despreocupado!

E, dizendo isso, Somerset Maugham acendeu um novo cigarro, e levantou-se. A sua frente estendia-se a paisagem americana. Ele olhou o mar com um sorriso alegre. Lá, muito longe, do outro lado do oceano, também há uma casa de onde ele, com o mesmo sorriso contemplava as águas azuis da Riviera, da janela de seu gabinete de trabalho...



A MORTE DO 845

Por *HUMBERTO DE CAMPOS*

Ilustração de *José Antonio*

e se embriavam tão profundamente nêlo que quasi não o viam. Os seus lábios mexiam-se, fervorosos, na oração. Pouco a pouco, o seu pensamento voltou melancolicamente á terra, e ela começou a recapitular o seu passado, a sua mocidade, a sua história... O Roberto acabava de fazer o serviço militar, quando se conheceram, em uma festa da Glória. Estava, por essa ocasião, á procura de emprego. Uma grande simpatia os irmanou, desde logo. E como não pudesse pedir-lhe a mão antes de ter um meio de vida, assentou praça como bombeiro, tomando então o numero 845. Aí vê-lo fardado, o seu coração de moça pobre e humilde, filha de operários, bateu de contentamento e de orgulho. Lembrava-se bem da alegria infantil com que o via chegar, na sua farda de pano escuro e grosso, o capa-

Tinha as mãos envoltas em gaze quando pegou, pela primeira vez, o seu filho. Corajoso e valente, não evitava, jamais, os perigos. Daí a aflicção com que ela, sua companheira leal e dedicada, ha quatorze anos, via passar as horas quando recebia a notícia de um incêndio na cidade. O seu consolo era aquela imagem, que ali estava. Ha quatorze anos, ao saber que o fogo lavrava em alguma casa dos bairros centrais, corria para diante da Virgem, e rezava contritamente, rezava com toda a alma, com todo o coração. Quando o seu filho começou a andar, ensinou-lhe, também, a correr para aquele oratório tóxico, e a fazer-lhe companhia nas preces, para que a vida do seu pai fôsse poupada, nos riscos terríveis a que se achava sujeito.

Rosto de uma palidez nervosa, de

e rugidoras, do meio do fumo, e lambiam tudo em tórno, e abraçavam-se lá em cima, como serpentes que se devoravam. Tudo era negro e vermelho, como si tivessem escancarado naquele momento sobre o mundo as portas estrondantes do Inferno. Era como si os demônios enraivados se batessem, com espadas de chamas, no meio das nuvens revoltas, numa hora de tempestade. Em frente ao prédio que arde, a multidão, estarecida, olha um homem que vai subindo, sozinho, uma escada estreita e extensa para enfrentar as labaredas lá em cima, numa ponta de telhado suspensa milagrosamente sobre o oceano turbilhante. O coração de Maria do Carmo bate, forte, acompanhando aquele pequeno vulto atrevido, que galga pausadamente os degraus de ferro da escada debruçada

I

Maria do Carmo achava-se na cozinha da velha casa de cômodos, da Saúde, soprando um fogareiro de carvão em que preparava o jantar, quando o Raimundo, seu filho único, de doze anos, entrou da rua, na carreira, gritando-lhe de longe:

— Mamãe! incêndio na cidade!

A rapariga deixou de soprar o fogareiro, e, levando aos olhos o avental de riscado grosso afim de limpar as lágrimas causadas pela fumaça, voltou-se para o menino, perguntando:

— Em que rua é o fogo, meu filho?

— Não sei, mamãe. Quem disse foi seu Antônio Padeiro, que veio da cidade... E o rádio da padaria já deu notícia... Mas parece que é muito grande o incêndio... O céu está todo vermelho para o lado da Avenida...

— Minha Nossa Senhora!... E teu pai está de serviço hoje... Deve ter entrado às quatro horas...

E enxugando as mãos no avental:

— Anda, meu filho... Vem cá...

Entraram para um quarto em que a escuridão era completa. Uma lâmpada pequena acendeu-se, pendurada de um fio, que descia do tecto amarelado e alto, do qual se desprendia, já, uma ponta de viga. Uma cama grande, cujo colchão era velado por uma coberta de chita desbotada; uma pequena cama de ferro, um armário e uma velha prateleira com louça pobre constituíam todo o mobiliário do compartimento, em que a luz do sol jamais entrava, por falta de janelas para o exterior. Nas paredes de tabique, roupas de homem, de mulher e de menino, suspensas de pregos, que tornavam invisíveis. E, a um canto, preso á parede, um pedaço de táboa, amparado por um suporte. Sobre a táboa, uma pequena imagem da Virgem da Conceição, o rosto e as mãos encardidos, o manto descorado e toda ela exprimindo tamanha tristeza e tamanha miséria, como se quisesse participar da penúria consolada e heroica dos moradores daquela casa. Maria do Carmo fechou a porta e, tirando do armário um côto de vela, acendeu-o, pingou na táboa algumas gotas de cêra, e fixou-o, junto aos pés da Santa. E, fazendo ajoelhar o filho, ajoelhou-se também aconselhando ao menino, que juntara as mãos:

— Pede, meu filho... Pede a Nossa Senhora para proteger teu pai... Réza, primeiro, um padre-nosso, uma ave-maria e uma santa-maria.

Raimundinho fixou os olhos na vela, acompanhando, automaticamente, o rolar dos pingos de cêra, que se iam consolando, em baixo, na própria cêra. Maria do Carmo unia as mãos, e erguera, também, os olhos. Os seus foram pou-



cete de metal refletindo a luz do sol ou das lâmpadas, a cêra á cintura, num espetáculo admirável de força tranquila e de bravura serena. Nenhuma das moças daquela rua possuía um noivo assim. E era contente, também, que ele chegava, moreno, magro e forte, como um soldado forte e feliz que chegasse vitorioso cada dia de uma nova batalha. Por esse tempo, ela não pensava, jamais, nas responsabilidades daquela farda, nos perigos que esta constituía para a sua felicidade, e nos tormentos de que encheria a sua vida, quando fôsem casados. O sonho de um e de outro realizou-se, então. Casaram-se. Logo, porém, no segundo dia do casamento, houve um incêndio enorme, no bairro comercial. E lá se foi Roberto, a correr, para o quartel, de onde só regressou na manhã seguinte, com as mãos queimadas, o fardamento rôto, e todo coberto de cinza, lama e carvão. Nunca mais o seu coração teve tranqulidade. Quando nasceu o Raimundinho, estava ele no hospital, tratando-se dos ferimentos recebidos em uma das suas lutas com as chamas

quem sofre privações de corpo e de alma, o cabelo negro e ondulado repuxado negligentemente para trás, os olhos ardendo, húmidos, sob as pálpebras pisadas pela inquietação e pela insônia, Maria do Carmo trazia o pensamento por longe, pelo seu passado, em que se misturavam as pequenas alegrias e os grandes cuidados, enquanto os lábios se moviam nervosamente, desfiando as orações. Ao seu lado, Raimundinho, de joelhos, as mãos postas, olhava os pingos de vela, que continuavam a rolar, como si o fogo churasse, também, com pena de seu pai. De súbito, Maria do Carmo escancarou os olhos e a boca, em silêncio, como si estivesse vendo alguma coisa de espantoso, de estranho, de inacreditável, junto á imagem. E via, de fato, com os olhos da sua imaginação. Era uma casa alta, de quatro andares, dominada pelas chamas. Rólos de fumaça escura turbilhonavam pelas janelas e pelas portas, e rebentavam lá em cima, pelo tecto desabado, como uma cachoeira de trêva que se despejasse no céu. Labaredas enormes irrompiam rubras

no abismo vermelho. De repente, o reconhece. Ao clarão das chamas que rugem e sobem, vê a sua figura, os seus traços, o rosto moreno coberto de suor e de tigna. Sente que os olhos dele se voltam para os seus. Que é para ela aquele sorriso de saudade e de morte. E vai estender-lhe os braços, como para pedir-lhe que desça, quando um trovão longo e profundo faz estremecer tudo em redor, e as chamas desaparecem como por encanto sob uma nuvem de poeira e de fumo. Foi a parede que desabou, com o resto de telhado, sepultando na fornalha imensa o herói que lá havia chegado para atacar os dragões de fogo na boca, mesmo, do seu covil.

— Roberto!... — gritou Maria do Carmo, pondo-se repentinamente de pé, e tombando, de novo, no chão, sem sentidos.

— Mamãe!... Mamãe!... Minha mãesinha!... — gritou o menino, atirando-se-lhe sobre o corpo, beijando-a, para reanimá-la.

Continua na pag. 49

PÔR DO SOL

Estes dois maravilhosos estudos foram conseguidos ao pôr do sol, na fronteira dos Estados de São Paulo e Paraná, exatamente no Núcleo Colonial Barão de Antonina, de propriedade do governo brasileiro. Esse núcleo está situado à margem direita do Rio Itararé, que faz a divisa entre os dois Estados. Itararé fica distante de São Paulo quatrocentos e nove quilômetros. Ali nos encontramos em pleno sertão brasileiro, onde a Natureza mais e melhor pode expandir-se. O cenário é tipicamente daquela região sulina, batido pelo céu toldado de um poético lençol de nuvens. A planície estende-se a perder de vista, ornamentada pelos troncos esguios das árvores quase sem galhos mas de copa vistosa e exuberante. São as palmeiras e os pinheiros do Paraná que se defrontam com o limite paulistano, onde o panorama adquire, desde logo, novos e não menos surpreendentes matizes. Quem, alguma vez, já assistiu a esse deslumbrante espetáculo jamais o esquecerá. E a objetiva que o fixou dá-nos, agora, esses dois instantâneos realmente admiráveis.



Deve ou não a mulher fumar?

Eis aí, sem dúvida, uma pergunta um tanto difícil de responder, pois qualquer que seja a sua resposta, encontrará sempre fortes argumentos que a combatam.

Se fumar é um vício, quem julga — dirão as adeptas do cigarro — que só aos homens é permitido ter um vício! Não lhes basta já o privilégio sobre um verdadeiro amontoado de outros vícios? E vícios às vezes tão compatíveis com o temperamento do homem como com o da mulher... E o mais interessante é que não só reservam para si o direito dos "maus costumes" como também ainda exigem que o "sexo frágil" os considere "superiores". Não viram eles o "fiasco" que acaba de acontecer com os "super-homens"? Mas qual, a vaidade do homem não tem limites, cega-o inteiramente, impedindo-o de ver o extraordinário desenvolvimento que se vem operando na mulher. Esse desenvolvimento atinge todos os campos, dando à mulher uma liberdade mais ampla, podendo ela escolher livremente sua carreira, e até... seus vícios!

Não se zangue o homem com essa independência feminina, pois não deve ignorar que entre os "vícios" mais sérios da mulher está justamente ele: o homem!

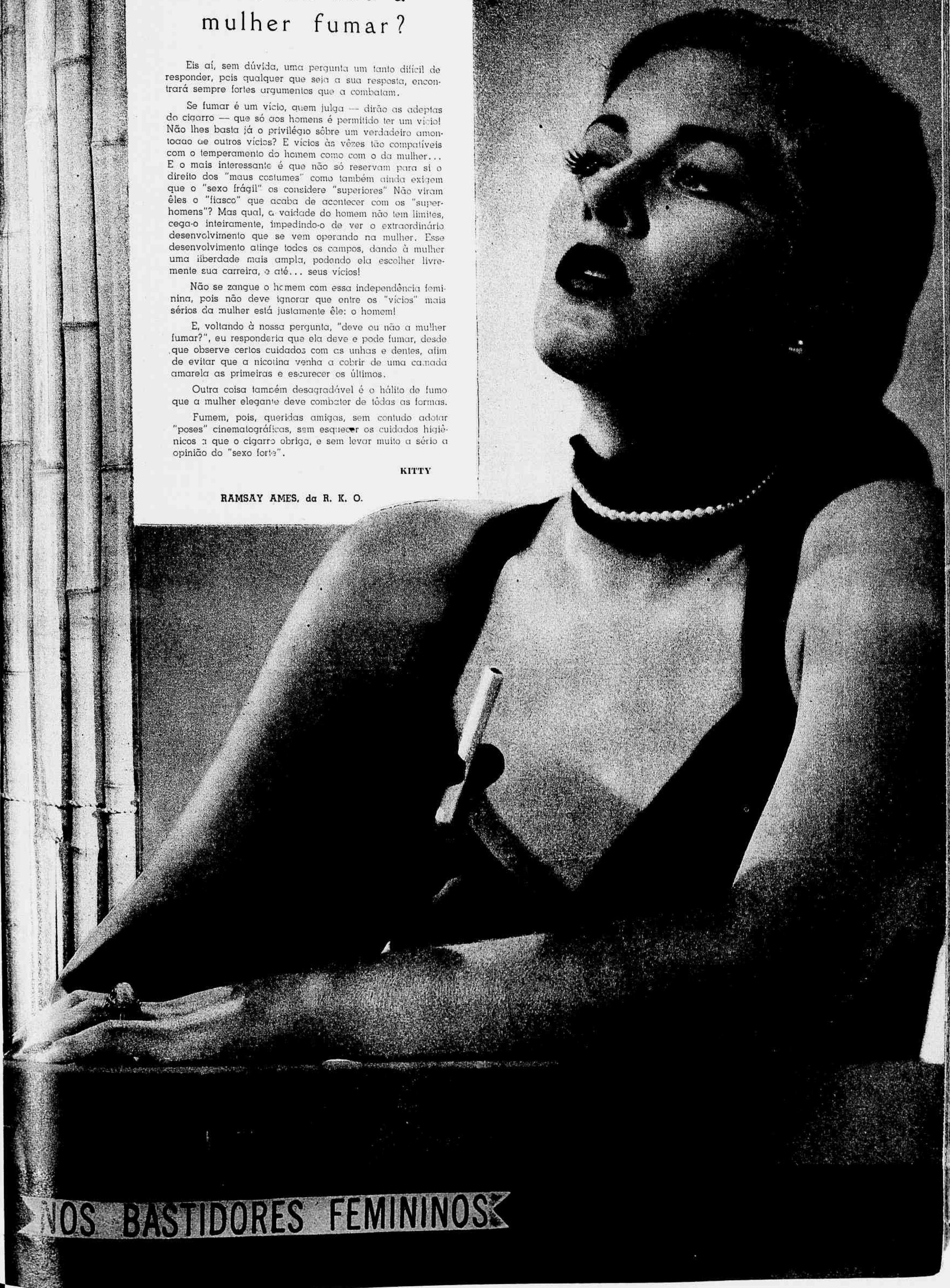
E, voltando à nossa pergunta, "deve ou não a mulher fumar?", eu responderia que ela deve e pode fumar, desde que observe certos cuidados com as unhas e dentes, afim de evitar que a nicotina venha a cobrir de uma camada amarela as primeiras e escurecer os últimos.

Outra coisa também desagradável é o hálito de fumo que a mulher elegante deve combater de todas as formas.

Fumem, pois, queridas amigas, sem contudo adotar "poses" cinematográficas, sem esquecer os cuidados higiênicos a que o cigarro obriga, e sem levar muito a sério a opinião do "sexo forte".

KITTY

RAMSAY AMES, da R. K. O.



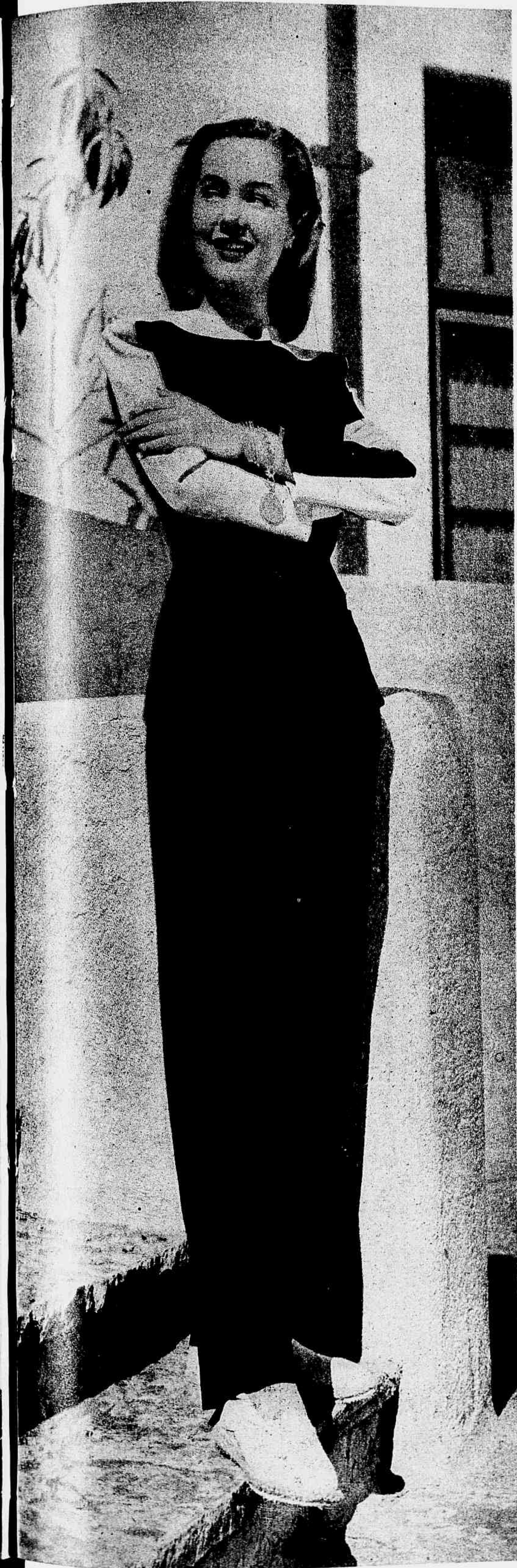
NOS BASTIDORES FEMININOS



1 E' de Adrian êste "chiquíssimo" modelo usado por Jeff Donnell, encantadora "estrelinha" da Columbia. O modelo, que é recomendado para a tarde ou para um jantar, tem a saia drapeada em pesado tecido preto. A blusa é branca com grandes ramagens em preto e verde, mangas largas ajustadas do cotovelo para baixo; interessante recorte aplicado sôbre o drapé da saia dá uma nota inédita a êste vestido.

2 Para estar em casa, Jinx Falkenburg, uma das pequenas mais altas de Hollywood e atualmente contratada pela Columbia, usa êste "slacks" em shantung vermelho. Para tornar o seu traje um pouco mais feminino, Jinx mandou bordar na gola e nos bolsos motivos de flôres.





- 3** Moderníssimo êste "slacks" apresentado por Eileen McGlory, também da Columbia, feito em azul marinho e azul claro. A jaqueta é ajustada ao corpo, fechada com grandes botões. Também as calças são mais justas no torrozele, e que dá uma linha inteiramente nova à êste traje já tão popularizado entre nós.

- 4** Esse modelo de Olivia de Havilland é sem dúvida tão simples quanto elegante. Ele é feito em três cores: azul-marinho, vermelho e branco. Azul marinho é a saia; vermelha é a pala, que forma duas pontas sobre a saia, e branca é a blusa de gola esportiva. E' um modelo juvenil que certamente será muito apreciado pelas nossas leitoras.





O "make-up" é uma parte importante da vida de uma elegante. Mas, é preciso saber aplicá-lo devidamente, afim de não ficar com essa horrível aparência de quem está "mascarada". Antes de mais nada, torna-se necessário o uso de uma boa "base", que deverá ser comprada de acôrdo com a tonalidade e a qualidade de sua pele. Lembrem-se que existem "bases" para pele seca e para pele oleosa. Sobre a "base", uma leve camada de "rouge" (se o seu "rouge" é pastoso) e em seguida vem o pó de arroz.

Ramsay Ames, da RKO Radio, mostra como se deve aumentar a linha das sobrancelhas sem dar-lhe um aspecto artificial. Basta escurecê-las, enchendo-as com um pincel, e alongando ligeiramente o seu traço. Evitem, definitivamente usar um risco estreito à guisa de sobrancelhas. Também a pintura das pálpebras deve ser inteiramente abolida durante o dia. E o toque final é o "báton", que Ramsay Ames usa num colorido suave, pouco mais forte do que o verdadeiro colorido dos seus lábios.

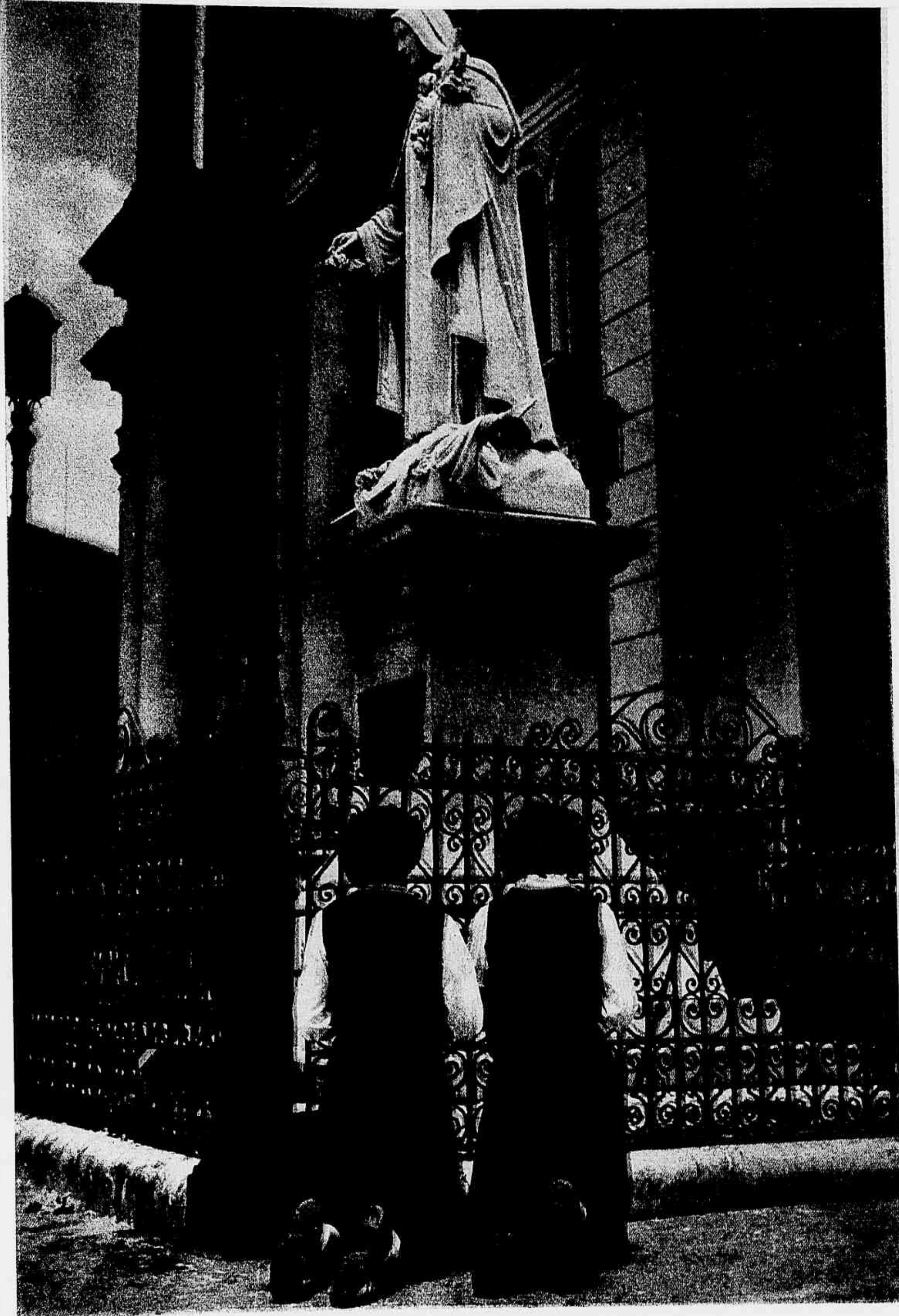


A CONTECEU NO RIO

Aconteceu e continua acontecendo, o inteiro, mas principalmente nesta época, no período de exames. A igreja Santa Teresinha fica quase em frente ao Instituto de Educação, onde, nestes dias agitados de Dezembro, as alunas vivem em cruciante expectativa... O pedido de "não passar" assusta-as, tira-lhes o sono e faz que se voltem, de coração agitado, para a virgem milagrosa. Claro que é preciso estudar, mas, com o auxílio da santa padroeira da mocidade, os resultados serão mais facilmente proveitosos... Por isso elas vão dobrar os joelhos, aos pés da imagem que se vê no pequeno pátio da igreja. Ali, suas preces fervorosas são murmuradas e as promessas repetem-se, centenas, cada manhã: — "Minha Santa Teresinha, fazei que eu passe no ano e vos oferecerei uma novena e duas velas de cera"...

Quase sempre os votos das jovens candidatas ao diploma de magistério são ouvidos pela santa. Depois, as preces são cumpridas, faça sol ou chuva. O fotógrafo encontrou apenas duas alunas do Instituto, mas, não raro, elas são três ou quatro vezes mais. Acendem-se as velas que, milagrosamente também, ficam queimando e resistindo à ação do vento ou da chuva, quando ela cai. E as flôres são depositadas aos pés do altar. E as lousas de mármore, com os agradecimentos das jovens alunas, colocam-se no lugar apropriado, onde vão se alinhando, com as dedicatórias gravadas e bem visíveis...

Está acontecendo agora mesmo, quando uma vez mais se repete o período de exames, ali bem perto, na rua Mariz e Barros.





O colar da marquiza seria roubado naquela noite... Esse foi o primeiro dos mistérios que se sucederam numa só noite!

LA fera, a chuva. Dentro, o calor confortável da lareira. Um lar. O marquês levantou os olhos do livro que estava, inutilmente, tentando ler, e perguntou:

— Maurício já chegou?

A marquiza largou o "crochet", e respondeu:

— Você sabe bem que não. Se ele houvesse chegado, teríamos ouvido bater à porta. Além disso, ele nunca sobe sem vir falar conosco.

— É verdade.

Mais uma vez reinou um silêncio de expectativa. O marquês mal disarcava sua ansiedade e a marquiza fingia concentrar toda a atenção no "crochet". De repente, bateu à porta de entrada. Passos ecoaram no corredor e, depois de alguns instantes, abriu-se a porta da sala.

— Mãe!

— Maurício!

— A senhora se assustou?

— Não. Não me assustei, mas...

— Esqueci de avisar que ia chegar muito atrasado e...

— Não há nada, meu filho. O que passou, passou.

O rapaz voltou-se para o pai e disse:

— Boa noite, papai.

A marquiza levantou-se:

— Maurício, seu pai precisa falar com você...

O rapaz fez uma careta:

— Vou ouvir sermão?

Ninguém respondeu. A marquiza dirigiu-se para a porta.

— Vou subir.

Mas o marquês fez um gesto:

— Eu acho melhor você esperar um pouco, Marina.

— Per enquanto não há perigo, Carlos.

— De qualquer forma eu não ficaria tranquilo...

— Pois bem...

A marquiza Marina tornou a sentar-se. O marquês voltou-se para o filho e ia começar a falar quando a porta ao fundo abriu-se, e entrou uma moça alta, loura, muito atraente:

— Até que enfim, Maurício!

— Olá, querida. Desculpe o atraso. Mas nós tivemos uma "panne" e eu me esqueci de telefonar...

— Vive esquecendo as coisas...

Maurício sorriu.

— O senhor queria falar comigo, papai?

O marquês piscou.

— Foi muito bom que Clarisse viesse até a sala, também. Quero que todos estejam ao par do que aconteceu. Sua mulher deve saber também...

Clarisse olhou-o, assustada:

— Que houve?

— Uma brincadeira de mau gosto ou então, uma ameaça séria.

— Como?!

— Como?! — perguntou Maurício.

O marquês tirou do bolso uma carta.

— Leia!

Maurício e Clarisse leram.

"Caro marquês.

Sua esposa é dona de um colar valioso de mais para que permaneça em mãos tão descuidadas. Esta noite, à meia noite em ponto, o colar será roubado. Não adianta tomar precauções.

Um Ladrão Honesto."

Maurício voltou-se para o pai:

— O sr. deu crédito a essa história?

Isso é brincadeira de algum desocupado...

— Mas...

— Onde está o colar?

— Sua mãe o guardou no lugar de

sempre...

— Vamos ver se ainda está no lugar...

Clarisse disse:

— Eu vou.

Maurício assentiu:

— Sabe onde é?

Ela respondeu que sim, e saiu.

— Papai, francamente, se eu fôsse o senhor não dava crédito a essa carta.

— A primeira vista, eu não acreditei que fôsse a sério, mas...

— Que fez, então, com que você...

— Depois, pensando bem, eu achei que talvez, quem sabe?

— Mas isso não acontece na vida real. O ladrão, em geral, quer se esconder.

Aparecer e ainda indicar a hora do roubo? Não!

— Em todo o caso, eu mandei fechar os portões.

— Os portões da entrada?

— Sim.

— Não é possível!

— Por que?

— Porque, quando o automóvel entrou, eu tenho certeza de que os portões estavam abertos. Esperem! Agora me lembro: não foi o porteiro que os abriu...

— Então...

— Na hora, não dei atenção ao fato, mas quem abriu os portões foi um homem estranho...

— Oh!

Nesse instante apareceu Clarisse.

— Então? Onde está a joia?

A moça, muito pálida, disse:

— O colar não está no cofre...

— Nesse caso, disse o marquês, a carta foi um estratagemma muito hábil para que nós não cuidássemos de pôr o colar em lugar seguro antes da meia noite. O roubo dar-se-ia, conforme combinado, antes dessa hora...

Maurício disse, pensativo:

— O ladrão jogou no asar...

— E ganhou, completou o marquês.

Depois de uma pausa, estando todos demasiadamente estarecidos para poderem agir, o marquês levantou-se e disse:

— Vou telefonar à polícia.

Maurício comentou:

— Boa idéia. Enquanto isso, eu vou com Clarisse até lá em cima ver se descubro algum indício.

— Bem aqui, está vendo?

Maurício assentiu.

— Subi as escadas e entrei. Quando ia pondo a mão na maçaneta da porta, ouvi um ruído. Parei e prestei ouvidos. Porém nada mais fez-se ouvir. Então, empurrei a porta e entrei.

— Depois?

— O cofre estava arrombado e o colar havia desaparecido.

— Você não viu ninguém no quarto...

— Ninguém...

Maurício olhou em torno. Todas as janelas estavam fechadas. O único meio de sair que teria o ladrão era a porta...

O marquês dirigiu-se para o telefone, que era no hall. Tomou o fone e falou:

(Continua na página 48)

O ROUBO DO COLAR

Novela de
MAC CONELL

DE RADIO

PEQUENA ANTOLOGIA DE BONS AUTORES

Uma vez, quando eu fazia esta "Pequena Antologia" na coluna radiofônica do "Diário de Notícias", certo leitor gaúcho deu-se ao trabalho de me cercar pelo telefone, um dia inteiro, para inquirir na impetuosidade de um dilema tremendo:

— "Você faz isto por medo de afirmar o que os outros já disseram, ou por malandragem, pelo desejo de ganhar um dia da semana nas costas dos colegas?..."

Confesso que até hoje, apesar de já ter explicado aos leitores e a mim próprio a razão da "Antologia", oferecendo versões diversas, ainda não estou bem certo do verdadeiro motivo. Nem me lembro mais como nasceu esta idéia! Sei, isto sim, que a "pequena antologia" fez grandes dores de cabeça, gerando desconfianças, produzindo malquerenças. De qualquer maneira a coisa me parecia e parece interessante. E, conforme disse aquele desconfiado leitor do "Diário de Notícias", dá mesmo uma daquelas vantagens. Quero, pois, expressar a minha sincera gratidão aos colegas Juraci Araujo, Braga Filho, Sodré Viana, Agnaldo Amado e Renato Travassos, que nas colunas dos seus respectivos jornais suaram tinta para a minha comodidade e... o meu lucro desta semana... Sou honesto, pelo menos!

♦

"A astúcia é a arma dos mediocres. Os que não podiam afrontar o grande sol das batalhas em campo aberto apelam para o recurso das armadilhas. Ora, no rádio, como em toda parte, há mediocres. E esses mediocres, quando vêem ameaçado o que nunca para eles devia constituir uma profissão — o Brasil precisa de braços para a lavoura! — recorrem a esse primor de intriga: transferem para o "rádio" as restrições que lhes são lançadas. É uma tática pusilânime, mas que, infelizmente, causa efeito, pois tão sutil, tão venenosa se vem afirmando a obra desses nulos em pânico permanente, que em mais de uma cabeça radialista já se cristalizou o critério monstruoso de que protestar contra um programa, contra um gênero, contra um falso cartaz — é ser "inimigo do rádio".

Sodré Viana — "O Globo" — 26-10-944.

♦

"Poderíamos citar exemplos para robustecer o nosso ponto de vista. Poderíamos falar dos cantores e "speakers", que veem de São Paulo e Minas Gerais, e arrumam, num piscar de olhos, um posto de destaque nas "peerres" guanabarrinas. Poderíamos citar o caso de muitos cançõesistas que, com as valises pintadas de etiquetas, chegam com muitos vestidos de "soirée" e pouca voz. Mas que também arranjam o seu lugarzinho no elenco dos "music-hall". A coletânea é imensa e variada. Mas se outras qualidades não possuísse este modo de agir dos artistas, dobrés de artistas e psicólogos, serviria para ensinar aos cantores sem "ap'omb" e as sambistas de retratinhos da Marechal Floriano, as vantagens de grande porte desse cartão de visita em papel de linho, que arranja empregos e aumenta ordenados."

Braga Filho — "Fôlha Carioca" — 12-10-944.

DJALMA MACIEL

"Geralmente, o artista que fracassa, é porque não tem valor próprio, não tem personalidade. Para ser bom artista é preciso criar um estilo próprio, cantando um repertório variado com primeiras audições. Só assim poderá se colocar num plano superior, conquistando uma posição invejável e segura. É sabido, que todas as artistas que imitavam Carmen Miranda, caíram no esquecimento. Houve também um carbono de Silvio Caldas, que só venceu depois que deixou de imitá-lo, passando a uma modalidade "chorosa". Foi taxado de chorão."

Juraci Araujo — "Gazeta de Notícias" — 2-11-944.

♦

"Eu sugeria que, ao invés de se envolver nos casos íntimos, que a englobam muitas vezes, aspectos de transcendental importância, as animadoras dos programas femininos cuidassem de levar para o microfone traços da vida de vultos de mulher, como Ana Neri, Soror Ana Angélica, Madame Curie, Anita Garibaldi, Joana d'Arc, que enchem páginas e páginas dos livros sobre história. Há um campo vasto que pode ser explorado dentro dos "programas femininos" e que condiz perfeitamente com a missão do rádio."

Agnaldo Amado — "A Manhã" — 5-11-944.

♦

"Diante do microfone, muita inconsciência se revela impavidamente; expande-se estupidamente à farta e à larga. Tudo que a gíria de mórro, chulice de rua, tudo que é parvoíce em prosa, verso e música invade os lares, agride ouvidos incautos, trazido pelo rádio. As consequências disso, é claro, são contrárias aos interesses da nacionalidade em formação. Conspira-se o idioma que se deve preservar; subverte-se o gosto artístico popular; propaga-se, enfim, a corrupção linguística e cria-se, à guisa de educação, uma inculto e prejudicial à sociedade brasileira que, mercê de Deus, não se compõe apenas de analfabetos, mentecaptos e psicopatas. Chega a ser desafório que um qualquer se ponha impunemente a expedir asneiras, melódicas ou não, de uma câmara radiofônica para ouvintes desconhecidos e distantes, os quais, por isto mesmo, não o poderão agradecer com uma saraivada de batatas."

Renato Travassos — "Correio da Manhã" — 10-10-944

♦

E muito obrigado aos colegas...

A esquerda: — Peter-Pan, após longo afastamento das lides radiofônicas e da música popular, volta ao cartaz de maneira auspiciosa, assinando duas composições de fato notáveis pelo estilo, musicalidade e orquestração, do próprio autor: "Lenda do lago" e "Rato de sol após a chuva", gravadas em discos Continental, que redimem os antigos sambinhas em que Peter-Pan não se vexava em concorrer com os maestros de caixa de fôfôro. A direita: — Amelia de Oliveira continua sendo um dos elementos de maior destaque — e também de maior valor — do rádio-teatro carioca.





Constituiu um legítimo acontecimento social a inauguração do novo estabelecimento Ótica Pinho Ltda., que os srs. Paulo Herminio Pinho e Raul Pinho instalaram à avenida Nilo Peçanha 86, 2.º andar, como se vê do grupo obtido naquela solenidade.



Senhora Odete Silva, que vem de realizar no hall do Casino Icarai a 2.ª Exposição de Artes Aplicadas, um legítimo acontecimento artístico e social dêste fim de temporada.

FIGURAS E FATOS

ENLACE EMMA DE MACEDO GUIMARAES-MAURICIO MENDES DA COSTA — Realizou-se no dia 8 do corrente, assistido pelos elementos mais representativos da sociedade carioca, o casamento da srta. Emma de Macedo Guimarães, filha do nosso confrade sr. Roberto Macedo Guimarães e de d. Vitoria Zurita Guimarães, com o nosso companheiro de trabalho Mauricio Mendes da Costa, filho do sr. José Mendes da Costa Junior, chefe de publicidade da REVISTA DA SEMANA, e de sua exma. sra. d. Alice Cordeiro Mendes. No ato civil, realizado em cartório, serviram como padrinhos da noiva o sr. Ary de Oliveira Braga e senhora; por parte do noivo o dr. Gratullano Brito, diretor da REVISTA DA SEMANA, e sua exma. senhora. A cerimônia religiosa, que teve lugar às 18 horas na igreja de São Sebastião dos Capuchinhos, foi paraninfada pelo sr. Bento de Macedo Guimarães e sra. d. Emma Rezendê, pela noiva; pelo sr. Pedro Mendes da Costa e senhora, por parte do noivo. O "clichê" nos mostra os noivos após a solenidade religiosa.

SEPTUAGESIMO ANIVERSARIO DA VIUVA MARTINS — Flagrante batido na cidade do Salvador, Bahia, quando a viuva Martins reuniu em sua residência toda a sua família, constituída de três médicos, dois dentistas, duas professoras, um advogado e onze netos. Dos filhos, destaca-se o humanitário clínico dr. Alberto Peçanha Martins, da Saúde Pública, figura de grande projeção na capital baiana.





O PRESIDENTE DA REPÚBLICA EM SÃO PAULO — Flagrante apanhado no aeroporto Santos Dumont, no momento em que o presidente Getúlio Vargas regressava de sua recente viagem ao Estado de São Paulo, onde teve ocasião de presidir à inauguração de uma nova série de empreendimentos do govêrno Fernando Costa, sendo ali alvo de excepcionais homenagens. Na fotografia, S. Excia. no momento em que era abraçado pelo menino João, filho do casal Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque e neto do presidente João Pessoa.

37

Aspecto do luxuoso salão do High-Life Club, que, na noite do sábado 9 do corrente, reuniu todo o "grand-monde" carioca para assistir à elegantíssima e original "Festa da Cegonha", organizada por senhoras e senhoritas da alta sociedade, em benefício da Maternidade da Policlínica do Rio de Janeiro. Pelo seu brilho e esplendor, pode-se dizer que a "Festa da Cegonha" marcou acontecimento mundano do maior realce. Durante a elegante "soirée" nos salões do palacete da rua Santo Amaro desfilaram diante dos presentes elegantíssimas e distintas senhoritas, exibindo "toilettes" de fino gosto, maravilhosa ostentação de modelos que a todos encantou pela sua riqueza. Dêsse desfile damos o instantâneo acima.



ESCRAGNOLLE DORIA

SEMANA MEDICA

APORTAR DA VACINA NO BRASIL

(SEGUNDA FEIRA 31 DE DEZEMBRO DE 1804)

Na preciosa lista dos seus benfeitores, inscreveu a humanidade, digna do nome, o nome de Eduardo Jenner, o medico inglês descobridor da vacina anti-variolica.

Conhecido em Portugal o preservativo, não tardou o Brasil a desejar-lhe a applicação, Brasil tantas vezes dizimado por epidemias de varicella, que a muitos dos seus escapos desfigura rostos, sem respeito aos lindos.

As primeiras applicações da vacina jeneriana entre nós deram nenhum resultado.

Reunidos a Felisberto Caldeira, o futuro marquês de Barbacena, negociantes da Bahia mandaram sete escravos a Lisboa para fins de inoculação de linfa vacinica.

Com os vacinandos seguiu o cirurgião Manoel Moreira da Rosa, a entender-se em Lisboa com o seu colega Teodoro Ferreira de Aguiar.

Vinou este os escravos à saída do navio de torna viagem à Bahia, navio chamado *Bom Despacho*. Seguindo instruções de Aguiar, Moreira da Rosa foi repetindo vacinação durante a travessia.

Na ante vespéra do Ano Novo de 1804, o *Bom Despacho*, suas velas, seu cirurgião, seus vacinados, chegavam à cidade do Salvador. Desembarcava com eles a vacina jeneriana na segunda-feira 31 de Dezembro de 1804, de certo não sem curiosidade publica de boas vindas ao *Bom Despacho*. Não houve necessidade de manifesto no navio, de proa e ancora nas aguas de Todos os Santos. Alguns passageiros traziam a carga nos braços.

BENÇÃO DO HOSPICIO DE PEDRO SEGUNDO

(TERÇA-FEIRA 30 DE NOVEMBRO DE 1852)

Na soma dos males e sofrimentos fisicos impostos ao ser humano avultam em crueldade a cegueira e a loucura, cada qual com sua tréva. Por muito descuido o tratamento, sempre tão falível dos dementes, atirados nos carcereiros à promiscuidade com criminosos, afinal raiou para desditosos o amparo da psiquiatria com orientação minoradora de triste condição, procurando repôr a razão nas faculdades mentais perdidas, tentativa de maior esperança naqueles nos quais a razão ainda se entremostrava nos momentos lucidos.

Como no mundo inteiro, a maior atenção pelos loucos datou no Brasil do século passado, não raro dementes vagando pelas ruas, expostos à chacota dos desalmados, espectáculo que ainda se reproduz, com grande ofensa à assistencia social.

Foi grande a satisfação da classe medica do Rio de Janeiro ao verificar que a Santa Casa da Misericórdia chamára a si o encargo de edificar hospicio para alienados e respectivo tratamento.

A 7 de Setembro de 1842 começou a erguer-se o compassivo abrigo. A 30 de Novembro de 1852, procedia-se à benção do edificio a ser inaugurado a 3 de Dezembro.

José Clemente Pereira, provedor da Santa Casa, propoz e foi aceito que a gratidão acompanhasse desde logo a caridade. Para tanto a Mesa da Misericórdia autorizou José Clemente a mandar esculpir os bustos dos generosos benfeitores do Hospicio, Joaquim do Babo Pinto e Thomé Ribeiro de Faria, barão de Guaymirim, bustos aqueles destinados à Sala do Fundador cujo nome se leria anos e anos na fachada do estabelecimento: *Hospicio de Pedro Segundo*.

INSTITUIÇÃO DAS FACULDADES DE MEDICINA

(QUARTA-FEIRA 3 DE OUTUBRO DE 1832)

Numerosas foram as instituições creadas pelo Príncipe Regente, por elas logo de enegada ao Brasil premeiando a Independencia. Negalio sistematicamente é ser dos piores cegos, os que não querem vêr.

Entre as apontadas instituições contam-se as Escolas Medico Cirurgicas vigentes até 1832. Neste ano a Regencia transformou as Escolas Medico Cirurgicas da Bahia e do Rio de Janeiro em Faculdades de Medicina.

A lei de 3 de Outubro de 1832 subiu iundo o ensino naquelas Faculdades dando-lhes tres cursos, o medico, o pharmaceutico e o obstetrico.

Professores catedráticos, vencendo um conto e duzentos annuaes, achavam-se distribuidos por quatorze cadeiras das quais substitutos, a oitocentos mil reis annuaes, serviriam igualmente de preparadores. Por eleição annual um dos substitutos seria o tesoureiro da sua Faculdade, sem direito a retribuição ou emolumentos.

O candidato à matricula em curso medico deveria contar nunca menos de dezesseis annos, provando ter aprovações em francês ou inglês, philosophia, aritmetica e geometria. Devia entretanto sujeitar-se a exame vestibular de retorica, philosophia e mathematica perante tres professores publicos escolhidos pela Faculdade.

O candidato ao curso pharmaceutico deveria ter dezesseis annos completos, provando aprovações em francês ou inglês, aritmetica e geometria. Dezesseis annos completos deveriam ter as candidatas ao curso singular de obstetricia, exigindo-se-lhes prova de saber lêr e escrever corretamente e um atestado de vida honesta e bons costumes, documento firmado pelo juiz de paz do distrito de residencia da candidata.

As matriculas, de vinte mil reis, seriam pagas mez a mez. O anno letivo principiaria a 1.º de Março e findaria a 30 de Outubro, encerrados os exames a 20 de Dezembro; feriados só os dias santificados ou de data nacional.

O titulo de doutor em medicina seria concedido mediante apresentação e defesa de these, escrita em latim ou português, a these sustentada em data a aprazimento do doutorando.

Ficam aqui somente algumas disposições da lei de 3 de Outubro de 1832, assás liberal. Para prova o seu artigo 35. "O ensino da medicina é livre, todo individuo, nacional ou estrangeiro, pôde manter cursos particulares sobre os diversos ramos das sciencias medicas, e professar à vontade, sem que as Faculdades possam se lhe oporem, e dar-lhe impedimento".

De quatro em quatro annos, por concurso, um doutor das Faculdades iria viajar, à custa do Estado, fóra ou dentro do paiz, a fim de adquirir soma de novos conhecimentos.

A lei de 3 de Outubro de 1832, precedia de colaboração da classe medica.

Em germen a lei evidenciou muita cousa depois reputada novidade e progresso.

NASCIMENTO DE TORRES HOMEM

(QUINTA FEIRA 23 DE NOVEMBRO DE 1837)

A medicina e a cirurgia no Brasil contavam, no século passado renovados servidores de ciencia, de maior ou menor nomeada, em catedras, hospitais e consultorios.

Na catedra, na enfermaria, no consultorio, João Vicente Torres Homem criou nome, para deixar fama ainda persistente e vir de por lambanças de discípulos, emulos, e dementes por ele curados.

A 23 de Novembro de 1837 no Rio de Janeiro, capital de regenciado Imperio, nascia João Vicente Torres Homem.

Filho de medico e professor de medicina, o dr. Joaquim Vicente Torres Homem, de muitos estudos em Pariz, João Vicente Torres Homem graduou-se e viveu na cidade natal, nela tornando de ottimo relevo o bom nome paterno já recommendavel.

Após formado, Torres Homem voltou vistas para a Faculdade de Medicina. Acabou de perder pai, ao pretir nomeção por concurso, por pendia a opposição e mais turba catedralica. Desceu a cadeira de Higiene mas a de Clinica Medica tinha de ser a que lhe daria posto para triunfos de lente, de lições concorreidissimas e de autor de trabalhos medicos lindissimos.

Ter sido discípulo ou interno de Torres Homem, constituiu outrora titulo valioso, invocado por não poucos medicos, entusiastas do mestre. Dele ouviam a fluencia da palavra nas lições de preceptor, a segurança dos seus diagnosticos junto aos leitos das enfermarias, em novas lições a continuarem aulas da Faculdade a todas nunca faltando auditorio reverente.

OPERAÇÃO FAMOSA

(SEXTA-FEIRA 5 DE AGOSTO DE 1842)

Uma das ruas mais características do Rio antigo, na Cidade Velha carioca, era a rua das Violas, ora Teófilo Ottoni, rua no seu aspecto vetusto evocada em linda poesia de Murillo Araújo.

Em casinha da rua das Violas, a 5 de Agosto de 1842, à tarde, rodeado de professores de medicina e de cirurgiões, um joven cirurgião, em humilde paciente, iniciava operação da mais alta relevancia e novidade. Chamava-se o operador Candido Borges Monteiro, o paciente era um homem do povo, um mascate, a operação constava da ousada tentativa da ligadura da aorta abdominal.

A intervenção durou setenta minutos. Ao não anestesiado, paciente possuidor embora de coragem acima de tudo, deveriam aqueles minutos parecerem seculos.

Não sem ter ouvido colegas eminentes, para firmar diagnostico, abalançou-se Borges Monteiro a tentar operação, quarta no mundo e primeira no Brasil, e tentada com unico meio de salvagão aleatoria da vida de um desvalido.

A cabeceira dele, na esperança daquela salvagão desinteressada, de anciosa espreita a melioras e piores, dias seguidos ficou Borges Monteiro. A 16 de Agosto de 1842 expirava o enfermo, sem menos valia do que tentara operador, a operação apreciada no mundo científico europeu.

A 5 de Agosto de 1942, em conferencia no Instituto Historico e Geografico do Brasil, um cirurgião, Luis Felipe Vieira Souto, disse, de longo e bem inteirado profissionalmente do assunto, sobre Borges Monteiro e seu cometimento, em 1942 de centenario celebrisante.

MORTE DE JOÃO ALVES CARNEIRO

(SABADO 18 DE NOVEMBRO DE 1837)

Nascido no Rio de Janeiro, a 18 de Outubro de 1776, João Alves Carneiro principiou estudos medico-cirurgicos no hospital da Misericórdia carioca, sob a direcção de Antonio José Pinto.

Desejoso de completar aqueles estudos, Alves Carneiro seguiu para Portugal, em navio aprisionado quase à vista de Lisboa por embrecação francesa, esta poucos dias depois presa de corsario argelino. A poder de regos os captivos desembarcaram prisioneiros em Matosinhos proximo do Porto.

As vinte annos de idade, Alves Carneiro recebia em Lisboa diploma de cirurgião. Em tal qualidade entrou a bordo de navio mercante de frete para portos da Asia. Tocando no Rio de Janeiro o veleiro partiu, para Goa.

Conhecendo as costas de Malabar, Bombaim, Surate, vendo Damasco, Alves Carneiro observou as endemias dos lugares visitados. No gosto de saber mundo, Alves Carneiro esteve de novo em Lisboa e se foi à Bahia.

Final de vez no Rio de Janeiro, começou o cirurgião serviços medicos e cirurgicos, sobretudo na caridade. Nascido em lar sem recursos, Alves Carneiro estimava os pobres, a curarem o que, orfão, cego, ele curara. No dia de sua morte, dia de luto para a cidade natal, a pobreza desta o proclamou Santo.

Um busto no Hospital da Misericórdia, outro na Academia de Medicina, uma urna funeraria no mosteiro de São Bento, a cuidada de sua viuva, ainda dizem materialmente quem foi Alves Carneiro, altruista de espirito vicentino. Cinco dias após a morte de Alves Carneiro, o grande medico, nascia no Rio de Janeiro futuro grande medico: Torres Homem.

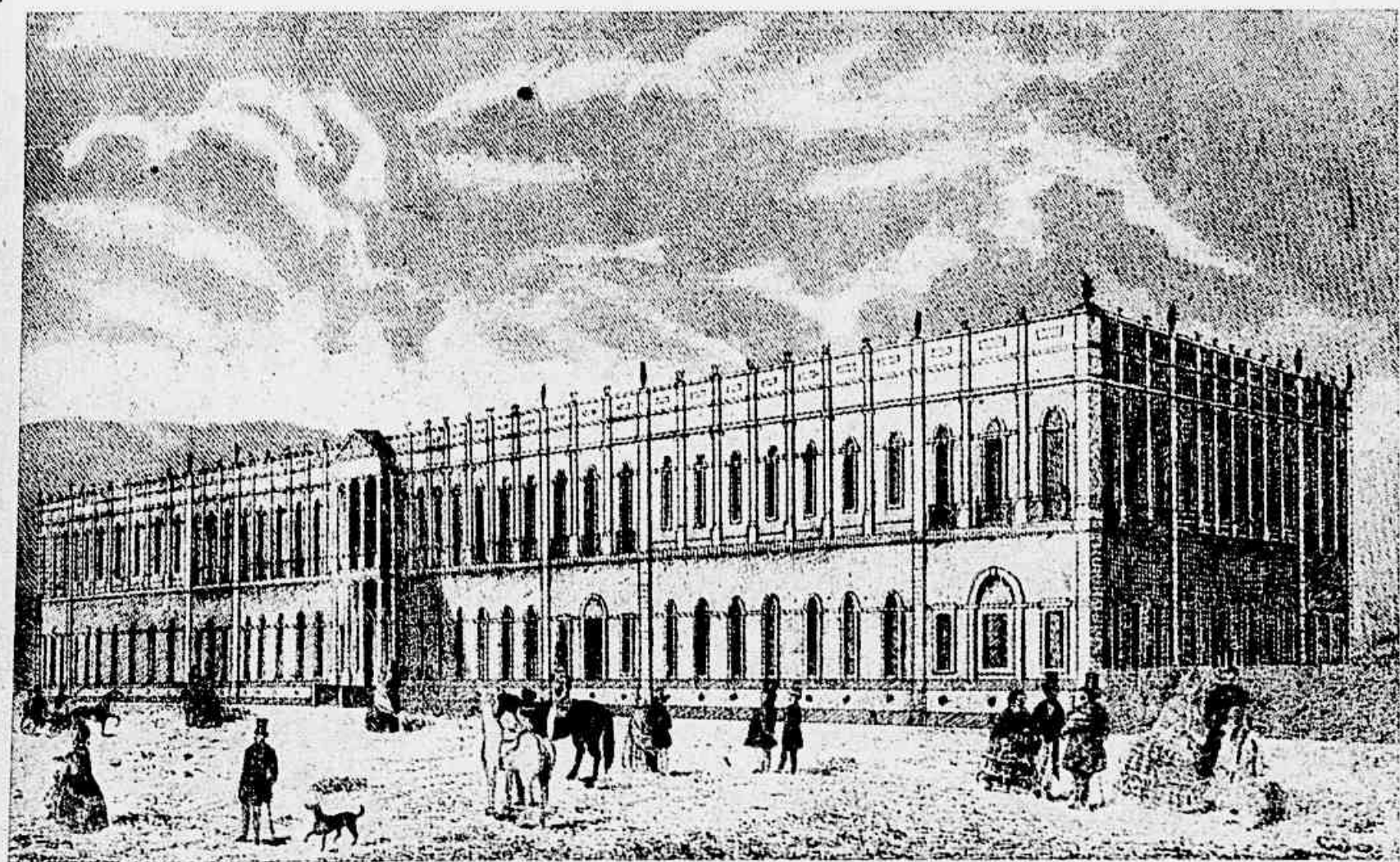
EPIDEMIA DE COLERA

(DOMINGO 22 DE DEZEMBRO DE 1855)

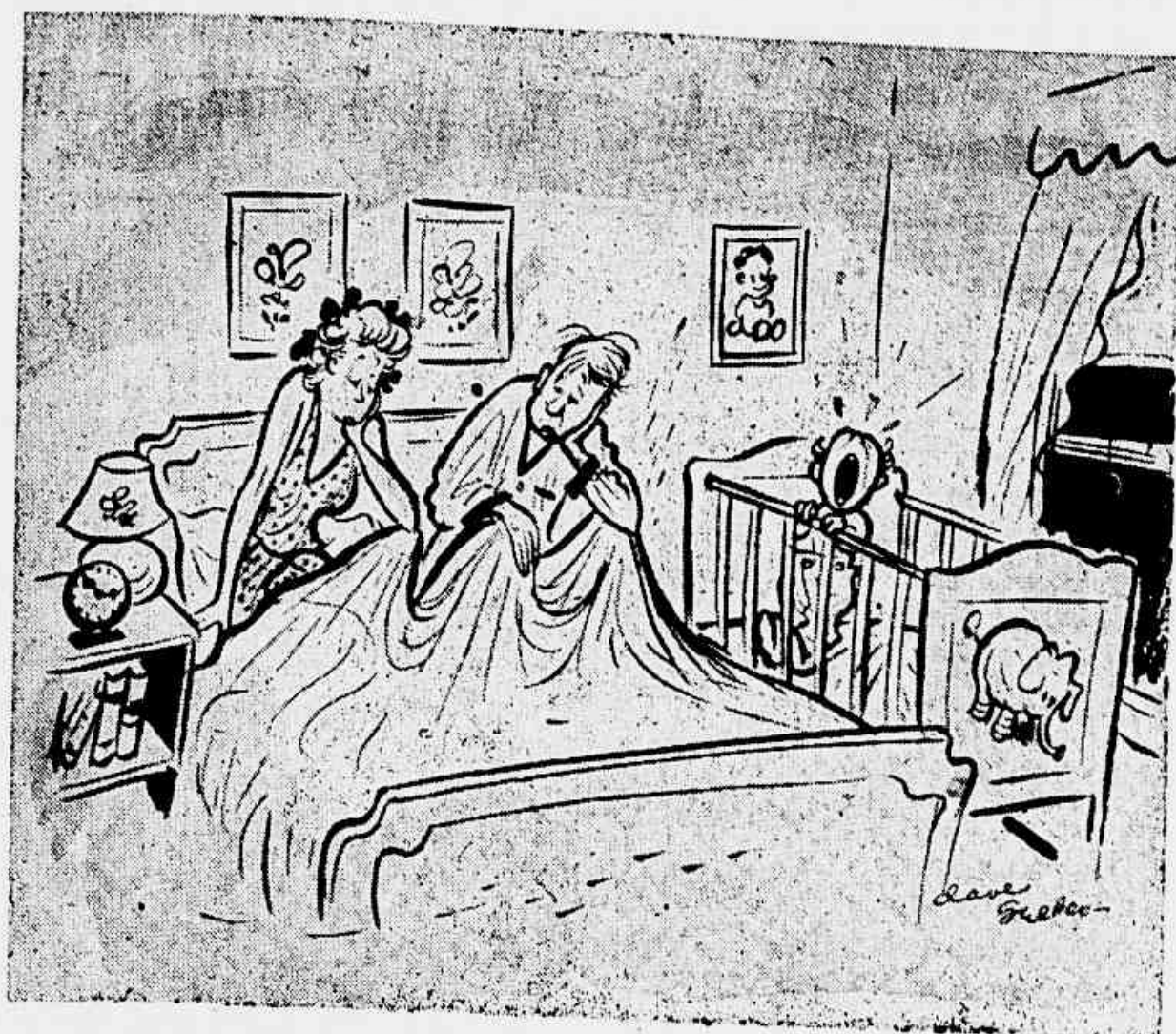
Neste domingo de vai quase a seculo, o Rio de Janeiro começou a tranquilisar-se após trimestre de pesadelo letivo. Como sucedera a outras regiões do Brasil, o Rio de Janeiro, sobretudo de Agosto a Dezembro, de 1855, se vira a tristes braços de epidemia, a da colera-morbus.

Desde primeiros casos do cruciante mal urgia providenciar. Impossível ficar à mercê da observação de dous irmãos medicos tratando de higiene nosa. "O brasileiro cresce ouvindo a senha: paciencia, amanhã também é um dia."

(Continua na página 48)



HOSPICIO DE PEDRO SEGUNDO, GRAVURA ANTIGA DA EPOCA DE SUA FUNDAÇÃO

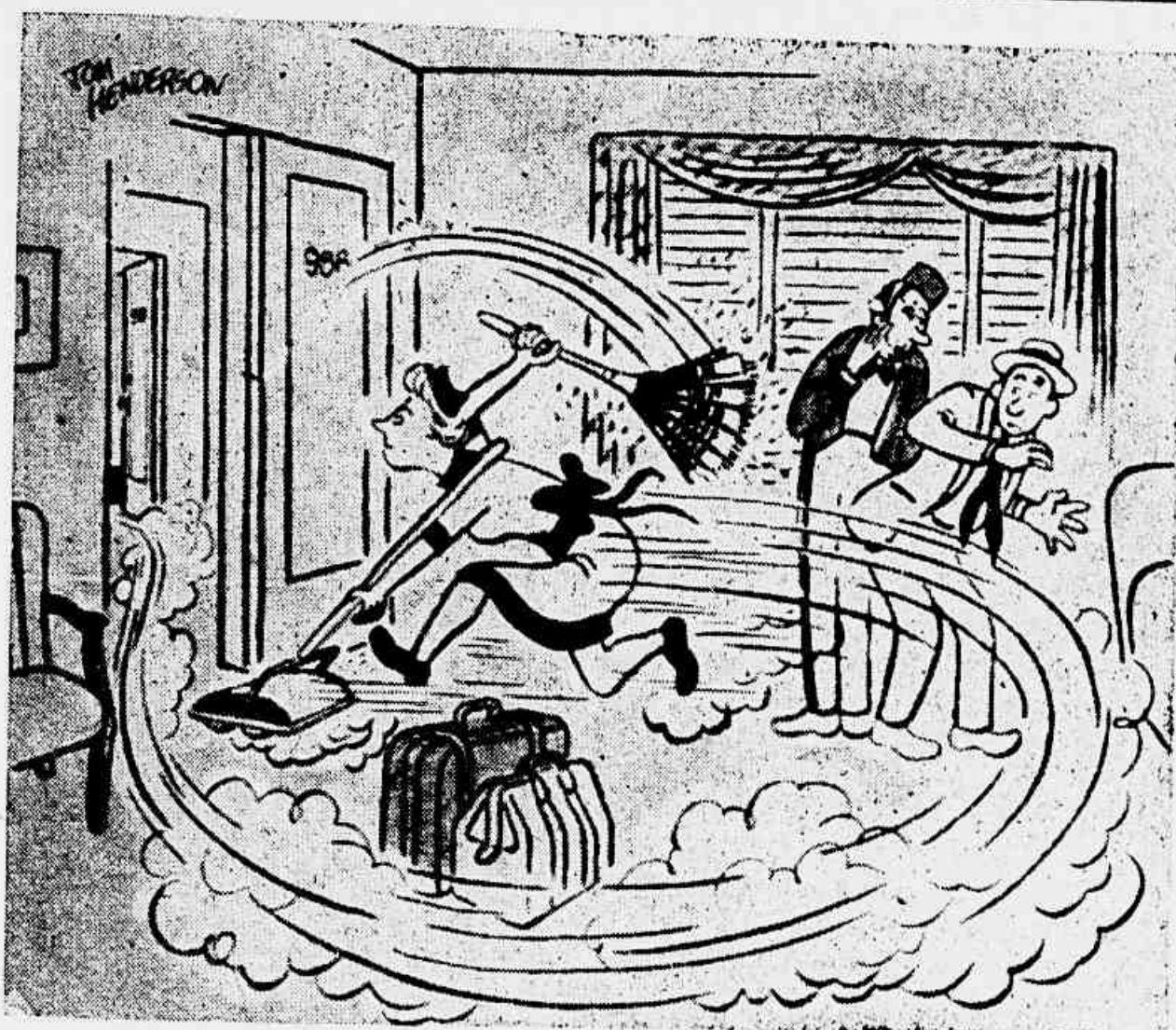


Eu só queria saber como surgiu a expressão
"dormiu como um recém-nascido"!



Que maneira esquisita de chupar uvas!

DE BOM HUMOR



Criada de serviço à hora.



Fui discutir política com o barbeiro!



Escute aqui: como é que a senhora acha o dinheiro nessa confusão?

Distrair ilustrando

O que "Ondas Musicais" proporcionam aos seus ouvintes

Não se pode negar que a programação de nossa rádio-difusão comercial melhorou sensivelmente.

Hoje já encontramos, quer no gênero leve, quer no de música de classe, programas cuidadosamente organizados e com artistas de valor, perfeitamente adaptados à classe de público a que se destinam.

Devemos, entretanto, por um dever de justiça, apontar as "Ondas Musicais", irradiadas todas as terças-feiras, das 13 às 14 horas, através de uma rede de emissoras cariocas das mais ouvidas, como o programa que influiu, de modo acentuado, para a melhoria da qualidade das audições radiofônicas.

Com efeito, surgindo em Abril de 1940 para satisfazer às aspirações do radiouvinte amante da boa música, o referido "broadcast", que é patrocinado pela Light, vem mantendo um plano de grande elevação, pois é confeccionado com o maior critério e esmero. Grandes artistas nacionais e estrangeiros já ali tiveram o seu mês, destacando-se os "virtuosos" do teclado Magdalena Tagliaferro, Maryla Jonas, Miecio Horszowski, Antonieta Rudge, Noemi Coelho Bittencourt, Jean Dansereau, Souza Lima, Vieira Brandão; os brilhantes violinistas Oscar Borgerth, Ricardo Odno-posoff e Henryk Szeryng; o excelente violoncelista Iberê Gomes Grosso; na arte do bel canto Solange Petit Renaux, Marion Matthaeus, Frederick Fuller, Muriel Dansereau, Lais Wallace, Alice Ribeiro e Alexandrina Ramalho. No gênero camerista o esplêndido Quarteto Borgerth e, recentemente, o Quarteto Iacovino. Temos, ainda, a acrescentar, belas audições de Tomás Terán e Arnaldo Estrella, em duo pianístico. Tiveram, também, extraordinária repercussão, as audições do Côro Feminino Pró-Música e, posteriormente, a série de concertos da Orquestra Sinfônica Brasileira, completa, sob a regência do maestro Eugen Szenkar.

Este ano o radiouvinte assíduo apreciador daquele programa, vem tendo oportunidade de ouvir, através do mesmo, uma série de conferências ilustradas, sobre temas musicais, a cargo de musicógrafos de grande responsabilidade. O que nele se tem ouvido é um verdadeiro curso popular de música, abrangendo, de maneira simples e sem excesso de tecnologia especializada, os domínios da História da Música, da Estética e do Folclore Musical.



ANDRADE MURICY

O escritor Andrade Muricy, crítico musical do "Jornal do Comércio", professor de História da Educação Musical e Estética do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, discorreu sobre "Estética do Scherzo", "Um retrato de Prokofieff", "Velha Música Inglesa" e "Miniatura de Camargo Guarnieri". Eurico Nogueira França, crítico musical do "Correio da Manhã", pianista e professor titular de Música e Canto Orfeônico pelo respectivo Curso da Prefeitura do Distrito Federal, falou sobre Mozart, Ravel, Vila Lobos e Stravinsky. Luiz Heitor, professor catedrático de Folclore nacional da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil e compositor, dissertou sobre os grandes compositores e a música do povo. Garcia de Miranda Neto, crítico musical de "A Noite" e pianista, evocou para o público ouvinte "A música da França, de Adam de la Halle a Ravel", "Os homens que louvaram a Deus", a "Dansa" e "A história maravilhosa da Valsa". E, por fim, Otavio Bevilacqua, crítico musical de "O Globo", professor catedrático de História da Música da Escola Nacional de Música, manteve-se dentro de sua atividade especializada, oferecendo quatro palestras, a primeira das quais, muito original e exótica, subordinada ao título "Música que vem de longe", ilustrada com músicas da China, Japão, Java, Bali, Sião, Índia, Pérsia, Egito, Tunísia e Congo (esta última já em manifestação no Brasil).

E é com prazer que podemos registrar uma justa homenagem daqueles ilustres musicógrafos às "Ondas Musicais", em retribuição ao eficiente trabalho que o referido programa vem realizando, em benefício da cultura musical do povo. Essa homenagem consistiu em um programa, exclusivamente de músicas de Natal, organizado e elaborado pelos referidos conferencistas, com a participação ainda do dr. Bráslcio Itiberê, professor de Etnografia e Geografia Musicais do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico e compositor, o qual foi irradiado, das 13 às 14 horas, nas "Ondas Musicais" de terça-feira, 26 de Dezembro.

Dêsse modo, é indubitável que os ouvintes de "Ondas Musicais" tiveram um régio presente de fim de ano.

COPA E COZINHA

TOMATES OU CEBOLAS RECHEADAS

Lava-se bem os tomates e corta-se as tampas, tira-se as sementes e o caldo com cuidado; salpica-se o interior deles com sal e pimenta. Prepara-se um creme espesso com 2 xícaras de leite, 1 de queijo forte e se engrossa com maizena e 1 gema. Passa-se à máquina 200 gramas de presunto e mistura-se com ovos duros picados. Enche-se o tomate com um pouco do creme, depois um pouco do presunto, creme e 1 azeitona. Põe-se numa travessa 1 folha de alface para cada tomate e a tampa de cada um e tempera-se com sal, vinagre, azeite e alface picada fina. A cebola deve levar uma fervura.

PEIXE DE ESCABECHE À MARANHENSE

Frite os peixes, depois de bem limpos, em azeite de côco; deixe-os escorrer a gordura. Faça um refogado com azeite doce, cebola, cebolinha verde, alho, pimenta de cheiro, coentro e 1 folha de hortelã; uma vez o tempêro refogado ponha uma xícara de vinagre e meia de água quente; deixe ferver e engrosse com farinha de mesa; neste molho vá pondo os peixes fritos, cubra para abafar e deixe cozinhar uns 3 minutos, acrescentando 1 colher de dendê.

BIFE ENROLADO

Corte a carne como para bife, fina porém grande, lave e ponha em vinha dalho. Faça um recheio com um refogado de manteiga, cebola, salsa, sal, alho, tomates, tudo picado fininho, junte bacon e ovos mal batidos; una com um pouco de farinha de mesa e leite.

Abra os bifes, vá recheando, fechando bem; ponha numa fôrma em camadas, bem juntos; coloque por cima fatias finas de pimentão, toucinho, cenoura, uma colher de manteiga, e leve ao forno.

SALADA MIXTA

Passa os pimentões pela braza até tostar, e em seguida mergulhe-os em água fria, tirando-lhe toda a pele; corte tomates em rodela; cenouras e rabanetes corte em tiras. Faça um molho com vinagre, azeite, sal, alho socado, pimenta e uma colherinha de mostarda. 2 horas antes de servir ponha dentro deste molho todos os legumes já preparados, para que fiquem bem curtidos.

GEMAS EM CALDA

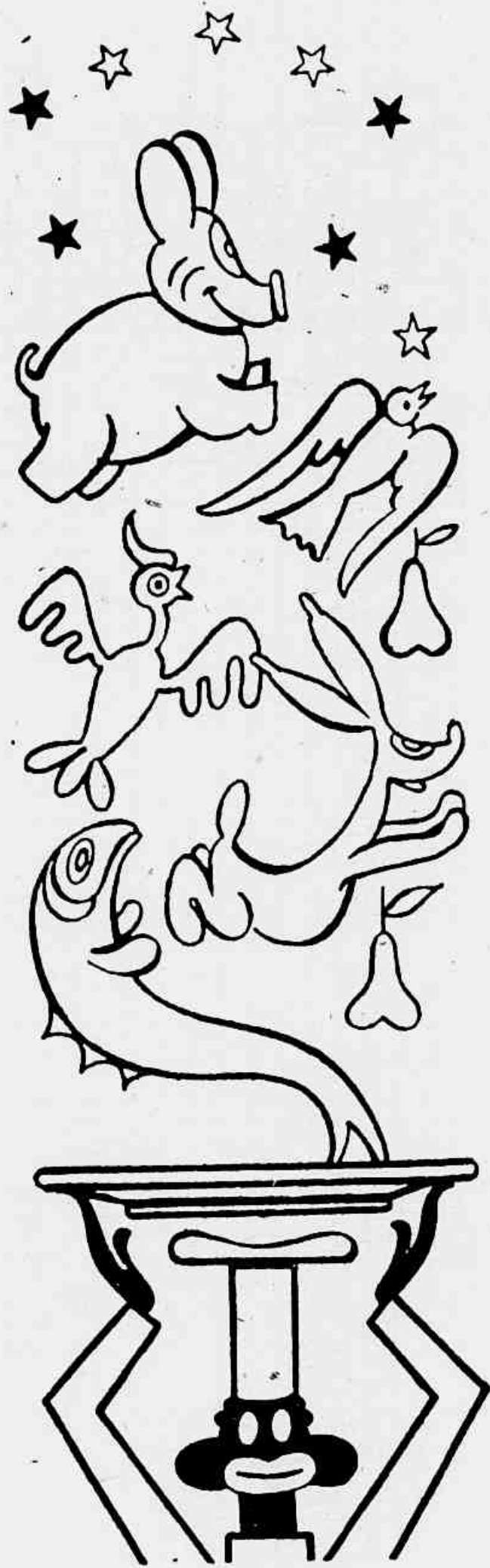
Bata bem 6 gemas até ficarem espumosas; junte 1 colher de maizena e meio limão ou laranja; faça

uma calda espessa; vá despejando as gemas às colheradas, junte passas e sirva geladas.

CONSELHOS ÚTEIS

Para conservar os sapatos

Um bom meio para que o sapato dure, se tem de guardá-lo, é untá-lo com glicerina, pois nem mofará



nem endurecerá; a glicerina é melhor que o azeite e a graxa.

Sapatos de verniz

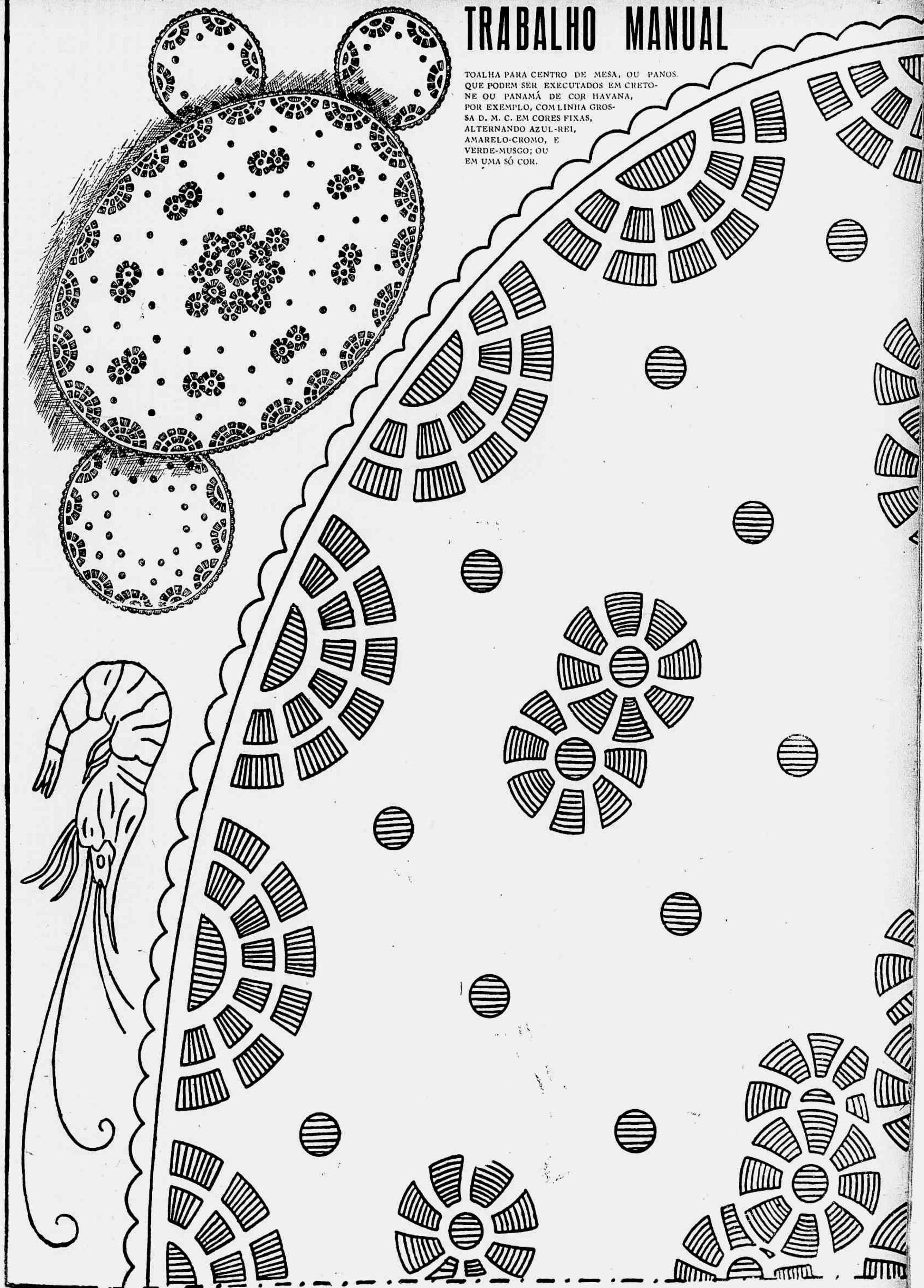
Os sapatos de verniz costumam rachar; para concertá-los aquece-se cêra de sapateiro, e abrindo o sapato com a mão por dentro vai colocando a cêra nas grêtas; depois dá-se brilho.

Graxa

Quando a graxa fica dura, junta-se-lhe um pouco de vinagre, que não só a abrandará, mas aumentará também seu brilho.

TRABALHO MANUAL

TOALHA PARA CENTRO DE MESA, OU PANOS.
QUE PODEM SER EXECUTADOS EM CRETO-
NE OU PANAMÁ DE COR HAVANA,
POR EXEMPLO, COM LINHA GROS-
SA D. M. C. EM CORES FIXAS,
ALTERNANDO AZUL-REI,
AMARELO-CROMO, E
VERDE-MUSGO; OU
EM UMA SÓ COR.



CONVITE

A Fábrica de Chocolates PATRONE tem a honra de convidar a sua distinta freguezia para uma visita aos seus completos e artísticos mostruários de brinquedos, "Papais Noel", caixas de imbuia entalhada e de estilo oriental, fantasias e costureiras em rafia da Tchecoslováquia e a sua mais recente criação em caixas com finíssimos bombons para as festas de Natal e Ano Novo.

Rua da Lapa 10, 12



Livros

O ULTIMO DOS MORUNGABAS, romance de Galeão Coutinho — Assunção Ltda., editora — São Paulo, 1944.



O Sr. Galeão Coutinho arranhou um tipo de romance e uma classe de personagens que lhe vão a matar ao feitiço de observador e ao estilo descritivo. Nas suas histórias, na, por via de re-rra, um grupo de indivíduos esforçadamente e mais ou menos amilandradamente empenhados em salvar de terríveis situações financeiras e porventura das garras da polícia camaradas a quem a Fortuna não quer sorrir. Em verdade a deusa não lhes concede as suas graças porque eles lhe não prestam o devido culto, que consiste em trabalhar com afinho e proceder honestamente. Para esses homens, sejam pais de família ou solteiros convictos, funcionários públicos ou meros caçadores de empréstimos — no meio em questão diz-se antes "cavadores" — só servem os negócios avulsos, longos embora de realizar mas com vagares bastantes para vadiagens pelas esquinas e cavaqueiras às mezas de café. Assim, dum para outro livro, pouco varia o tema; é no desenvolvimento dos episódios que o Sr. Galeão Coutinho introduz detalhes de inovação ou variantes capazes de interessar, como de fato sempre interessarão, ao leitor.

O leit motiv de tais narrativas é a necessidade de "dar um geito" às situações intrincadas ou perigosas; outras vezes, vem a expressão "dar um geitinho". E esse processo compreende fianças, rifas, empregos, subscrições, penhores. No *Ultimo dos Morungabas*, principalmente se trata de vender terrenos. Terrenos em cemitérios. O primeiro que se negocia, em São João Batista, existe de fato e pertence a um senhor relativamente de respeito mas absolutamente sem dinheiro e resignado a desfazer-se, com prejuízo embora, do local que em tempos melhores adquiriu para sua derradeira morada. Os outros terrenos situam-se no cemitério de Inhaúma e a identidade dos donos, com a respectiva anências para a transação, não parece impecavelmente estabelecida... Por fim o protagonista, casado, pai de filhos e já idoso, por quem os outros ora se metem em encrencas ora conseguem desfazê-las, ora ainda tapeiam senhores, fornecedores, patrões, autoridades — atira-se a uma desbragada aventura de amor. Dá-se então o descalabro integral e irremediável. O desgraçado sacrifica a família com o abandono, a saúde com o alcool, o emprego e a dignidade com o resto. E a sua história termina em dia de Carnaval, numa cena de bebedeira e bofetadas diante do caixão em que vai ser enterrado — ainda não ha dinheiro para o enterro — o filhinho caçula do miserável.

Acabará aqui os Morungabas, que vêm a ser, mais ou menos, os Rugon-Macquart do Sr. Galeão Coutinho? Na próxima obra do fecundo escritor o saberemos — talvez.

• • •

SITUAÇÃO ECONOMICA, separata do relatório apresentado ao Sr. Presidente da República pelo interventor federal no Pará, coronel Joaquim de Magalhães Cardoso Barata — Rio de Janeiro, 1944.



Trata-se duma contribuição do Governo do Pará para o 10.º Congresso Brasileiro de Geografia. O Interventor dá conta do desempenho das funções que lhe competiram durante o primeiro ano da administração que pela segunda vez lhe fôra entregue pelo Chefe da Nação. Sete anos decorreram entre as duas investiduras no cargo do qual o Sr. Magalhães Baratas se vira afastado "ao sopro das paixões políticas desenfreadas, dos interesses pessoais e de grupo contrariados, e das competições partidárias que procuravam destruir a obra da Revolução Brasileira, ameaçada de um retrocesso assustador, que poderia anular os seus objectivos fundamentais, na reforma dos costumes políticos e na construção da grandeza do país." O desgosto daquele momento adverso não lhe alterou a calma superior dos que não devem contas à própria consciência nem o desejo de, em qualquer posto ou situação, bem servir o país. Assim o coronel Magalhães Barata acrescenta: "A amargura que me tivesse ficado das injustiças sofridas, no fragor das lutas a que fora arrastado pela corrente incoercível dos acontecimentos, não me havia tirado a serenidade de espírito nem obliterado o sentimento de equanimidade com que eu podia reassumir o posto que Vossa Excelência voltava a confiar-me, de ânimo sereno e de braços abertos a todos os que quizessem colaborar na obra de recomposição que me propunha realizar". E a maneira com neste livro estão expostos os problemas administrativos e a sua solução possível bem atestam aquela orientação e aquele ideal.

O relatório, que ocupa cerca de cento e cinquenta páginas de grande formato, divide-se em dezesseis capítulos, a saber:

Introdução — A guerra e o problema do abastecimento — A situação econômica — A produção — A borracha — O caucho. A balata e semelhantes — A castanha — As madeiras — O lençóis vegetais. — Sêcos — Essências — Plantas silvestres. Curos — O timbó — A pecuária. — A Ilha de Marajó e os seus problemas. — O Baixo Amazonas — Fibras silvestres. — Jita. — Produção agrícola — Exportação. Importação — Comunicações. E ha uma parte profusa de mapas e pautas de estatística, intitulada "Anexos".



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO — "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Cadeira-Mesa "Lisboa,, para Telefone

com 0,92x0,36x76 alt. Movel elegante e prático com gaveta para livros telefônicos. — apresentado por

Loja R. 7 de Setembro, 164 Tel. 43-8704

Fabrica R. Benedito Hipolito, 8 Tel. 43-9631

Preço Cr\$ 650,00

MAR. REG. PAT. 28.577

Movéis Lemos

Rio

Novos

POEMAS, de Camilo de Jesus Lima — Combate, editora — Bahia, 1944.

Este livro obteve o Prêmio Raul de Leoni da Academia Carioca de Letras. Não podemos, a rigor, proclamar a boa justiça de tal galardão, sem conhecer as obras suas concorrentes. Trata-se, porém, de poesia bem talhada, bem indicada para os favores duma Ilustre Companhia. Assenta-lhe deveras o laurel acadêmico. Oferece, em geral, uma feição clássica; e nos seus labores frequentemente se nos deparam os rendados e brincados de velhos modelos que ficaram. O soneto domina pela quantidade como pela qualidade; mas outros padrões, o vilancete, a balada, aqui figuram depois dumalgumas páginas de ampla liberdade técnica e até de certas peças, poucas felizmente, à maneira, ou falta de maneira, chamada modernista e em que tudo são liberdades.

Em determinada época recebeu o Sr. Jesus Lima poderosa influência da escola parnasiana. Alguns sonetos o atestam, no soberbo conceito descritivo, em que toda emoção deve ceder ao orgulho das imagens e à augusta sonoridade verbal. Não lhes faltam sequer as transposições nem os enjambements tão do gosto daqueles nobres rimadores:

*Obediente, o escanção a Jupiter a taça
De nectar loiro dá.*

Mas, em outros alexandrinos do livro, nos surge o novo metro que Rostand consagrou e nos quais a regra dos hemistíquios, com a cesura, é substituída pelo acento tônico de quatro em quatro sílabas, como, por exemplo, neste verso de *Cyrano*:

Découper celle mortadelle d'Italie

ou neste outro:

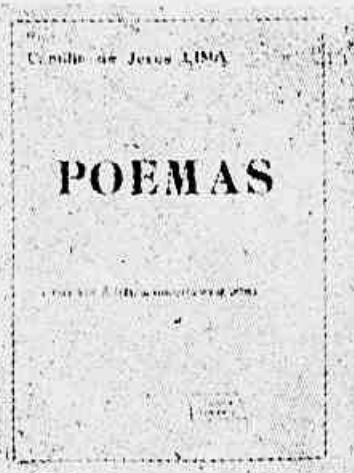
Empanaché d'indépendance et de franchise.

Do livro do Sr. Jesus Lima tomaremos o soneto de bela e elevada inspiração *Melem-psicose*, cuja fatura confirma as considerações que acabamos de expender:

*Eu sinto que já fui árvore um dia A coma
— Grande esmeralda farfalhante — ao sol abri
O ar em torno eu perfumei com doce aroma
Das flores que da seiva — o meu sangue — nutri*

*Na angustia da prisão das raízes, hauri
O humus do chão. Do sol a fulgente redoma.
Bracejando no ar, louca, adorei. E, ali,
Das aves escutei o misterioso idioma.*

*E sinto ainda as velhas ansias dentro em mim
De crescer, de subir para a altura infinita;
De abraçar o horizonte, as distâncias sem fim*



BRASIL MARAVILHOSO e SUBSIDIOS PARA UM DICIONÁRIO DOS INTELLECTUAIS RIOGRANDENSES, de Luiz Correia de Melo — Civilização Brasileira, distribuidora — São Paulo 1944.



O Sr. Luiz Correia de Melo proclama em *Brasil maravilhoso* a sua paixão de turista. Turista poeta, paisagista, adorador da Natureza. Na página liminar deste livro, ardorosamente celebra a ventura de viajar. Demonstra a predileção pela literatura do gênero, citando, e de maneira a bem se ver que os conhece numerosos, autores que andaram ou ainda passeiam pelo mundo, procurando-lhe as belezas e as curiosidades, para as transformarem em obras de arte... pessoais. E então recorda impressões ou frases de Paul Morand, Baudelaire, Francis de Croisset, Stékel, Maurice Bedel, Roger Tourte, Alain Gerbault, Charles Maurice Cherin, Marthe Dulié, Ella Maillart, Eve Sandrau, Jules Verne e do brasileiro Raul Bopp que, para mudar de terras, isto é: viajar, fez os quatro primeiros anos do curso de Direito um em cada Estado e fez o quinto no Rio de Janeiro.

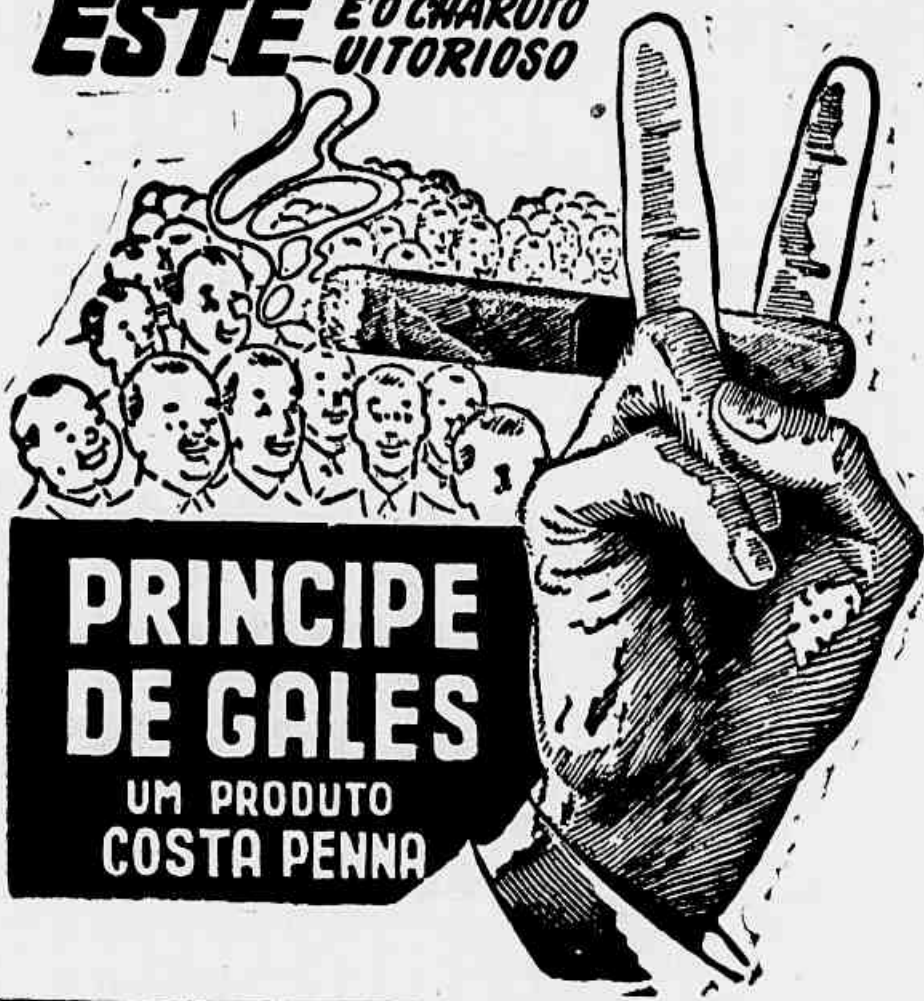
O título do volume deixará depreender que o Sr. Correia de Melo tenha percorrido o Brasil inteiro. Em verdade, ele se refere apenas às terras brasileiras do Sul; e, fóra do programa ou do itinerário, nos faz visitar em sua companhia o Uruguay e a Argentina. Talvez, porém, não tarde a dizer-nos também dos panoramas, riquezas e formosuras do Norte — como realmente é de desejar. A sua maneira de descrever e contar agrada pelas virtudes da precisão, da clareza, da sinceridade emotivas, assim como pela franqueza, a temeridade mesma, dos comentários. O seu estilo, cortado em períodos breves, e de movimento sempre rápido, leva-nos de página em página, cativos e sempre satisfeitos, até ao fim.

O volume compreende dois livros geminados, mas em sentidos opostos. Quer dizer: quando terminamos a leitura dum deles, temos que virar o volume e recuar ao princípio da segunda obra — segunda ou primeira, conforme queiramos ou aconteça. No nosso caso, ficaram para segundo lugar os *Subsidios para um dicionário dos intellectuais riograndenses*. 'E' um extenso, paciente, minuciosíssimo trabalho. Só à letra A correspondem cerca de duzentos nomes, todos com um resumo de biografia, rigorosa bibliografia e algumas, às vezes muitas palavras de louvor. E assim o Sr. Luiz Correia de Melo nos atesta não só a sua operosidade mas também, e ainda mais louvavelmente, a sua magnanimidade.

J. L.

Sã MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO PREÇO: Cr\$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



TEM O PERFUME
QUE DEIXA SAUDADES!



**Royal
Briar**

Pó de Arroz

Água de Colônia

Loção - Brilhantina

Óleo - Rouge - Baton - Talco

LINTAS AG 8.0340



Aumente
a sedução
da sua

boca

com

Semarap

— o baton que realça a beleza dos lábios, dando-lhes um encanto duradouro. Destaque as linhas bonitas da sua boca, usando o baton feito para a mulher de fino trato.



Um novo produto de Mme. Graça

- Óleo de Violetas
- Creme Anti-Rugas
- Loção Acnea
- Bálsamo Branco

CATÁLOGO GRATIS PLO CORREIO

Distribuidores Gerais: Espanha Paraniés & Irmão
Rua da Alfândega, 161 - Rio

BLOCCO LINE
FAZ OS MAIS LINDOS CABELOS LOIROS

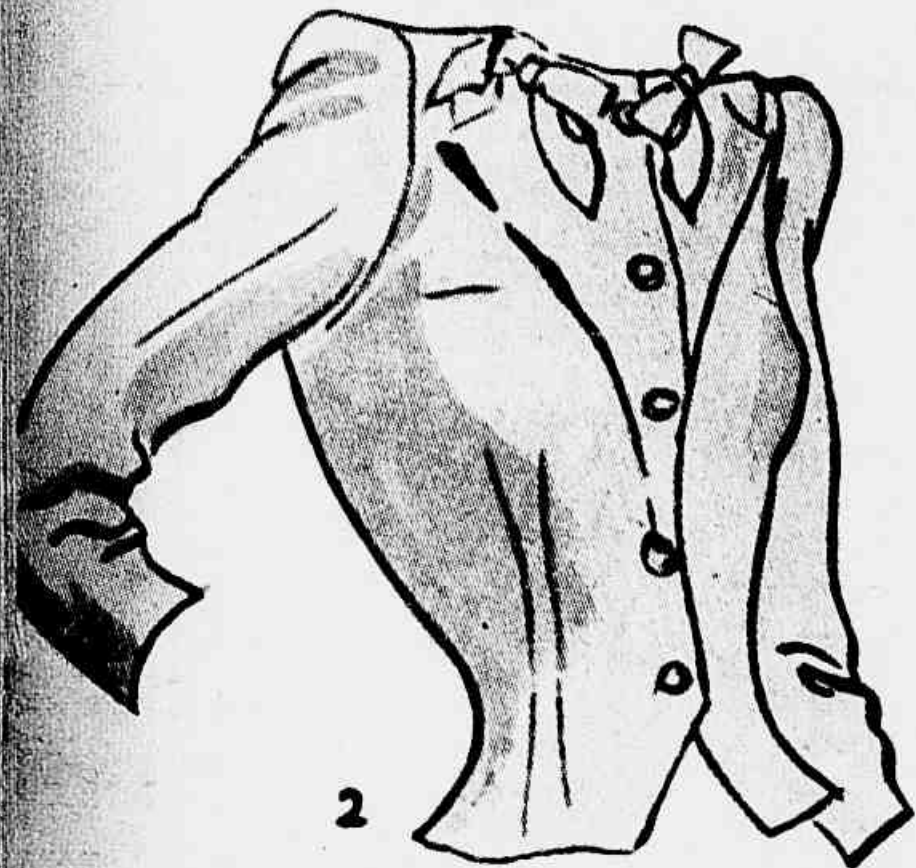
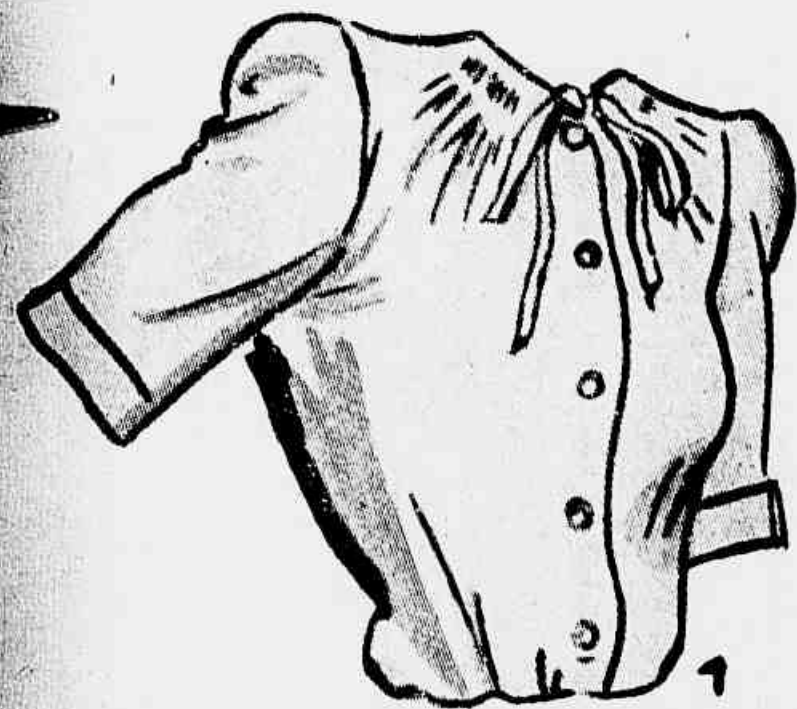
MODAS

DUAS PEÇAS EM SHANTUNG, COM
BORDADOS EM CORES.

MODELO ORIGINAL, EM SEDA ES-
TAMPADA, DESTINADO A AGRADAR
ÀS PESSOAS JOVENS E ESBELTAS.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



BLUSAS

1—BLUSA EM CREPE RAYON, GOLA
LIGEIRAMENTE FRANZIDA ARRE-
MATADA COM UM LAÇO

2—TAMBÉM EM RAYON É ESTA JA-
QUETA QUE, COMO NOTA ORIGINAL
TEM UM LAÇO EM CADA LAPELA,

3—BLUSA DE "LINGERIE", LARGA
PALA SOBRE OS OMBROS, LAÇO NA
GOLA E MACHOS.



ABC DA BELEZA

Por MARIA LUIZA

SER bela no inverno é uma questão de cuidado, de perfeição no "maquillage", de requinte no penteado e de mil e um detalhes que dependem mais dos técnicos dos institutos de beleza do que de nós mesmos. No inverno você pode descuidar sua ginástica, porque a massagem científica a substitui; pode comer aquilo que mais lhe agrada, embora sejam alimentos pesados, porque o clima frio auxilia a digestão; pode trocar a natação pelas longas caminhadas, e o efeito será o mesmo. No verão, porém, beleza é sinônimo de saúde, e não há "pan-cake" capaz de emprestar a rosto algum a vitalidade e o belo colorido que o sol oferece; não há cabeleireiro capaz de oferecer um belo aspecto a cabelos que não forem cuidados diariamente, depois do banho de mar ou do contacto com o sol. No verão os alimentos devem ser mais leves, o sono mais repousante e os exercícios ao ar livre são indispensáveis para a conservação da flexibilidade dos músculos, que do contrário se relaxarão de forma lamentável com o efeito amolecedor do calor demasiado intenso. Só há uma coisa que você não precisa mudar em sua rotina diária, quando o clima muda: é a marca do seu cigarro. Pode continuar fumando a mesma marca, porque o milagre se operará, e aquela sensação de conforto, produzida pelo calor do fumo nos dias demasiado frios, conservar-se-á intacta, porque durante o verão o efeito do fumo é refrescante. Parece paradoxal mas é simples, porque o cigarro descansa os nervos e ativa a circulação, produzindo, conseqüentemente, uma bela sensação de bem-estar, seja qual for o clima e o estado de cansaço em que nos encontremos. Pelo menos é essa a opinião das novas estrelinhas de cinema que ilustram esta página.

Elisabeth Fraser, da Warner, não dispensa a ginástica tôdas as manhãs, pois para ela nada é mais importante do que a conservação dos músculos em perfeito estado.



Dormir oito horas por noite — e nenhuma menos — é o conselho de Margaret Landry, nova revelação da RKO.



É ainda Margaret Landry quem nos aconselha para a primeira refeição um quarto de litro de leite pasteurizado e uma farta salada de legumes.

Jane Wyman, da Warner, julga que atravessar o estúdio a pé, enquanto fuma o seu cigarro matinal, oferece uma bela disposição para o trabalho.





"Santa Claus" é o grande ídolo da gente do cinema, por ocasião das festas risonhas do Natal. E o inverno americano mais ainda favorece essas festividades. Em cima, Leslie Brooks "bancando" Papai Noel, mas sem passar pela chaminé, para não sujar de fuligem as suas bonitas pernas... Em baixo, à esquerda, Joan Barclay ladeada por Robert Slix e Bill Heyer, preparam-se para a consoada de amanhã à noite. À direita, o trenó de Natal onde Kim Hunter vai deslizar, por sobre o gelo, com muitas lembranças para papai, mamãe e os irmãos-zinhos. Na página em frente, Michele Morgan também aproveita a neve na prática dos esportes de inverno, sobraçando a caixa de surpresas que vai levar para "êle"... Porque há sempre um "êle" nas comemorações ditosas destes dias de poesia e encantamento maior. E assim "astros" e "estrelas" divertem-se, repousando da obrigação de divertir-nos o ano inteiro...

(Fotos RKO-Radio)







"SINTO-ME SATISFEITA, E COM RAZÃO!"

VERIFIQUE O ACAMPAMENTO INDIO EM CADA PACOTE

Naturalmente, sinto-me tão bem disposta... cheia de vivacidade e energia. Boa saúde é a razão da alegria de viver! Assimile alimentos verdadeiramente nutritivos, preparados com Maizena Duryea — o alimento supremo.

MAIZENA DURYEA

LTDA.



POMADA SECATIVA DE S. LAZARO

APLICADA COM ÓTIMOS RESULTADOS NAS ESPINHAS CRAVOS E MANCHAS DA PELE. 100% mais eficaz do que qualquer outra medicação

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL

DISTRIBUIDORES: APAUJO FREITAS & CIA RUA CONSULHEIRO SÁ R. IVA, 41

SEMANA MEDICA

(Continuação da página 38)

O flagelo de 1855 não consentia, hora a hora, esperar por tal dia. Felizmente a desgraça publica encontrava à testa de governo um energico, de prontas decisões prontas, o marquês de Paraná.

A classe medica em peso auxiliou-o, a população também sem distinção de classes. Multilicaram-se as enfermarias, para acudir da noite se fez dia. Os sitios mais extremos da cidade e nh e r m leitos de socorro, á cabeceira dos quais medicos infatigaveis, sem lembrança de si mesmos.

Um dos primeiros pontos da capital invadidos pelo colera-morbus fôra a fort. I. za de Vil gaignon, logo de enfermaria pelo ministerio da Marinha, no prestimo do seu Corpo de Saude.

A 27 de Setembro de 1855, o Imperador abria a conchadão o exemplo da dedicação. Acompanhado por I ra á e por Pedreira, ministro do Imperio, das 9 1/2 d m ãh, às 5 da tarde, D. Pedro II correu enfermarias,

nelas sala por sala, cama por cama, animando doentes, parte de população que dava exemplos de suportar calamidade opondo-lhe estoicismo.

Emfim no domingo 22 de Dezembro de 1855 a imprensa carioca pôde anunciar ao Rio de Janeiro: Extinguiu-se a epidemia.

CHÁ "BROKEN ORANGE PEKOE"

NOVA GRANDE REMESSA RECEBIDA DIRETAMENTE DE CEYLÃO

A venda acondicionado em latas de 100, 250, 500 e 1.000 gramas.

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES

HENRY ROGERS Sons & Co. LTD.

Rua Visconde de Inhauma n. 85
RIO DE JANEIRO

O ROUBO DO COLAR

(Continuação da página 34)

— Tenha a bondade de me ligar para a policia. E' urgente!

Nesse momento o mordomo apareceu:

— Sr. marquês...

— Que há?

— Há um cavalheiro da policia que deseja falar com o senhor...

— Mande-o entrar.

O marquês desligou o telefone e foi receber a policia. Como teriam sabido tão prontamente o sucedido?

Um homem baixo, calvo, de aspecto grave, adiantou-se, seguido de um agente uniformizado.

— O senhor é que é o marquês de Limaçon?

— Eu mesmo.

— Sinto ter que lhe comunicar, senhor marquês, que um empregado seu foi assassinado!

— Assassinado!

— Sim. O porteiro desta propriedade foi assassinado na sua casa, perto dos portões...

Clarisse vinha descendo a escada com Mauricio e, ao ouvir a novidade, parou e empalideceu:

— Mortel! O senhor tem certeza?

O policial olhou para ela e disse, com ar indiferente:

— O médico da policia já o examinou. Está morto.

— Como foi assassinado?

— Com um punhal. Um punhal de cabo de prata.

— Oh!

— Reconhece-o?

— Não! Não! Foi a surpresa... Esse crime...

— Peço a todos que prestem toda a colaboração possível ao sr. inspetor, disse o marquês.

Os criados, enfileirados no grande hall, ouviam, respeitosos, a palavra do amo. Quando este acabou de falar, o inspetor tomou a palavra e disse:

— Quero saber, de cada um de vocês, onde estava e o que estava fazendo na hora do crime, isto é entre dez e meia e onze horas da noite de hoje.

Eram duas horas da manhã e a investigação continuava. Os criados, acordados para depor, esfregavam os olhos e contemplavam assustados o exército de policiais que tomara conta do castelo.

O mordomo adiantou-se e falou:

— Sr. inspetor, posso dizer uma palavra?

— Diga!

— Creio que não haverá dificuldade de precisar onde estavam todos os empregados à hora do crime.

— Como assim?

O mordomo olhou, suplicante, para o marquês.

— O sr. marquês nos tinha proibido de jogar, à noite, mas nós desobedecemos sua ordem e estávamos reunidos na cozinha, jogando uma partida de poker...

— Todos, sem exceção?

— Nem todos jogavam, mas estavam reunidos sem exceção, na cozinha, durante o tempo que o senhor mencionou...

A cozinheira, nessa altura, observou:

— Só você saiu um instante...

O mordomo pareceu ficar contrariado,

mas, depois de uma pequena hesitação, confirmou:

— Sim... Exceto eu que saí para ir buscar uma garrafa de vinho que tinha guardado no meu quarto...

O detetive suspirou. Sua tarefa estava muito simplificada.

— Nesse caso, os senhores sustentam os álbis uns dos outros?

Todos confirmaram.

— Francamente, quando os criados afirmaram que estavam todos reunidos na cozinha, eu pensei que tinha simplificado tudo, mas tudo se complicou.

Maurício levantou os olhos e encarou o inspetor:

— Como assim?

— Porque, se, por um lado, eliminamos muitos suspeitos, os restantes são insuspeitos. Senão, vejamos: Às dez horas, o senhor chegou, e um estranho lhe abriu a porta. Esse estranho é nossa única salvação, pois, pouco mais tarde, o porteiro era assassinado, quase ao mesmo tempo que desaparecia o colar. Ora, esse estranho que, provavelmente, existiu deve estar ainda no castelo, pois, o grito do porteiro, ao morrer, foi ouvido por um agente que foi investigar. Encontrou o portão aberto e viu uma silhueta se esgueirando para o fundo da propriedade. O agente fechou o portão e telefonou para mim. Logo, ninguém saiu.

— Isso quer dizer que...

— Se o assassino foi o estranho, o que o senhor viu, nesse caso ainda está, na

A morte do 845

Continuação da pag. 27

Visinhos correram a socorrer Maria do Carmo. Veio a Assistência. E foi o enfermeiro, éle próprio, que, sem saber a casa em que se achava, contou aos moradores, ali presentes, a cena de que havia sido testemunha. E concluiu:

— Foi um herói o bombeiro que morreu ha pouco no incêndio que está lavrando na cidade... Quando o telhado abateu, éle mergulhou nas chamas como quem mergulha no mar...

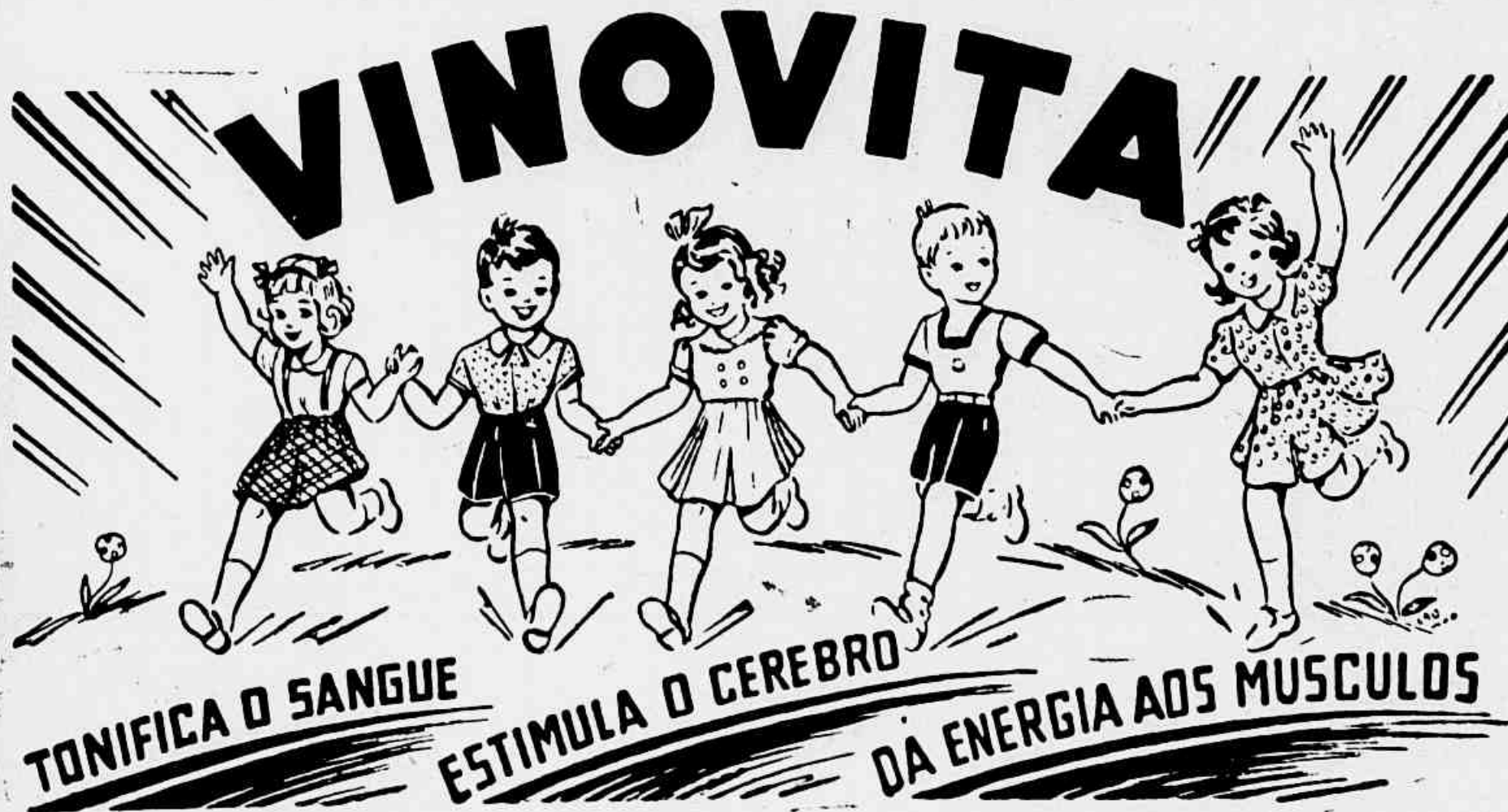
II

Não obstante as suspeitas de que o fogo havia sido lançado propositalmente, os proprietários do estabelecimento incendiado receberam das Companhias de Seguro três mil contos de réis, e levantaram sôb os escombros do velho prédio um majestoso edificio, cujos mostruários deslumbram pela riqueza e pelo gosto.

A' esquina, porém, sentados em um batente de porta, estendem timidamente a mão a quem passa uma pobre mulher desgredada e enfêrma, e um menino tuberculoso.

São a viuva e o filho do 845.

(Do livro Sombras que sofrem)



VINOVITA

TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DA ENERGIA AOS MUSCULOS

Mantemos A EXCELENTE QUALIDADE de



Johnnie Walker

mas, lamentavelmente, não podemos aumentar a nossa produção. Rogamos, pois, aos nossos Amigos que tomem suas providências, afim de obterem a **MAIOR VANTAGEM** de cada garrafa.

John Walker & Sons Ltd.,
Scotch Whisky Distillers,
Kilmarnock, Scotland.

Nasceu em 1820 —
mas continua na moda.

propriedade. Se não, o caso ainda se torna mais complicado...

— E' verdade...

— Mas ainda tenho esperanças de encontrar esse homem.

O Inspetor já percebera que alguma coisa estava acontecendo. Toda a família se reunira no quarto de Clarisse e a conversa, em tom baixo, sugeria um conselho de família. Não tinha, entretanto, razões para suspeitar de ninguém da família. Continuava suas pesquisas, procurando pelo parque... O detetive que apareceu, bruscamente, estava exaltado.

— Achámos! Achámos!

— Quem?

— O assassino!

— Como?

— Estava escondido no sótão!

— No sótão? Dentro do castelo?

— Sim.

— Mas, então...

— Alguém deve ter aberto a porta para ele...

— Só pode ter sido alguém da família, a não ser que...

— Sim...

— A não ser que tenha sido o mordomo, o único criado que saiu da cozinha. Teve tempo para abrir a porta!

— E' verdade!

— Mande chamar o mordomo.

— Muito bem.

— E o assassino. Falou?

— Não.

— Interrogue-o.

— Impossível!

— Por que?

— E' mudo. E tem uns olhos de louco! Está amarrado. Quer que o traga aqui?

— Eis aí o seu cúmplice!

O mordomo estremeceu.

— Senhor!...

— Seu cúmplice, sim! E' fácil de compreender... Queriam roubar... O porteiro descobriu tudo. Mataram-no.

— Meu senhor, eu...

— Não adianta negar!

— Mas...

— O senhor está prêso!

O Inspetor já tinha resolvido o seu caso. Estava o crime desvendado, o assassino descoberto e encerrado o trabalho, o dia ia clareando e era já hora de ir para casa descansar.

— Que noite! murmurou.

O detetive virou-se para ele e disse:

— O senhor não vai avisar à família?

— Ah! E' verdade. Ainda tenho que falar com eles.

Ajeitando o casaco, o Inspetor subiu as escadas que davam para o primeiro andar, onde estavam situados os aposentos da família toda. Ficou um momento in-

deciso, sem saber em que porta deveria bater.

No seu quarto, Clarisse caminhava para cima e para baixo, preocupada e nervosa, quando entrou a marquesa.

— Clarisse! Que houve?

— O que temíamos, senhora marquesa...

— Então, não há mais dúvidas?

— Nenhuma. Falei com ele.

A marquesa estremeceu.

— Meu Deus, quanta desgraça!

— E o pior é que eu não tenho coragem de contar a Maurício!

— Mas é preciso falar com ele, minha filha. Afinal de contas, é seu marido e...

— Mas se ele souber que um homem...

— Porém você terá que contar quem é esse homem!

— E o juramento?

— Nessas circunstâncias, você está mais do que autorizada para quebrá-lo...

— Não teria coragem. Lembro-me dela, na hora da morte, pedindo, suplicando:

"Clarisse, minha filha", ela me disse, "nunca revele a ninguém!"

— Mas por que não tentou convencê-la de que isso era uma loucura?

A palavra foi iníeliz, pois fez Clarisse empalidecer.

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

— Bem sei que já basta de loucura, mas, que fazer? Agora é tarde...

— Meu Deus!

O marquês abriu a porta, de repente, e disse:

— Clarisse, você está aí?

Havia uma carta sobre a mesa. A marquesa olhou para Clarisse e viu o olhar dela correr para a carta. Tomou-a, então, e rasgou-a, lançando-a na lareira. O marquês, surpreendido, perguntou:

— Que houve?

Maurício também chegava nesse momento.

— Alguma coisa?

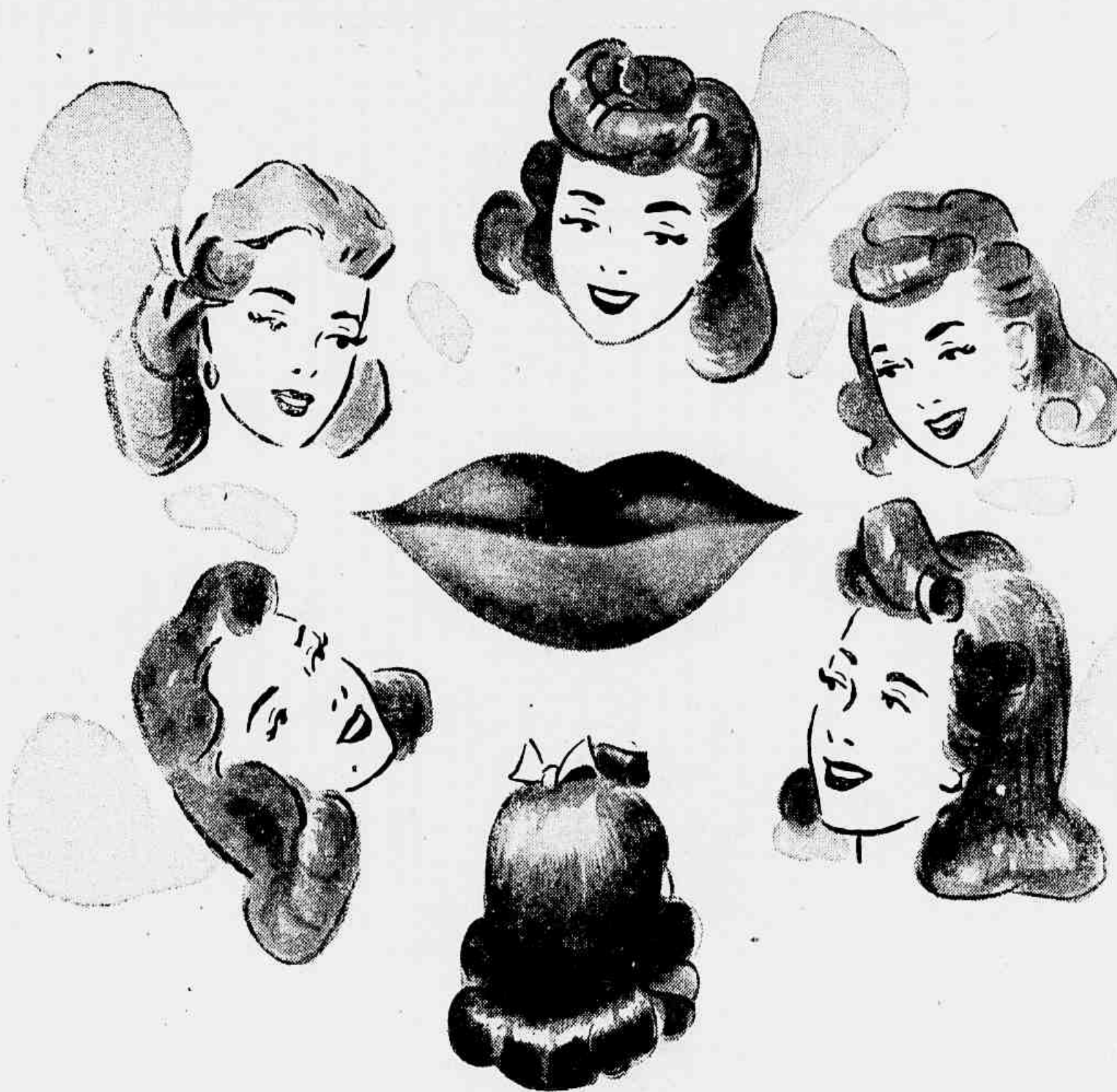
O marquês respondeu.

— Sua mulher e sua mãe estão com algum mistério.

— Mistério?

(Continua na pág. 51)

Com o NOVO Batom "LALAUQUE"...



...os seus lábios tornam-se invejáveis!

★ Seja exigente na escolha do seu batom...

O novo Batom "Lalauque" satisfaz plenamente as pessoas mais exigentes, porque — "há mais caro, mas não há melhor"! —

Experimente hoje mesmo este delicioso batom e se convencerá desta verdade!

Nas cores:

- Natural
- Claro
- Médio
- Escuro
- Cyclamen

Batom LaLaque

A VENDA EM TODO O BRASIL

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CRISE
ESPEC. GUILHERME ELOTZ
SAO PAULO - 1671 Av. Brás, Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Praz. serv. de prontos socorros:
BOM.
BOMBO.

Amor

para
seus lábios

A cor mais sedutora já descoberta

O sensacional Vermelho-Amor de VanEss é uma cor tão vívida e deslumbrante, que basta passar uma só vez nos lábios para transformar todo o semblante, emprestando-lhe um "quê" de irresistível que distingue a mulher moderna e elegante.



Para harmonia perfeita use também Pé e Rouge VanEss.

DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES
2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776

ALGUNS MODELOS

1 — BASTANTE "CHIC" É ESSE MODELO EM JERSEY BRANCO OU AREIA, COM FRANZIDOS NOS OMBROS E NA SAIA. FLORES EM CORES VIVAS SÃO BORDADAS NO CINTO.

2 — DUAS PEÇAS EM MODERNO ESTAMPADO PRETO E BRANCO.

3 — SAIA EM LINHO VERDE, BLUSA ESPORTIVA COM GRANDES RAMAGENS.

4 — INTERESSANTE MODELO EM "RAYON" COM LISTRAS MARRON E BRANCO.

4 — DE "FOULARD" VERMELHO COM "POIS" BRANCOS É ESTE GRACIOSO MODELO; NA SAIA DOIS BOLSOS EMBUTIDOS.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

50



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SEculo DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE É SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

O roubo do colar

(Continuação da pag. 49)

— Sim. Quando cheguei aqui sua mãe rasgou uma carta que estava sobre a mesa e lançou-a ao fogo para que eu não a visse...

— Uma carta?

— Sim.

Maurício voltou-se para a marquesa.

— Mamãe, eu não compreendo...

— Meu filho... Clarisse...

Clarisse voltou-se para Maurício:

— Por favor, não me pergunte nada:

— Era sua a carta?

Ela respondeu, em voz baixa:

— Sim.

— Carta de quem?

— Maurício, por favor!

— De quem? Digal

— De... de uma pessoa...

— Homem ou mulher? Não minta, Clarisse!

— Homem...

— Que havia escrito na carta?

Com um suspiro, Clarisse falou:

— Sei-a de cor.

"Clarisse. Hoje, no mesmo lugar, à mesma hora".

— De quem era essa carta?

— Do assassino do portetrol

Maurício encontrou o inspetor à porta do quarto de Clarisse, procurando o quarto do marquês.

— Encontrei o assassino! disse o inspetor. O assassino e seu cúmplice, o mordomo.

Maurício não demonstrou surpresa.

— Preciso falar-lhe.

— E' com grande tristeza que me vejo forçado a contar-lhe um episódio doloroso que ficaria melhor se fôsse guardado como segredo de família. Mas, já que os acontecimentos me forçam a dizer tudo o que eu próprio somente agora acabo de saber.

Minha esposa tem um irmão. Esse irmão, que o senhor prendeu, é completamente louco, mas era louco manso, e foi criado em casa, às escondidas, pela mãe, que se recusava a mandá-lo para um asilo. Mais tarde, ao morrer, a mãe de minha esposa fê-la prometer que nunca haveria de dizer que tinha um irmão louco e continuaria a tratá-lo como pudesse. Clarisse arranhou um lugar para ele morar, e tudo mais ou menos bem até que ele deu para jogar, quando estava passando melhor. Chegou a perder muito dinheiro, e contraiu inúmeras dívidas. Clarisse não

podia pagá-las com seu dinheiro. Somente minha mãe, amiga íntima da mãe de Clarisse, sabia, também, da existência do rapaz louco. Clarisse pediu-lhe auxílio e, para obter dinheiro sem que ninguém soubesse, mamãe resolveu fingir que seu colar era roubado, e vendê-lo depois. Porém o louco viera visitar Clarisse e o por-

teiro não quis deixá-lo entrar. Enfurecido, o louco matou-o, num acesso, e entrou. Clarisse, conforme combinado, retirou o colar do cofre e deu o alarme. Mas, ao mesmo tempo, era cometido um crime, e o que fôra tão bem planejado para ficar oculto mesmo da família teve que ser revelado.

Ainda hoje o inspetor, toda vez que fala no caso do Castelo, costuma dizer:

— Eu estava errado, está certo, mas aquele mordomo tinha, mesmo, cara de assassino!

E, com isso, seu amor próprio se satisfazia...



Perfume

Orbleu

de BAZIN

Ouro sobre azul dos perfumes!

A VENDA EM TODO O BRASIL

- Água de Colônia
- Brilhantina
- Extrato
- Loção
- Óleo perfumado
- Pó de Arroz
- Sabonete

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de aliace ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

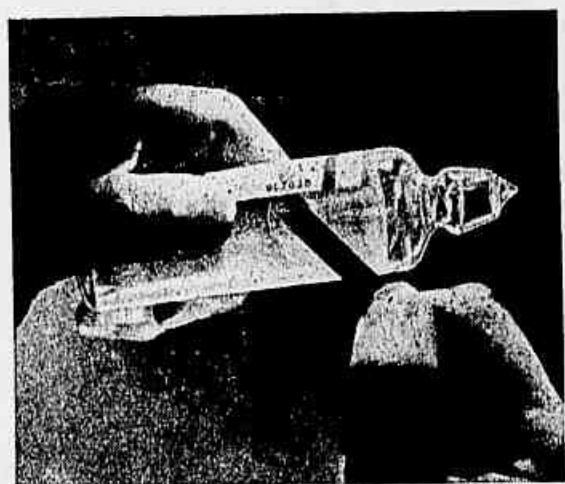
A pele que não respira respira e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Aliace permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Aliace "Brilhante".

Experimente-o

SQUIBB

*é um nome
em que se pode confiar*



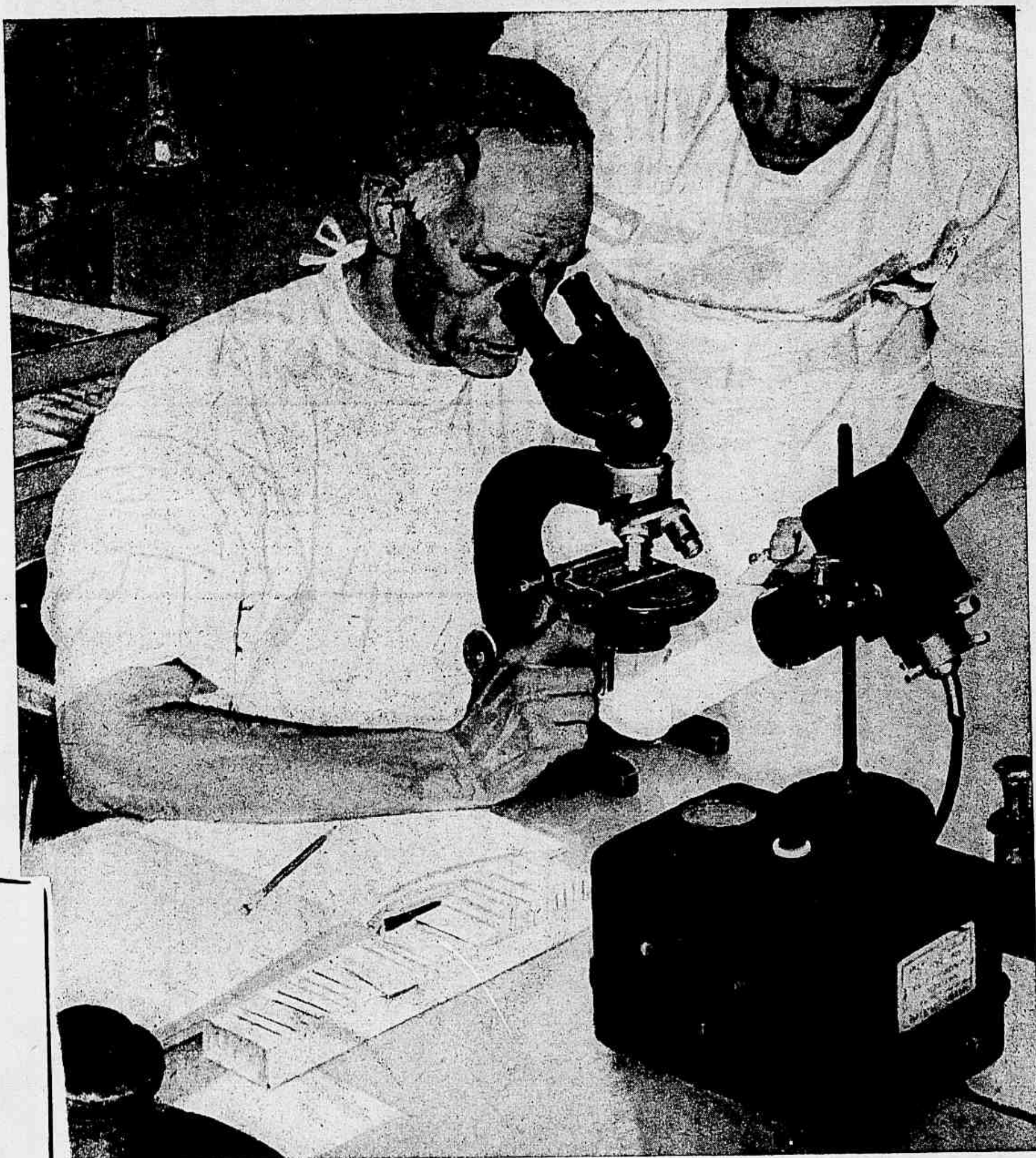
Todos os produtos Squibb levam um número de controle individual. Isso significa que cada detalhe da fabricação foi examinado de acordo com os altos padrões estabelecidos por Squibb e registrado sob esse número nos Laboratórios Squibb.

DESTACAM-SE ENTRE OS PRODUTOS SQUIBB OS SEGUINTE:

Penicilina — Sulfonamidas — Anestésicos — Produtos Glandulares — Produtos Farmacêuticos e Vitaminicos, além de Dentífricos e Preparados Medicinais para o lar.



PROCURE EM CADA PRODUTO O
SÊLO DA CASA SQUIBB



*...para viver uma vida
mais saudável e mais feliz*

Nos vastos Laboratórios Squibb, os pesquisadores perscrutam constantemente o mundo microscópico, tão intimamente ligado à saúde da humanidade. Baseada nos últimos conhecimentos científicos, controlada com a maior minúcia por meio de inúmeras experiências, a luta contra a doença progride com firmeza.

A Squibb coopera sempre com a classe médica na preparação de produtos medicinais para o hospital e para o lar. Todos, sem exceção, devem alcançar o alto nível de pureza, uniformidade e eficácia que sempre tem distinguido os produtos da Casa Squibb desde sua fundação.

E·R·SQUIBB & SONS, NEW YORK
QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858



LUPE VELEZ

A QUE NÃO SOUBE REAGIR

Por CELESTINO SILVEIRA

53 **O** suicídio de Lupe Velez foi a triste nova, para os fãs, nestas vizinhanças do Natal. Tudo quanto de mais inesperado podia acontecer veio naquele telegrama de Hollywood que os jornais publicaram há uma semana. Por quase vinte anos Lupe Velez andou fazendo seus filmes, que eram a princípio bisonhas comédias em duas partes, logo após romances intensamente dramáticos e, ultimamente, pobres e anêmicas histórias onde a artista se repetia em enfadonhos papéis de mulheres nervosas, excêntricas e nem

sempre de juízo assente no lugar. Nós a conhecemos quando nos visitou há nove anos passados — e pudemos certificar-nos de ser, também na vida real, mulher de nervos, um tanto excêntrica e violenta às vezes.

Sua aparição no cinema deu-se seguramente há vinte anos. Lupe Velez — Maria Guadalupe Villalobos Velez — contava trinta e quatro anos, a caminho dos trinta e cinco, quando acabou com a vida, pois nasceu a 18 de Julho de 1910, no México. Ingressou no cinema pela mão do produtor

de fitas cômicas Hal Roach, que também veio ao Rio, há dez anos, conhecer o Carnaval. Foi Hal Roach quem a apresentou em comédias de pastelão, onde se impôs de tal modo que logo após chamava as atenções de Douglas Fairbanks, Pai. O velho Douglas preparava "O Gaúcho" e carecia de uma atriz latina, temperamental, de predicados de real beleza. E desde aí Lupe Velez ficou popularíssima e requestada pelos grandes estúdios.

(Continua na pag. seguinte)



CASPA Quêda dos Cabellos JUVENTUDE ALEXANDRE

Foi quando também nasceu o seu grande amor, na vida real, com Gary Cooper, romance comparável ao de Greta Garbo e John Gilbert. Mas o feitiço de Gary Cooper, quieto e platônico, não combinava com os nervos, sempre à flor da pele, da jovem mexicana, e vieram a desentender-se. Apareceu então em Hollywood um rapaz mocinho, de musculatura heróica e de cabeça clássica. Chamava-se Johnny Weissmuller e consagrou-se fazendo o papel de Tarzan. Foi o bastante para Lupe Velez esquecer-se de Gary Cooper, casando com o outro. Mas a união resultou em absoluto desastre. Os escândalos chegavam até nós, pelo telégrafo. Divorciaram-se, tentaram uma reconciliação mas nada melhorou.

Quando Lupe Velez esteve no Rio, em 1935, era casada com Tarzan, e saíra de Hollywood disposta a nunca mais voltar

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda.-C.P. 1379-S. Paulo



para sua companhia. Mas aqui, no hotel e no camarim do Alhambra, vimos-la receber vários telegramas do marido saudosos. Ela também estava com saudades. Em chegando a Hollywood, porém, o divórcio definitivo teve lugar. Weissmuller andara fazendo das dêle, e a turbulenta mexicana acabou mostrando-lhe a força de suas compridas unhas.

Se Gary Cooper não combinava com a "estrêla" por ser demasiado calmo, Tarzan também não, por ser demasiado violento, e dois bichos não se beijam...

Dois ou três anos mais tarde fez outra experiência, casando-se com Guy "Big Boy" Williams, e o desastre não foi menor. Desde aí, pequenos incidentes sentimentais se registraram, até surgir o caso mais recente. Anunciava-se o casamento de Lupe com o ator francês Harold Ramond. E veio o trágico desfêcho.

Aqui no Rio Lupe Velez revelou às largas seu temperamento indomável. De uma feita, em cena aberta, no Alhambra, teve um incidente com o ator argentino que a apresentava. E, quando o pano desceu, atracou-se ao rapaz, deixando-lhe as faces em tal petição de miséria, que o impediu de trabalhar por um ou dois dias. Seu contrato também a prendia a uma estação de rádio, onde marcou sucesso mediocre. A voz de Lupe não agradava através das antenas. Também se exibiu no palco do "Varieté", junto ao Casino Atlântico, sem corresponder à expectativa. No entanto, ao desembarcar, teve Lupe Velez estrondosa recepção. Vinha logo após Ramon Navarro e, a esse tempo, artista de Hollywood no Rio era fenômeno ou coisa parecida. Seu embarque, dias mais tarde, deu-se da maneira mais melancólica. Chovia torrencialmente. Nem um fã. E a "estrêla", irritadíssima e nervosa, foi para bordo à noite, fechando-se no camarote, quando o barco só desatracava pela madrugada. Esquecida de todos. Levando do Rio más recordações, sem dúvida.

E quando lhe fomos dar as despedidas sorriu com tristeza:

— Já esperava isto mesmo...

Na ante-véspera, também a procurámos num intervalo de suas exibições do Alhambra. Batemos à porta do camarim. Lá de dentro veio um grito forte:

— Passel

Abrimos a porta e passámos. Mas... em lugar da "estrêla" bonita, bem posta, faceira e garrida que o público acabava de ver, deparámos com uma criatura de gestos desabridos, charuto nos lábios, desesperada com a camareira, ajeitando o corpete do vestido e proferindo algumas palavrinhas inconvenientes, pois não...

Pobre Lupe Velez! E no entanto era boníssima. Generosa. Amiga.

Seus filmes continuaram vindo mas fracos. Nenhum suplantou "Ressurreição", onde ela fazia uma deliciosa Katucha, com John Boles. E todos ainda lembramo-nos de "A Canção do Lobo", feita nos bons tempos da Paramount, com Gary Cooper, quando o romance entre ambos ia no auge... "Quente como pimenta", com Victor Mc Laglen... "Pôrto do Inferno"... "O Exilado", com Warner Baxter...

Lupe Velez trabalhou em quase todos os estúdios — na Paramount, Metro, Warner, Fox, Universal e, ultimamente, na

Publicidade para esta Revista em São paulo

Tratar á rua D. José de
Barros, 323-Tel. 4.7866

RKO onde fez uma série bem fraca de comédias da série Spitfire, com Leon Erroll, um cômico decadente.

Como sucedeu com outros atores mexicanos, Ramon Navarro e Dolores del Rio por exemplo, ela regressou ao México e ali fez uma versão de "O gato e o canário", com o título de "A Vontade do Morto". Em Hollywood suas possibilidades esgotavam-se. E no México fez La Zonga, um filme com o ator argentino Arturo de Cordoba, e fez também "Naná", agradando, pois a heroína de Zola combinava bastante com o seu temperamento áspero.

Agora, em Hollywood, afastada quase dos estúdios, sofrendo mais uma experiência sentimental, em vésperas de ser mãe, desiludiu-se.

Em outros tempos os publicistas exploraram uma suposta rivalidade que existiria entre Lupe Velez e sua compatriota Dolores del Rio. Tudo imaginação. Certo dia, para desmentir os boatos, ambas posaram para um fotógrafo e a chapa andou muito divulgada no mundo inteiro.

Este, em linhas gerais, um esboço biográfico de Lupe Velez, a mulher que não soube reagir a um desengano. Ela preferiu eliminar duas vidas simultaneamente: a de si mesma e a de um filho que não quis dar ao mundo.

Que emoções terá vivido Gary Cooper ao tomar conhecimento do brusco desenlace de Lupe Velez?

Costumes do Natal

(Continuação da pág. 18).

nessa estação do ano, e considerado como pertencente primordialmente às crianças.

A origem do Papai Noel é, naturalmente. São Nicolau, bispo de Myra no século 4.º, universalmente conhecido pelos seus presentes às crianças. A refeição do Natal, quer ao meio-dia ou à noite, invariavelmente compõe-se, em tempos normais, de peru assado e "plum-pudding". Algumas pequenas moedas de cobre são geralmente postas na massa do pudding, antes dêle ir ao forno.

A Cabeça de Javalí, uma tradição celta e nórdica, costumava ser um prato comum ao Natal e ainda é servido. Algumas das instituições britânicas costumam servir-lhe num jantar festivo, e em "Queen's College, Oxford, a cerimônia da cabeça de javali é observada anualmente. O Natal, na Inglaterra, é essencialmente a estação das crianças, em que abundam as reuniões, árvores do Natal, matinées de pantomimas e peças na maioria dos teatros, mas também se pode afirmar que é a época em que todos se sentem compelidos a adotar "um espírito de Natal", esperando-se que a boa vontade seja algo mais do que uma simples palavra. Bernard Shaw observou certa vez que a única coisa que censurava a esse espírito de Natal era que êle não durava o ano todo!

PARA SOIRÉE

Da esquerda para a direita:

Ao alto:

Muito juvenil este traje de baile feito em seda estampada com flores grandes.

De grande efeito é este vestido em dois tons, com elegante drapeado.

Gracioso vestido de baile em crepe estampado, com três babados á cintura para realçar a beleza do talhe.

Em baixo:

Distintíssimo traje de cerimonia em seda preta com flores multicores nos ombros.

O corpo desse interessante modelo de baile é em seda escura bordado com perolas claras.

Elegante modelo para a noite com blusa drapeada e franjas á cintura.





Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquira um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande
MARCA REGISTRADA
BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

fixbril
para o cabelo
ASSENTA E DÁ BRILHO •

ZIMOLACTOL
Granado
FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES
T. TARQUINO

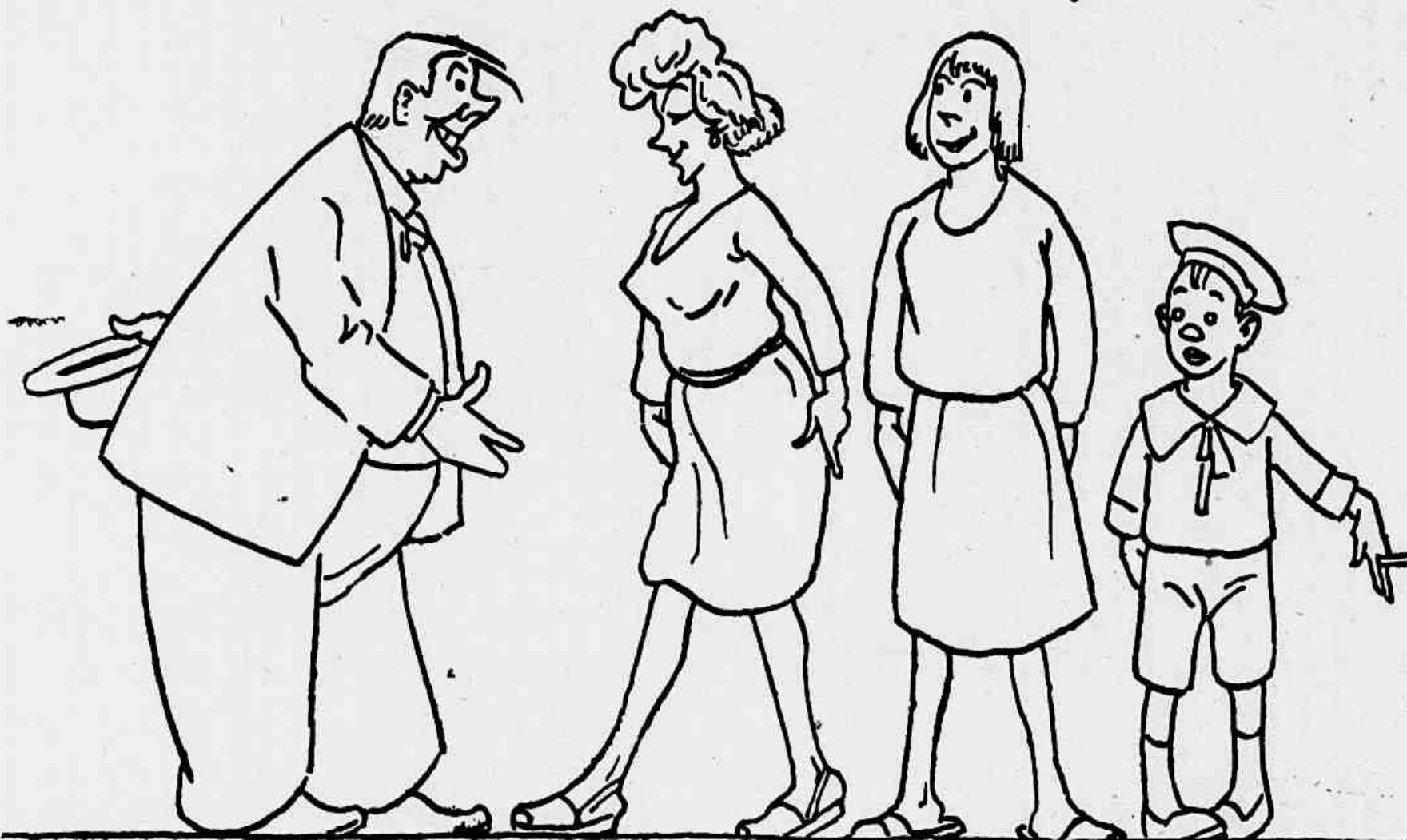
Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Flack, 153-Blo. T. 29-2940
OLEO — LOÇÃO

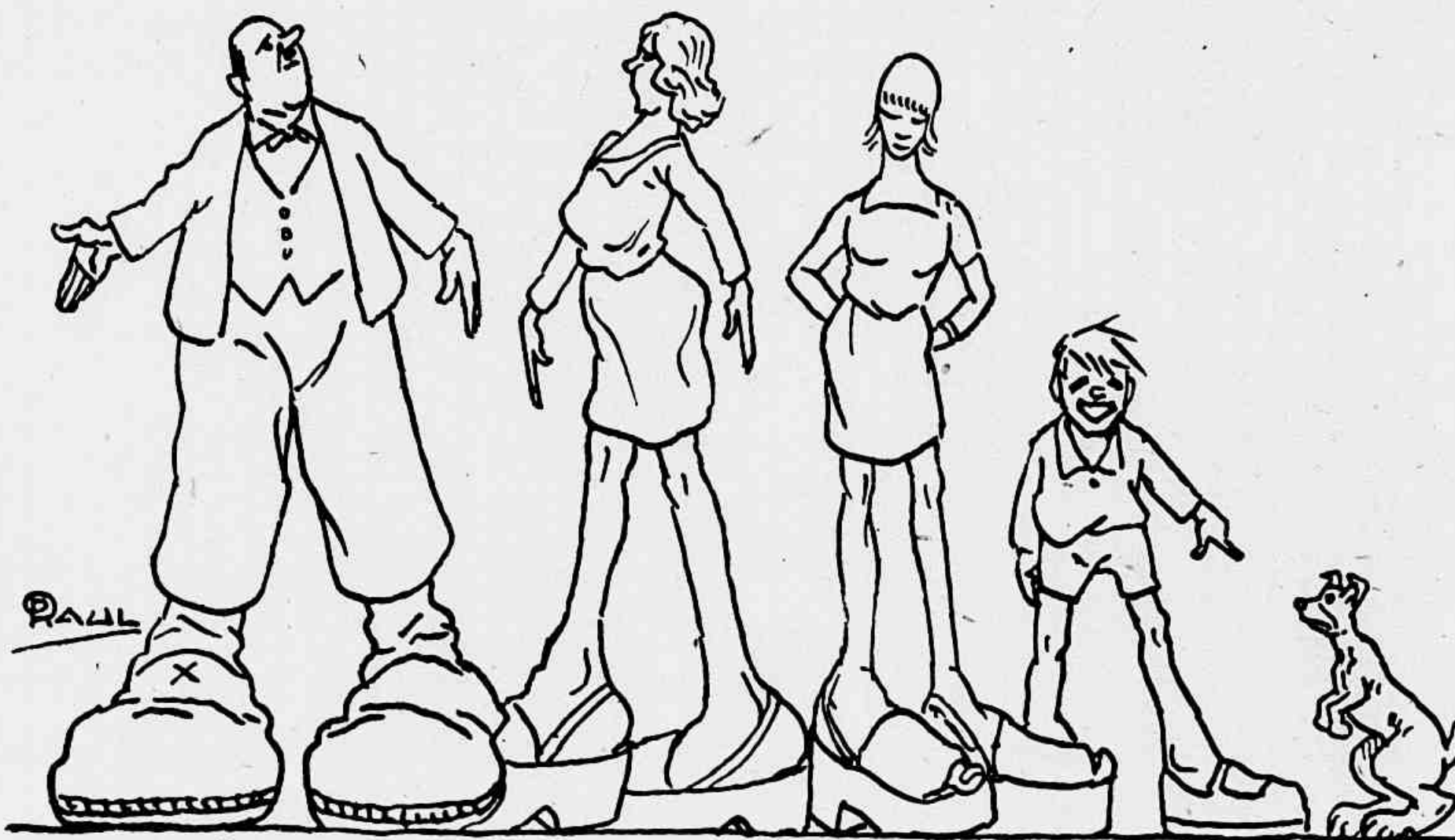
Mutações



Ontem o lápis preferia a expressão da fisionomia



Hoje torce a favor do tórso e da contorsão



Amanhã talvez caia, com toda alma, aos pés...

ALAIN — Um cálice de vinho... Está pálida como uma morta, meu bem...

Contra-regra: ruído de vidros e gorgolejar de líquido.

ALAIN — Um cálice?

IRENE — Disse que não!

ALAIN — Não está se sentindo bem?

IRENE — Que aconteceu à mulher que sabia do crime do agricultor?

ALAIN — Ah!... O agricultor... (bebendo ruidosamente) — Oh!... Grande vinho!... Este... este foi engarrafado em 23... Não quer provar um gole, Michonzinha?

ALAIN — Não.

ALAIN — O agricultor entrou pela janela... (tom de quem reconstitui um crime) Entrou pela janela do rés-do-chão, noite tempestuosa... Bem sabe como são tenebrosas as noites riscadas pelos relâmpagos. A mulher dormia na cama... Vou reconstituir a cena aqui dentro do quarto...

IRENE — Não!...

ALAIN — Não... Oh!... Como faz tão péssimo julgamento de mim, querida Irene Michon!... Por que recuou assim?... E como treme... Estou contando um caso que li nos anais de 1896... Fazemos de conta... que esta cama império... é... é... a cama onde estava dormindo a mulher... Suponhamos que fôsse esta... O homem... entrou pela janela... na ponta dos pés... sem ruído... sem a despertar... estendeu as mãos... assim... crispadas e medonhas — assim — olhe para as minhas mãos, Irene... Está vendo?

IRENE (gaguejando) — Estou... estou... vendo... estou...

ALAIN — Ela dormia... a respiração serena... sonhando talvez... os cabelos esparsos sobre o travesseiro... aproximou o rosto da sua vítima... e depois... depois...

IRENE — Basta!... Não quero ouvir mais nada!

ALAIN — Não, meu bem... a força do caso... o psicológico... o fundamental, querida, começa agora... Estrangulou-a... o único grito que ela tentou soltar já vestia a roupagem da agonia... sons inarticulados...

IRENE — Basta!... Basta!...

ALAIN — Estrangulou-a... livrou-se do enorme peso do vivo que era aquela mulher... forçou as gavetas, fez tombar um armário e abandonou por ali um gôrrão velho que encontrara numa estrada... Não se afaste assim de mim com os olhos esgazeados, minha gazela... nada tema de mim... (passos lentos) Ainda tem mais alguma coisa dessa história... O agricultor foi prêso três semanas depois e condenado à morte!...

IRENE — Oh!... Condenado à morte... Ainda bem que se lembra do melhor trecho da tragédia... condenado à morte!

ALAIN — Sim... condenado à morte!

IRENE — Um criminoso sem inteligência.

ALAIN — Um camponês iletrado, querida... sem imaginação... mas... mas...

IRENE — Mas... sim... mas...

ALAIN — Um homem de cérebro inventivo encontraria coisa melhor... Por exemplo... eu... Bem sabe você que eu... Ou é preciso que lhe diga? O agricultor estrangulando essa mulher agiu como um imbecil. Há muitas maneiras de suprimir habilmente um ser perigoso...

IRENE — Quero ir-me daqui, Alain de Kergueven... É tarde... Estou muito cansada.

ALAIN — Não demorarei no fim da história... Por exemplo... Aliás você tem toda razão... Homenagens à sua inteligência, Irene... Por estrangular uma pessoa... simular um roubo num castelo habitado por oficiais inimigos, vigiado por sentinelas... Claro, querida, seria uma grande tolice... Escute, Irene, você já leu um livro intitulado "Mortes Bizarras"?

IRENE (gaguejando) — Não... não conh... conh... conheço esse livro...

ALAIN — Hum... Penal... Um livro maravilhoso no gênero!

IRENE — Que gênero?

ALAIN — Assassinatos verdadeiramente artísticos, querida... Mas que arte!... Foi uma leitura que me impressionou, sinceramente... sinceramente... Anzóis minúsculos introduzidos em dragéias de aspirina... Pode se engulir essa dragéia para curar uma dor de cabeça e morrer de uma perfuração intestinal... Um médico de campo, ali, nada vê...

IRENE — Será que vai continuar por muito tempo com esse tema, Alain?

ALAIN — Não!... Terminei... Estou satisfeito.

IRENE — Satisfeito!

ALAIN — Sim... contentíssimo... Cheguei aonde queria!

IRENE — E o que desejava você?

ALAIN — Ler essa angústia indefinível que exprimem os seus olhos, meu bem...

IRENE — Imagina que estou com medo de você?

ALAIN — Oh!... Pensa então que sou o agricultor? Bastaria um grito seu para que o sentinela que está no terraço... lá está ele... baioneta calada passeando vinte passos para a direita e vinte para a esquerda. Bastaria um grito seu, para que ele gritasse "aux armes!... Não!... Não sou o agricultor... Não... (passos).

IRENE — Oh!... Baixe as mãos!... Chamarei por socorro!... Tire as mãos de minha garganta...

ALAIN — Que é isso... (surdamente) Idiota!... Que é isso? E' na nuca!... O fecho do seu colar de pérolas está aberto... (passos) Meu Deus, como lhe fica bem essa palidez... Parece uma estátua guardada por muito tempo no porão dum museu de antiguidades... Pode ir... querida...

IRENE — Pensa que tenho medo de você?

ALAIN — Você, com medo dum covarde? Oh!... Não!... Pode ir!... Não lhe desejo boa noite porque sei que vai passar uma noite em claro, com sua janela bem trancada... e a porta bem fechada... Pode ir, Michon!... Saia!...

IRENE — Quinta-feira!

ALAIN — Quinta-feira, víbora!... Vá!...

Contra-regra: passos.

IRENE — Os seus insultos ficar-lhe-ão caríssimos, Alain de Kergueven!

ALAIN — Saia!...

Contra-regra: bater de porta violento.

INTERLÚDIO

Técnica: música sinistra em back-ground.

ZIMMERMAN — Ei!... Picot!... Picot!... Acorda, homem! Picot!...

PICOT — Oh!... Doctorr...

ZIMMERMAN — Acorda, homem!... Uma grande notícia para você!...

PICOT (estremunhando) — Notícia, doctorr...

ZIMMERMAN — Vamos!... Abra os olhos!... Você tinha razão...

PICOT — Oh!... Prenderam o velho do moinho?

ZIMMERMAN — Que velho do moinho, Picot!... Coisa muito melhor... Prendemos o espião!

PICOT — Espião?

ZIMMERMAN — Diabos, você está com sono... Não dá um pulo de alegria?... O espião que você desconfiava estar ainda dentro do castelo Kergueven, acaba de ser prêso ao sair do castelo!... Foi surpreendido pelo sentinela agora mesmo... A bala atingiu-lhe a perna...

PICOT — O espião?

ZIMMERMAN — Sim... um francês... foi identificado... Era um falso caixeiro viajante, mas o nosso serviço está organizado, corcunda!... Detang!...

PICOT (rindo) — Oh... Detang!... Espião?

ZIMMERMAN — Sim... capitão Ernest Detang... do serviço secreto inglês, capitão da Legião Estrangeira...

PICOT — E êle?
 ZIMMERMAN — No cárcere... será fuzilado!...
 PICOT (rindo) — Fuzilado!... Eu disse... Picot não se engana!... Eu sabia que êle estava aqui!...
 ZIMMERMAN — Você é um bravo!... Picot!... Um bravo!... Vamos!... Quer ver a cara do espião?
 PICOT — Que horas são?
 ZIMMERMAN — Seis da manhã... Picot!... Que diabo!... Você acordou tarde, hoje? Está doente?
 PICOT — Eu?
 ZIMMERMAN — Sim... nunca o achei tão pálido como agora... Está muito pálido... Passou mal a noite, Picot?
 PICOT — Não dormi... não dormi bem... doctorr... E êle... contou?
 ZIMMERMAN — Contou o que?
 PICOT — Onde tinha se escondido êsse tempo todo?
 ZIMMERMAN — E' um demônio duro... Só nos faltou quebrar-lhe os ossos, mas êle não espirrou uma palavra...
 PICOT — Amigos aqui dentro, doctorr?
 ZIMMERMAN — Sim... para êle ficar todo êsse tempo oculto no castelo, só tendo amigos ou cúmplices para ocultá-lo, não acha você, Picot?
 PICOT — Oh!... Sim... Cúmplices... E êle não falou?
 ZIMMERMAN — Não!... Não disse uma palavra... Uma coisa, Picot... Nada digas que te contei sobre as torturas...
 PICOT — Por que?
 ZIMMERMAN — Por nada... mas não fica bem... Bem sabe como são êsses seus patricios... Às vezes a gente recebe uma bala pelas costas... ainda há muito sujeito com idéia de patriotismo encastada na cabeça...
 PICOT — Burros!... Uns idiotas...
 ZIMMERMAN — Era preciso para a felicidade da França que todos pensassem como você, Picot!... Quer ir ver o espião?
 PICOT — Oh!... Quero... quero ver a cara dêle... eu estou muito zangado...
 ZIMMERMAN — Por que, Picot?...
 PICOT — Eu queria... eu mesmo segurá-lo... (rindo) Eu mesmo... que pena!...
 ZIMMERMAN — Vamos... vai vê-lo agora mesmo... Amanhã, creio eu, será fuzilado...
 PICOT — Amanhã... (rindo) Veio buscar lá e saiu toquiado... Brincando com herr doctorr...
 ZIMMERMAN — E com Picot! (ri) Vamos, Picot!...

INTERLÚDIO

Contra-regra: pancadas discretas na porta; passos que se aproximam; girar de maçaneta.

DENISE — Oh!... Alain... Você!...
 ALAIN (toc-toc) — Não me convida para entrar, minha irmã?
 DENISE — Entre, meu irmão... (toc-toc cinco segundos).
 ALAIN — Papai está?
 DENISE — Não... Foi à Prefeitura tratar de nossos cartões de viveres e roupas. Sente-se, meu irmão.

Contra-regra: arrastar de muletas.

ALAIN — Feche a janela da sala, Denise...

Contra-regra: passos e bater de janela e trinco.

ALAIN — A cortina, Denise.

Técnica: correr de cortina seis segundos.

DENISE — Alguma coisa, Alain?
 ALAIN — Por que?
 DENISE — Nada... pergunto-lhe... apenas por perguntar... Alain, sua mulher é um perigo para nós... para todos nós.
 ALAIN — Eu sei.

DENISE — Por que cometeu essa imprudência? Você bem sabe que nem eu nem seu pai lhe teríamos dito que és um... um...

ALAIN — Desertor!

DENISE — Jamais faríamos tal coisa, Alain. Como soube ela disso, Alain? Por que revelou à sua mulher isso?

ALAIN — Ela... ela...

DENISE — Compreendi tudo... Ela faz chantagem com você.

ALAIN — Tenta...

DENISE — Tome cuidado, Alain... E' uma inimiga perigosa. Ela me faz medo também por Ieslie.

ALAIN — Não se inquiete por causa do seu marido, Denise. Você não tem confiança nele?

DENISE — Absoluta.

ALAIN — Então o jogo de Irene não poderá atingi-la, compreende? Aconselhe ao seu marido apenas uma coisa...

DENISE — O que?

ALAIN — Agir com diplomacia.

DENISE — Sim... porque sua vida corre risco... e sua esposa é capaz de tudo.

ALAIN — Por Deus, Denise... Não a chame minha esposa... Suplico-lhe...

DENISE — Perdão, Alain...

ALAIN — O essencial para Leslie é agir com diplomacia e ganhar tempo, Denise.

DENISE — E a sua situação, Alain? Como ficou com a sua esposa sobre o dinheiro que ela exige... quinta-feira, não é êsse o prazo?

ALAIN — Sim... quinta-feira... e se eu não pagar estou certo que ela me denunciará.

DENISE — Não vai fazer isso... Não vai se expor a semelhante risco para poupar alguns francos.

ALAIN — Não há perigo... tudo correrá bem... (rindo levemente) Correrá maravilhosamente bem...

DENISE — Oh!... meu irmão!...

ALAIN — Que foi?

DENISE — Seu olhar tomou tal expressão que fiquei com medo... confesso... nunca vi essa expressão em você...

ALAIN — Acho que em parte você tem razão de me estranhar...

DENISE — Não fará uma loucura, meu irmão...

ALAIN — Não... socegue... socegue, minha irmã... Estamos na terça-feira... Daqui a quinta-feira à noite... pode... pode... acontecer muita coisa.

Contra-regra: pancadas fortes na porta.

DENISE — Oh!...

IVES (distante) — Madame Westbury... Madame Westbury...

DENISE — Ives... (passos precipitados; girar de maçaneta).

DENISE — Entra, Ives... Que tens?

IVES — Deixe-me fechar a porta... Uma desgraça... Um espião... um francês... um oficial acaba de ser prêso no castelo!...

DENISE — Meu Deus!... O capitão Detang... E Leslie?

IVES — Leslie... (pausa).

DENISE — Fala, Ives!... Pelo amor de Deus!... Por que hesitas, Ives?

ALAIN — Vamos, Ives...

IVES — Acabo de vê-lo passar entre dois soldados alemães de fuzil ao ombro... entrou no castelo...

INTERLÚDIO

Técnica: disco de abertura de espetáculo.

DENISE — Que disseste, Ives? Leslie... meu marido? Viste-o entrar no castelo entre dois soldados?

IVES — Sinto muito, madame Westbury... mas eu não podia ocultar-lhe tão grave fato!

Contra-regra: passos precipitados.

ALAIN — Denise!... Onde vai você, minha irmã?!...

DENISE (resoluta e emocionada) — Ao castelo!

ALAIN — Louca!... (enérgico) Louca!... Quer perdê-lo!... Não sabe então que ele está preparado para se defender... e a sua intervenção contribuiria para a desgraça do seu marido, Denise?...

DENISE — Oh!... Meu Deus!... A desgraça se avizinha!... Obra dêsse maldito monstro!... Esse corcunda!...

ALAIN — Dissimule o mais que puder o seu desespero, minha irmã... Acaba você de ser indicada, por força das circunstâncias, a uma delicada missão... Salvar o seu marido e um homem que trabalha pela libertação da França!... Leslie de Westbury!... Uma lágrima sua!... A menor crispção dum músculo de sua face, seria a sua inteira perdição!... Provavelmente Zimmerman virá aqui!... E toda a dissimulação será pouca, entende, Denise?... Alma de ferrol... Coração de ferrol... Nervos de aço!... Nem de aço, Denise!... Passará doravante a não ter mais nervos... Sua inteligência se desdobrará ao máximo!... Uma palavra... um movimento emotivo de sua parte, jogará com a vida de seu marido... Ele encontra-se nesse momento entre o paredão de fuzilamento e a sua capacidade de dissimulação!...

DENISE — Oh!... Sim... ele... oh!... Deus meu!... Dai-me forças!... Forças!... Tenho medo das lágrimas dos meus olhos... tenho medo do meu coração, Alain!...

ALAIN — Sim... desconfiará deles, como se fossem os seus maiores inimigos!... Inimigos da sua felicidade em risco, Denise... O seu coração e o seu afeto por Leslie poderão perdê-lo!

IVES — Meu Deus!...

DENISE — Que foi, Ives?

Técnica: música impressionante em back-ground.

IVES — Falando nesses dois malditos... Olhe!... Daqui da janela, senhor Alain!...

Contra-regra: toc-toc de muletas cinco segundos.

ALAIN — Zimmerman... Picot... e...

DENISE — Ele? Leslie?

ALAIN — Seu marido, querida...

IVES — E caminham para aqui...

DENISE — Oh!... Deus!... Que hora amarga é essa!... Dai-me forças... Sinto que as lágrimas vão explodir dos meus olhos, Alain!...

ALAIN — Nunca!... Isso não pode acontecer, Denise... A Gestapo vem aqui para uma acareação...

IVES (passos precipitados) — Miserável!... Esse corcunda!... Senhor Alain!... Rogo-lhes!... A minha vida nada mais vale!... Não me aceitaram pela idade para derramar o meu sangue nos campos de batalha!... Dai-me essa oportunidade, senhor!... Só essa!... Servirei à França tanto como se fosse um soldado!...

ALAIN — Oportunidade? Que oportunidade queres Ives?...

IVES — Trago isto guardado no meu peito há muito tempo... Dentro de minha camisa... junto à minha pele...

ALAIN — Esse punhal?

IVES — Sim... noite e dia... noite e dia... Não tenho medo de morrer... não fiz isso há mais tempo, para não perder o meu general e a família.

ALAIN — Para que êsse punhal, Ives?

IVES — Para enterrar no coração... até o cabo...

ALAIN — De quem?

IVES (cuspindo) — Dêsse maldito Picot!

ALAIN — Não!...

IVES — Senhor!... Rogo-lhe, em nome da pátria vilipendiada!... Somos franceses!... O sangue nos ferve nas veias clamando vingança!

ALAIN — Guarde êsse punhal numa gaveta... vamos!...

DENISE — Sim... Sim... Ives... eu também quis fazer o mesmo, meu bom Ives... Eu sabia que êste monstro e repugnante indivíduo ia perder-nos.

ALAIN — Guarde o punhal, Ives!... Não ouviu?... Aí, não!... Numa gaveta... Contigo, não!... Numa gaveta!...

Contra-regra: passos distantes.

ALAIN — Atenção, minha irmã... Lembre-se de que a vida do seu marido depende exclusivamente do controle de suas emoções, ouviu?

DENISE (murmurando) — Oh!... Meu Deus!... Forças de alma!...

ALAIN — Convença a você mesma que não conhece o seu marido... Ele é para você um estranho... Leon Vertraest... um jardineiro belga... um refugiado...

DENISE — Sim... um refugiado belga... não é meu marido... é um jardineiro... Leon... Leon... Leon... Vertraest... Leon Vertraest... Leon...

Contra-regra: pancadas discretas na porta.

ALAIN (baixinho) — Pode abrir a porta, Ives...

Contra-regra: passos lentos: girar de maçaneta.

ZIMMERMAN — Com licença!... (pausa) — Oh!... Senhor Alain de Kergueven... Com licença, madame Westbury...

ALAIN — Sinto muito não levantar-me da cadeira, porque estou ressentindo muito do meu ferimento hoje!

ZIMMERMAN — Leon!... Entral!...

Contra-regra: passos lentos.

ZIMMERMAN — Dois homens do lado de fora... a maior vigilância possível!...

VOZES — Ya, doctorr...

Contra-regra: passos pesados que se afastam.

ZIMMERMAN — Feche a porta, Picot.

Técnica: música impressionante, em back-ground.

ZIMMERMAN — Madame Westbury... Sinto muito ser obrigado a uma pequena acareação... A Gestapo desconfia dêste homem!...

DENISE — De Leon?

PICOT — Dêle, sim... ela sabe muito!...

DENISE — Ignoro isso, senhor doctorr... Leon cuida apenas dos serviços que meu pai contratou, para fazer na horta e no jardim do castelo.

ZIMMERMAN — Madame Westbury... nós descobrimos que no barracão onde mora e onde ficam guardados os instrumentos de jardinagem, há uma passagem secreta, bem dissimulada no assoalho... E que essa passagem tem comunicação, por via subterrânea, com o castelo de Kergueven.

ALAIN — Via subterrânea? Estranho... nós... os donos do castelo, desconhecíamos isso!...

ZIMMERMAN — Não acredito!

ALAIN — Se é uma função da polícia alemã não acreditar, não me ofendo, doutor... Mas que prezo a minha palavra de homem, disso não tenha a menor dúvida!

ZIMMERMAN — Não disse com intenção de ofendê-lo, senhor Alain de Kergueven... Tenho do Estado Maior alemão em Benoet as melhores referências a seu respeito... principalmente do chefe do Estado Maior, general Lehnback...

ALAIN — Ainda bem que reconhece isso.

PICOT — Ele não é espião... mas... êle viu o espião na noite em que ia fugir.

LEON — Mente, corcunda do inferno!

ZIMMERMAN — Cale a boca, Leon Vertraest...

ALAIN — Permite de minha parte uma apreciação sobre êsse caso, doutor Zimmerman?

ZIMMERMAN — Pode falar, senhor Alain?

ALAIN — Esse pobre homem nada tem a ver com o caso... Ele naturalmente não conhecia a saída ou entrada secreta da qual fala o senhor doutor Zimmerman ter procurado se ocultar da polícia o espião que acabam de prender... Não sabia... assim como nós que vivemos e somos senhores do castelo não sabíamos... Este homem está inocente!...

ZIMMERMAN — Mas onde estava você na noite em que ele foi perseguido, Leon?

LEON — Não posso me lembrar com precisão...

ZIMMERMAN — Estava no barracão?

LEON — Não... Teria percebido a presença do espião francês.

PICOT — Onde estava você a essa hora?

LEON — Cuidando do jardim.

PICOT (rindo) — Cuidando do jardim de noite? (ri).

ZIMMERMAN — Sim, Leon... Cuidando do jardim àquela hora da noite?

DENISE — Muitas vezes cuidava... Eu testemunho isso, senhor... e muitas vezes eu pedi ao Leon para ver uma outra roseira...

PICOT — À noite? À noite, doctorr?

ZIMMERMAN — Bem, isso é comum, Picot... Lembro-me que um amigo meu na Alemanha, apaixonado por flores, às vezes saía da cama de madrugada para cuidar do jardim...

ALAIN — Este homem não tem culpa, doutor Zimmerman... Está inocente.

PICOT — Bem... eu sabia que estava inocente, doctorr... mas sempre é bom não confiar muito...

ZIMMERMAN — Sabem que o espião vai ser fuzilado amanhã?

DENISE — Oh!... Pobre homem!

ZIMMERMAN — Conhece o capitão Detang?

DENISE — Eu... eu não!...

PICOT — A senhora ficou tão penalizada como se fôsse um parente!

DENISE — Corcunda Picot!... Lembre-se de que ele é um francês como eu e você! Ouviu? Um francês!...

PICOT — Eu sou colaboracionista!...

ALAIN — Pena de morte, doutor...

PICOT — Não!... Melhor ainda... fuzilamento... (risada).

DENISE — Oh!... Pelo amor de Deus, senhor...

Contra-regra: risada nervosa e sacudida de Picot.

DENISE — Isto é horrível!... Privem-me dêsse horrível espetáculo, doutor Zimmerman... olhe... como é monstruosa a alma dêsse corcunda... O prazer dêle é tanto em sentir a destruição de outro homem, que chegam a vir-lhe lágrimas aos olhos...

PICOT — Fui eu que vi... Quase que o segurei!... (ri) Amanhã... grande espetáculo!...

ZIMMERMAN (passos) — Soldados!...

Contra-regra: passos fortes.

ZIMMERMAN — Podem ir!...

Contra-regra: bater de saltos e passos pesados cadenciados que se afastam.

ZIMMERMAN — Leon!... Pode ir... Agradeça aí ao testemunho do senhor Alain de Kergueven... Pode ir...

LEON — Precisa de alguma coisa, minha senhora?

DENISE — Não, Leon Vertraest... Logo mais às seis... preciso recomendar-lhe alguma coisa sobre o caramanchão próximo aos platanos...

LEON — Perfeitamente, madame Westbury... Com licença!...

ZIMMERMAN (passos) — Um momento, Leon...

LEON — Doutor...

ZIMMERMAN — Não poderá mais sair à noite... mesmo para trabalhar sem me cientificar... ouviu?

LEON — Sim, senhor, doctorr... Posso ir...

Contra-regra: passos lentos e bater de porta.

PICOT — Posso ir, doctorr... ou ainda precisa de mim?

ZIMMERMAN — Não, Picot... Acho que debes descansar um pouco... estou te achando muito pálido... Não estás bom de saúde, meu bom Picot...

PICOT — E' o fígado...

ZIMMERMAN — Amanhã levá-lo-ei ao dr. Weiser... Ele lhe dará um bom remédio... Pode ir, Picot...

PICOT — Até logo... até logo...

Contra-regra: passos cambaleantes.

ZIMMERMAN — Pobre homem... Não sei por que o detestam tanto... O fato de ser um francês e compreender o grande sistema político do nosso grande fuehrer, não é bastante...

DENISE — Apenas por ser francês, doutor!...

ALAIN — Não pensemos mais nisso, querida irmã...

ZIMMERMAN — O tempo dirá, meus amigos... Depois de germanizada a Europa, verão quanto estavam enganados a respeito da nossa super-raça!...

ALAIN — Fuzilam amanhã o capitão Detang?

ZIMMERMAN — Ao romper do dia...

ALAIN — Sem um julgamento?

ZIMMERMAN — Espião não merece essa honra, senhor Alain de Kergueven...

DENISE — Amanhã... matam êsse homem?

ZIMMERMAN — Matam, não, madame Westbury... Fuzilamos o capitão Detang...

ALAIN — Ele não revelou nada? Não indicou cúmplices?

ZIMMERMAN — Ninguém... não disse uma palavra!... Um homem!... Pela primeira vez admirei um inimigo!...

ALAIN — Foi torturado?

ZIMMERMAN — Oh!... Senhor Alain... nós não fazemos dessas coisas bárbaras... Somos os defensores da cultura!... Somos o símbolo de uma civilização!... Por que iríamos tratar com crueldade os nossos prisioneiros?

DENISE — Matam amanhã o capitão Detang?...

ZIMMERMAN — Perdão, madame Westbury... enganou-se mais uma vez... Fuzilamos amanhã ao romper do dia o capitão Detang, oficial da Legião Estrangeira...

INTERLÚDIO

Técnica: música impressionante cena dum cárcere.

ZIMMERMAN — Mais uma vez... Detang... mais uma oportunidade... O general Lembach concede-lhe essa chance inapreciável... Quem são os seus cúmplices em Benoet? Salvará a vida... cumprirá apenas um estágio num campo de concentração na Alemanha... até o fim da guerra... Salvará a sua vida!...

PICOT — Fale, capitão... Fale... a vida é uma só...

ZIMMERMAN — Vamos... O dia começa a clarear... olhe... as montanhas começam a se tingir... O dia vai romper...

PICOT — Fale... a vida ou a morte está na sua boca... fale. Quem são os outros?

DETANG — Ninguém.

ZIMMERMAN — Quem são os seus cúmplices?

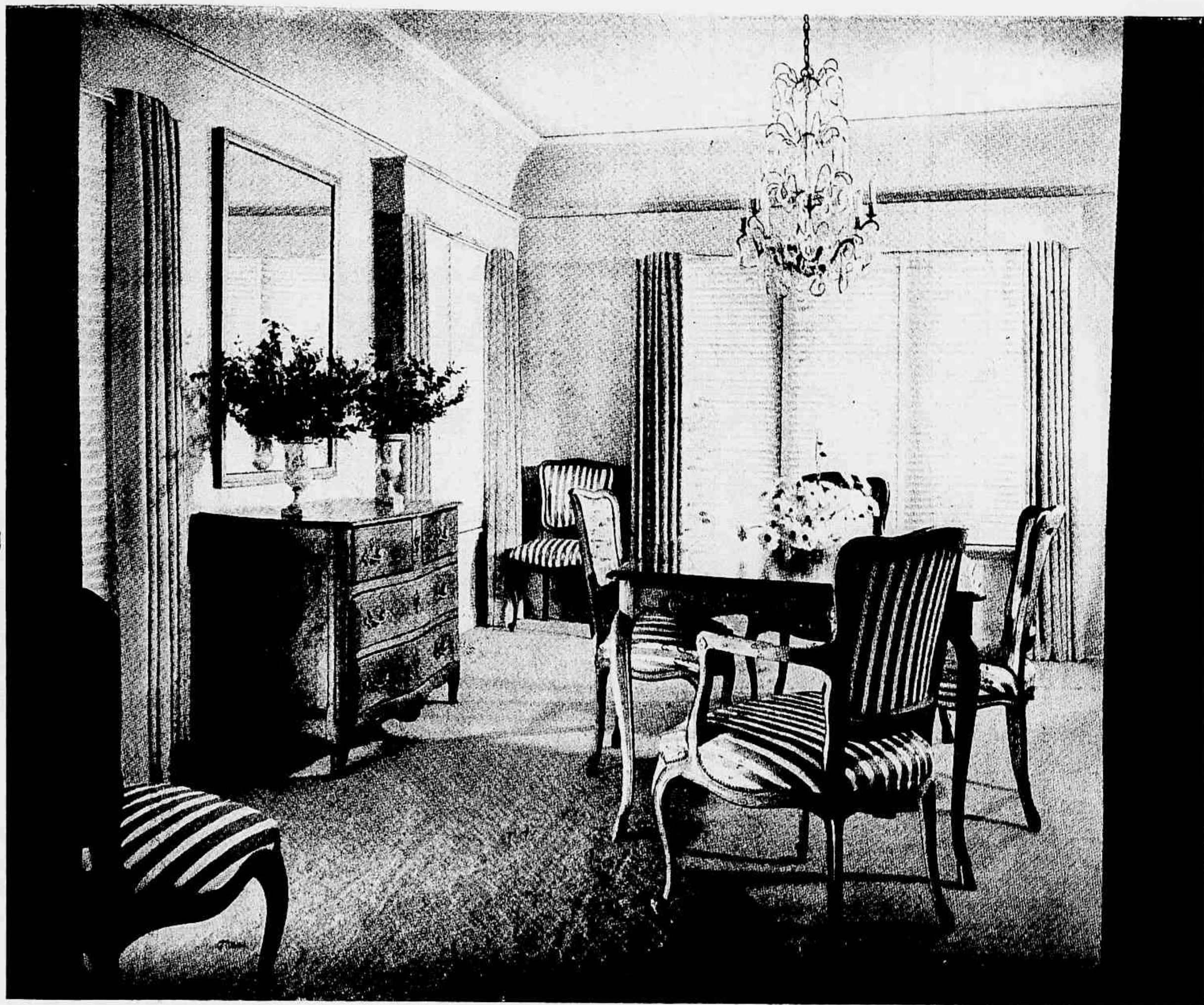
DETANG — Quero ficar os minutos que me restam em paz!... Saíam todos!... Quero ficar em paz!... Sozinho... respeitem... respeitem os últimos instantes dum homem!... Respeitem a morte!...

ZIMMERMAN — Vamos, Picot... Considero a sua morte, capitão Detang, um legítimo suicídio!...

DETANG — Eu morrerei acreditando em mais um assassinato que fazem os alemães... Falei de mais... quero ficar sozinho...

PICOT — Quero ficar perto dêle... Pode ser que ele me conte antes de romper o dia!...

ZIMMERMAN — Não se aborrece de ter em sua companhia Picot?



SIMPLICIDADE E CONFORTO

Os arabescos bem trabalhados do lustre, a disposição das mesas e das cadeiras, a perfeição dos adornos, tudo nos faz admirar esta notável sala de jantar, que se não é luxuosa e rica apresenta porém uma arte perfeita e singela, que dá á primeira vista, uma sensação nítida de conforto e bem estar.

As cadeiras são forradas de veludo vermelho-branco, combinando-se o seu colorido com o das flores dispostas nos vasos de porcelana colocados sobre o "etajaire" e a mesa central.

Nas paredes vazias, apenas um grande espelho sem moldura, de grande efeito ornamental.

GRANDE

VENDE DE ANIVERSARIO

*novidades em tecidos para decoração
variedades em artigos para presentes*

ASA
MARCA

UNIES
REGISTRADA

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



25!

ANIVERSÁRIO
GRANDE EDIÇÃO
PARA 1945

A' VENDA



HISTÓRIA DO PAPADO — Concílio de Nicéia. A guarda suíça do Papa. Marcha papal. Lista cronológica dos Papas. Os anti-papas. Nacionalidade dos Papas. E muitos outros assuntos no "**ALMANAQUE EU SEI TUDO**" de 1945, à venda em toda parte. Preço **Cr\$ 10,00**. Atende-se pelo reembolso.

MIGUEL H.

Almanaque EU SEI TUDO

COMPANHIA EDITORA AMERICANA -- MARANGUAPE, 15 -- RIO